

LUIZ FABIO DIMOV

A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO
CONTÍNUA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA:
Concepções, Motivações e Contribuições para a Prática Docente

SÃO PAULO

2018

LUIZ FABIO DIMOV

A IMPORTÂNCIA DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA FORMAÇÃO
CONTÍNUA DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA:
Concepções, Motivações e Contribuições para a Prática Docente

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Especialização em Formação de Professores – Ênfase no Ensino Superior – do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus São Paulo, para obtenção do título de Especialista.

Área de Concentração: Educação
Linha de Pesquisa: Extensão Universitária como modalidade de formação de professores

Orientador: Prof. Dr. Fernando Santiago dos Santos

Co-orientadora: Profa. Dra. Rosana dos Santos Jordão

SÃO PAULO

2018

LUIZ FABIO DIMOV

A Importância da Extensão Universitária na Formação Contínua de Professores da Educação Básica: Concepções, Motivações e Contribuições para a Prática Docente

Monografia de conclusão de curso apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Especialização em Formação de Professores – Ênfase no Ensino Superior – do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus São Paulo, para obtenção do título de Especialista.

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: Extensão Universitária como modalidade de formação de professores

Data de aprovação: ____/____/_____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Fernando Santiago dos Santos

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – *Campus* São Roque

Profª. Dra. Rosana dos Santos Jordão

Universidade Presbiteriana Mackenzie – *Campus* São Paulo

Profª. Dra. Alda Roberta Torres

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – *Campus* São Paulo

Catalogação na fonte
Biblioteca Francisco Montojos - IFSP Campus São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D582i	<p>Dimov, Luiz Fabio</p> <p>A importância da extensão universitária na formação contínua de professores da educação básica: concepções, motivações e contribuições para a prática docente / Luiz Fabio Dimov. São Paulo: [s.n.], 2018. 130 f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Fernando Santiago dos Santos</p> <p>Monografia (Especialização em Formação de Professores com Ênfase no Ensino Superior) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, IFSP, 2018.</p> <p>1. Educação Básica. 2. Extensão Universitária. 3. Formação Contínua. 4. Formação de Professores. 5. Universidade. I. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo II. Título.</p> <p>CDD 378</p>
-------	---

Aos meus bons professores
Aos bons professores
[Enfim, aos professores comprometidos]

Aos meus pais
Aos meus avós

Agradecimentos

Durante a especialização Formação de Professores – Ênfase no Ensino Superior – eu aprendi muito. Tive a oportunidade de participar de aulas, estudos, discussões e conversas muito enriquecedoras. Neste período, passei por momentos muito importantes para a minha vida pessoal e profissional, por exemplo, estive desempregado e me efetivei como professor da Prefeitura de São Paulo. E muitas pessoas me apoiaram, ajudaram e aprenderam e ensinaram junto comigo. Por esse motivo, com toda sinceridade, agradeço a todos que de algum modo participaram comigo nessa etapa tão importante. Em especial, eu gostaria de agradecer:

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia São Paulo (IFSP) pela oportunidade de educação de qualidade.

Aos meus queridos orientadores. À Profa. Dra. Rosana dos Santos Jordão, muito obrigado pela amizade, compreensão, incentivos e todos ensinamentos. Ao Prof. Dr. Fernando Santiago dos Santos, muito obrigado pela confiança, compreensão, dicas e apoio.

Aos bons professores. Especialmente a todos os meus bons professores, os quais realmente se preocuparam e se preocupam com a Educação. Vocês merecem reconhecimento.

Agradeço em especial à Profa. Dra. Magda Medhat Pechilye, à Profa. Dra. Rosana dos Santos Jordão, ao Prof. Dr. Adriano Monteiro de Castro, ao Prof. Dr. Edson Aparecido Liberti, à Profa. Dra. Alda Roberta Torres e a Profa. Dra. Amanda Cristina Teagno Lopes Marques. Vocês são inesquecíveis na minha formação como profissional e como pessoa.

A todos membros e ex-membros do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Perspectiva Biológico-Cultural no Ensino de Ciências e de Biologia da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Estive com vocês por quase seis anos e aprendi muito com vocês. Vocês formam um lindo grupo de pesquisa de professores e biólogos preocupados com o ensino de Ciências e Biologia. Muito obrigado pelo apoio e por contribuir com dados desta pesquisa. Sem vocês este estudo não existiria.

Aos meus colegas do curso de especialização em Formação de Professores – Ênfase no Ensino Superior – do IFSP. Eu nunca estive em uma sala tão heterogênea. E isso foi muito rico para mim. Os compartilhamentos diversos de experiências e

vivências foram muito especiais e enriquecedores, sem contar que os estudos e as discussões realizadas no curso foram muito preciosos, engrandecedores e incentivadores.

Aos meus familiares e a todos meus amigos, que são importantíssimos em todos os momentos. Em especial aos amigos Jacque, Fernanda, Anderson, Eduardo, Leonardo, Anna, Romário, Adriano, Elaine, Eloá e mais uma Elaine. E às representantes da família, as pequenas Thaís Kiyoko, Amanda Akemi, Maria Luiza e Ana Julia. Meninas, vocês não têm ideia de como me fizeram crescer e a amar.

E, por fim, à base de tudo. Agradeço ao meu pai e a minha mãe. E aos meus avós. Muito obrigado pela amizade, amor, apoio... por tudo!

[Para inspiração em nossos tempos, que estão difíceis]

poética

*tem duas etapas o nosso ofício;
repita sempre pra não esquecer-las:*

*engolir dragões,
vomitar estrelas;*

*engolir dragões,
vomitar estrelas*

Yuri Cortez (A Guerra, 2018).

[Para reflexão e inspiração em nosso ofício, que está difícil]

Um desses sonhos por que lutar, sonho possível, mas cuja concretização demanda coerência, valor, tenacidade, senso de justiça, força para brigar, de todas e de todos os que a ele se entreguem é o sonho por um mundo menos feio, em que as desigualdades diminuam, em que as discriminações de raça, de sexo, de classe sejam sinais de vergonha e não de afirmação orgulhosa ou de lamentação puramente cavilosa. No fundo, é um sonho sem cuja realização a democracia de que tanto falamos, sobretudo hoje, é uma farsa.

Que democracia é esta que encontra para a dor de milhões de famintos, de renegados, de proibidos de ler a palavra, e mal lendo seu mundo, razões climáticas ou de incompetência genética?

Paulo Freire (Política e Educação, 2001).

RESUMO

A Extensão Universitária é uma demanda legal para as universidades, uma vez que a Constituição Federal de 1988 assegura a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão nestas instituições de ensino superior. A Extensão Universitária também é uma importante modalidade de formação contínua de professores. Estes profissionais realizam cursos de formação contínua com diversas finalidades, como o aprimoramento de conhecimentos e interesse em evolução funcional. Considerando a importância de se estudar sobre a Extensão Universitária e a formação contínua de professores, este trabalho tem como objetivo geral: “Investigar o que pensam professores da Educação Básica sobre cursos de Extensão Universitária”. Para alcançar este objetivo, três sujeitos de pesquisa foram entrevistados visando conhecer a concepção de Extensão Universitária deles, bem como conhecer os motivos que levam este grupo a realizar cursos de Extensão Universitária e compreender quais as contribuições destes cursos às suas práticas docentes. As entrevistas foram gravadas e transcritas literalmente. Após leitura das transcrições, reflexões foram realizadas e os dados foram agrupados em três categorias, segundo um critério comum, para análise. Em relação à concepção de Extensão Universitária, os professores entrevistados a entendem como uma instância em que conhecimento que é produzido pela universidade (professores e graduandos pesquisadores) é divulgado para fora dela (comunidade), sendo uma oportunidade de formação contínua para profissionais, inclusive professores, que precisam aperfeiçoar seus conhecimentos. No que diz respeito às motivações que levam os professores a realizar cursos de Extensão Universitária, foi relatado que o conhecimento é o principal motivador. Com esta preocupação, eles procuram cursos em instituições de confiança e que estimulam sua reflexão para melhorar suas práticas docentes. Observou-se também que os entrevistados não fariam qualquer curso apenas para fins burocráticos e que cursos podem ser uma oportunidade de articular redes de contatos de profissionais da mesma área. Quanto às contribuições de cursos de Extensão Universitária para prática docente, percebe-se que os professores entrevistados consideram a reflexão teórica e a reflexão sobre as suas práticas importantes para se repensar e re-elaborar suas práticas docentes. Neste sentido, o estudo teórico é destacado por contribuir para a construção de novos conhecimentos alicerçados nas análises das práticas, permitindo o enriquecimento de repertório e melhoria de ensino. Como cursos de Extensão Universitária contêm participantes profissionais, eles são diferentes da formação inicial, pois neles há a oportunidade do compartilhamento de vivências. Assim, como os participantes dos cursos já têm experiências práticas, possibilita-se um espaço rico de discussões e construção de novos conhecimentos a partir das reflexões destas experiências. Ainda, três contribuições concretas de cursos de Extensão Universitária foram destacadas. A primeira concerne sobre o estudo de cronobiologia de adolescentes que levaram a professora a ser mais dinâmica e flexível com as situações de sonolência; a segunda relaciona-se ao fato da experiência de um curso de Extensão Universitária ser importante para que um professor passasse a dar mais oportunidades de argumentações aos seus alunos; e a terceira refere-se à oportunidade de uma professora conhecer o método de co-avaliação e levar isso para as suas práticas na Educação Básica.

Palavras-chave: Educação Básica. Extensão Universitária. Formação Contínua. Formação de Professores. Universidade.

ABSTRACT

The College Extension is a legal demand to Universities, since the Federal Constitution of 1988, assuring the inseparability between teaching, research and extensions on high education institutions. The College Extension is an important tool for continuing education to teacher. These professionals take part in courses of continuing training with many objectives, i.e., knowledge enhancement and functional evolution. Considering the importance of studying College Extension and continuing teacher training, this current work has as objective: "To investigate what teachers from Basic Education think about courses on College Extension". To achieve this goal, three subjects were interviewed, focusing to know their conception on College Extension, to understand their reasons to sign up for those classes and which contributions the courses bring to their teaching. The interviews were recorded and transcribed as is. After careful reading, many reflections were made and the data was grouped in three categories, following the same criteria, for further analysis. Regarding the idea on College Extension, the subjects understand it as moment when knowledge that is produced by the university (professors and graduate students) is spread outside it (community), making it an opportunity for continuing education, including teachers that need to meliorate their knowledge. Concerning their motivations to do College Extension, they were motivated by knowledge. With that, they searched for courses in high-level institutions, which stimulate their reflection to improve their teaching. It was noted that the interviewees won't do a course for bureaucratic purposes only, and that those should be an opportunity for networking. About the contributions the College Extension courses bring to teaching, we observed that the subjects consider theoretical discussion and reflection about their teaching, important to rethink and reconsider their own practice. With that in mind, theoretical study plays a pivotal role on construction of new knowledge that is linked to teaching skills, leading to repertoire enrichment and better teaching. Since College Extension courses have professional followers, they have heterogeneous starts, being an important moment to exchange experiences. The participants have practical experience, allowing it to be an environment with many discussions and construction of new knowledge from those reflections. Furthermore, three main contributions from College Extension were noted. First, about teenager's chronobiology study, which lead the teacher to be more dynamic and flexible, when students were tired; second is from the experience that College Extension is important for the teacher to create more arguments to their students; and last, is about a subject that learned about the co-evaluation method and will apply it on her own teaching.

Palavras-chave: Basic Education. College Extension. Continuing Education. Teacher Training. University.

SIGLAS

FORPROEX – Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades
Públicas Brasileiras

GEPECBio - Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Perspectiva Biológico-Cultural no
Ensino de Ciências e de Biologia

MG – Minas Gerais

UNE – União Nacional dos Estudantes

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	12
2.	OBJETIVOS.....	14
2.1	Objetivo Geral	14
2.2	Objetivos Específicos.....	14
3.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
3.1	Breve histórico da Extensão Universitária na legislação brasileira e do conceito 15	
3.2	Extensão Universitária como modalidade de formação contínua de professores 21	
4.	PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS	24
4.1	Contexto da pesquisa	24
4.2	Seleção dos sujeitos de pesquisa	25
4.3	Entrevistas	25
4.4	Organização e análise dos dados	26
4.5	Procedimentos éticos	27
5.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
5.1	Concepção de Extensão Universitária	28
5.2	Motivações para realização de cursos de Extensão Universitária	36
5.3	Contribuições de cursos de Extensão Universitária para prática docente.....	45
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	59
	APÊNDICE A.....	64
	APÊNDICE B.....	66
	APÊNDICE C.....	84
	APÊNDICE D.....	106
	APÊNDICE E.....	129

1. INTRODUÇÃO

A Extensão Universitária é uma demanda legal para as universidades, uma vez que a Constituição Federal de 1988 assegura a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão nestas Instituições de Educação Superior (BRASIL, 1988, art. 207).

Antes associada ao assistencialismo e atrelada à disseminação de conhecimentos, prestação de serviços e difusão cultural, a Extensão Universitária sofreu uma ressignificação na década de 80 com a consolidação da tríade ensino, pesquisa e extensão. A partir deste momento histórico, a Extensão Universitária se institucionalizou e em uma perspectiva processual passou a assumir o papel de interligar as atividades de ensino e de pesquisa com as demandas da sociedade (PNExt¹, 2000/2001; NOGUEIRA, 2001; CARBONARI; PEREIRA, 2007; PNExt², 2012; RODRIGUES, 2015; UNE, s.d.).

Dentre os três alicerces da universidade, historicamente a Extensão é a menos valorizada. Em meio à grande variedade de universidades é muito comum encontrar instituições que privilegiam o ensino e, principalmente, instituições que privilegiam a pesquisa, deixando a extensão em terceiro plano (SANTIN, 1988; CUNHA, 2007; FRAGELLI *et al.*, 2014). No entanto, embora menosprezada, a extensão tem grande importância por favorecer, com participação da comunidade, o exercício da cidadania a favor da superação de problemas sociais (PNExt, 2000/2001).

A Extensão Universitária também é uma importante modalidade de formação contínua de professores. Estes profissionais realizam cursos de formação contínua com diversas finalidades, podendo ter como objetivo tanto o aprimoramento de conhecimentos e/ou do senso crítico-reflexivo, quanto apenas para fins burocráticos, como o interesse exclusivo em evolução funcional ou manutenção do emprego.

Da mesma maneira que a Extensão Universitária, a formação de professores também sofre desvalorização. Como consequência, tem-se uma formação inicial com sérias deficiências. É muito comum encontrarmos currículos que, embora proponham discussões das propostas e tendências atuais de ensino, ofereçam poucas oportunidades

¹ PNExt, 2000/2001: Plano Nacional de Extensão Universitária de 2000/2001

² PNExt, 2012: Política Nacional de Extensão Universitária de 2012.

de reflexão crítica sobre a ação docente em um ambiente que valorize a articulação entre teoria e prática (ALMEIDA, 2005; NUNES; JESUS, 2013; SOUZA *et al.*, 2014).

Assim, a formação contínua de professores em um espaço que permita um momento, mesmo que pontual, de reflexão sobre a práxis docente é importante para a melhoria da formação destes profissionais. Um local favorecido para esta formação é a universidade, por ser um espaço privilegiado de produção do conhecimento em que se podem articular os conhecimentos teóricos e práticos.

Frente a tantos problemas, estudar sobre a Extensão Universitária e a formação contínua se faz necessário. Neste sentido, este trabalho se propõe a compreender sobre uma realidade específica – idiográfica – de um grupo de professores da Educação Básica que participaram de um curso de Extensão Universitária.

2 OBJETIVOS

Dado o exposto, os objetivos do presente estudo são apresentados a seguir:

2.1 Objetivo Geral

- Investigar o que pensam professores da Educação Básica sobre cursos de Extensão Universitária;

2.2 Objetivos Específicos

- Conhecer e analisar as concepções de um grupo de professores da Educação Básica sobre a Extensão Universitária, bem como sua visão acerca da relevância desse tipo de curso.
- Conhecer os motivos que levam um grupo de professores da Educação Básica a realizar cursos de Extensão Universitária.
- Compreender quais as contribuições que professores da Educação Básica atribuem a cursos em geral e a um curso específico de Extensão Universitária.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este item apresenta um breve histórico da Extensão Universitária na legislação brasileira e do conceito Extensão Universitária, bem como oferece ao leitor uma discussão sobre a Extensão Universitária como modalidade de formação contínua.

3.1 Breve histórico da Extensão Universitária na legislação brasileira e do conceito

A Extensão Universitária surgiu na Inglaterra no século XIX, atrelada à ideia de uma Educação contínua para adultos que estavam fora da universidade (NOGUEIRA, 2001). Anos mais tarde, baseada no modelo inglês, algumas atividades extensionistas começaram a ser desenvolvidas nos Estados Unidos mediante prestação de serviço na área rural e na área urbana (SOUSA, 1995).

Na América Latina, a Extensão Universitária, seguindo o modelo de universidade francesa, inicialmente serviu como meio de consolidação da ordem vigente e não como agente de transformação. A universidade francesa teve grande influência na forma de organização das universidades latino-americanas. A pesquisa era desenvolvida fora de seus limites, sendo o seu foco o ensino especializado em que cada profissão era aprendida em uma faculdade. Com esta organização, a Extensão Universitária era realizada dentro destas faculdades isoladas (SOUSA, 1995; DE PAULA, 2002).

O grande marco na luta pela reforma das universidades latino-americanas se deu com o Manifesto de Córdoba, na Argentina, em 1918, como resultado de uma iniciativa de estudantes e contribuiu para a transformação destas instituições ao atribuí-las maior compromisso social (SOUSA, 1995). Esta reforma é considerada um marco na história das universidades latino-americanas pelo pioneirismo na constituição de um modelo institucional que conferiu uma identidade e uma atuação renovada na Educação Superior (FREITAS NETO, 2011).

No Brasil, as primeiras experiências de Extensão Universitária foram influenciadas por dois modelos. Um europeu, acentuando a realização de cursos e outro norte-americano com ênfase na prestação de serviços. Entre 1911 e 1917 na Universidade Popular da Universidade Livre de São Paulo ocorreram gratuitamente conferências e semanas abertas ao público em geral. Há também registros da década de

1920, na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa/MG e na Escola Agrícola de Lavras/MG, de atividades de extensão voltadas para a prestação de serviços na área rural, por meio de assistência técnica a agricultores (SOUSA, 1995; NOGUEIRA, 2001). Estes dois modelos estão presentes na Extensão Universitária brasileira até os dias atuais.

Segundo Sousa (1995) a primeira menção do termo Extensão na legislação brasileira ocorreu no primeiro Estatuto das Universidades Brasileiras, Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. O conteúdo deste decreto contemplava que a Extensão Universitária seria efetivada por meio de cursos e conferências de caráter educacional ou utilitário e a designava para a difusão de conhecimentos filosóficos, artísticos, literários e científicos em benefício do aperfeiçoamento individual e coletivo (BRASIL, 1931, art. 42 e art. 109).

De acordo com Nogueira (2001), nesta época, a legislação vigente estabelecia que a universidade devesse elevar o nível de cultura geral da população e a extensão, levar os benefícios da universidade aos cidadãos que não estavam diretamente vinculados a ela. No entanto, para esta mesma autora, as atividades desenvolvidas serviram apenas para ampliar a divulgação dos cursos das universidades e complementar a formação de seus alunos e egressos. Desta maneira, as classes populares, que não tinham poder econômico nem político, continuaram excluídas do ambiente universitário.

O termo Extensão voltou a aparecer, de maneira limitada, na primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961 (LDB/61). O art. 69 estabelecia:

Art. 69. Nos estabelecimentos de ensino superior podem ser ministrados os seguintes cursos:

[...]

c) de especialização, aperfeiçoamento e **extensão**, ou quaisquer outros, a juízo do respectivo instituto de ensino abertos a candidatos com o preparo e os requisitos que vierem a ser exigidos (BRASIL, 1961, grifo nosso).

Considerando o conteúdo destacado da lei, nota-se apenas a indicação da possibilidade de Instituições de Educação Superior ministrarem cursos de Extensão Universitária. Em relação ao público destes cursos, de certa forma, ele foi reduzido

ainda mais a uma clientela já vinculada às universidades, sejam estudantes regulares ou portadores de diplomas universitários (NOGUEIRA, 2001).

A criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), organização política e estudantil brasileira representante de alunos do ensino superior, em 1937, marcou o início de um momento histórico importante para a formação, instalação e consolidação do movimento estudantil organizado. Alguns movimentos da década de 1960 foram de suma importância para o desenvolvimento de ações de extensão comprometidas com as classes mais populares, mas não de maneira assistencial e, sim, com a intenção de conscientizar a população sobre seus direitos (NOGUEIRA, 2001; UNE, s.d.). Neste sentido, a UNE teve papel importante na proposta de uma universidade aberta para a sociedade e compromissada com as classes populares.

Dois grandes eventos ocorridos no início da década de 1960 marcaram um momento de intensas discussões sobre a Reforma Universitária e deram origem a importantes documentos de encaminhamento. O 1º Seminário Nacional da Reforma Universitária ocorreu na Bahia em 1961 e teve como resultado a produção da Declaração da Bahia. O II Seminário Nacional da Reforma Universitária, por sua vez, foi realizado no Paraná em 1962 e suas teses se consubstanciaram na Carta do Paraná (POERNER, 2004).

A Declaração da Bahia definiu três objetivos básicos:

- 1) a luta pela democratização do ensino, com acesso de todos à educação, em todos os graus;
- 2) a abertura da universidade ao povo, mediante a criação de cursos acessíveis a todos: de alfabetização, de formação de líderes sindicais (nas faculdades de Direito) e de mestres-de-obras (nas faculdades de Engenharia), por exemplo; e
- 3) a condução dos universitários a uma atuação política em defesa dos direitos operários (POERNER, 2004, p.176).

Neste contexto, chama a atenção o fato de a luta pela Reforma Universitária, prosperada pela UNE ser parte de uma progressiva aproximação das lutas estudantis pela transformação brasileira, com mobilização dos estudantes nas campanhas de alfabetização de adultos, a partir do método desenvolvido por Paulo Freire, e com engajamento a favor dos direitos do trabalhador (DE PAULA, 2013). O movimento estudantil também deixava claro que seu objetivo era colocar a universidade em função

do povo, fazendo com que desempenhasse também esta parte de sua função social, além de ensino e pesquisa (SOUSA, 1995).

Em relação à Carta do Paraná, como resultado do II Seminário Nacional da Reforma Universitária, tem-se que a maior novidade ancorada por este documento foi os estudantes assumirem a luta da inclusão da Reforma Universitária entre as Reformas de Base do governo João Goulart, uma vez que foi entendido que nada se transformaria sem uma mudança de estrutura (SOUSA, 1995; POERNER, 2004).

Em 1968, uma Reforma Universitária foi efetivada com a promulgação da Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968, a qual assegurou autonomia didático-científica, disciplinar, administrativa e financeira às universidades (BRASIL, 1968, art. 3º). Representando um grande avanço na Educação Superior brasileira, tal legislação instituiu um modelo organizacional único para as universidades públicas e privadas, mas não garantiu destaque da extensão dentro destas instituições, como podemos observar no texto da lei apresentado a seguir:

Art. 20. As universidades e os estabelecimentos isolados de ensino superior estenderão à comunidade, sob forma de cursos e serviços especiais, as atividades de ensino e os resultados da pesquisa que lhes são inerentes.

[...]

Art. 40. As instituições de ensino superior:

- a) por meio de suas atividades de **extensão**, proporcionarão aos corpos discentes oportunidades de participação em programas de melhoria das condições de vida da comunidade e no processo geral do desenvolvimento (BRASIL, 1968, grifo nosso).

Observa-se no art. 20 a exigência de que Instituições de Ensino Superior divulgassem as suas atividades de ensino e os resultados da pesquisa à comunidade. Porém, nota-se também que o art. 40 abriu brecha para que a extensão fosse entendida como uma atividade opcional por parte das universidades e uma atividade social realizada por discentes voluntários (SOUSA, 1995).

A Constituição de 1988 consignou às universidades o dever de obedecer ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988, art. 207). Apesar da nossa Carta Magna não se referir mais sobre o tema, o princípio da indissociabilidade nela registrado tem papel fundamental no processo de institucionalização da Extensão Universitária.

Uma nova reforma na Educação brasileira foi instituída pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (LDB/96). Refere-se a mais nova LDB. Em seu art. 43 são especificadas as finalidades da Educação Superior. As finalidades que dizem respeito à extensão são mencionadas na citação abaixo:

[...]

VII – promover a **extensão**, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica geradas na instituição.

VIII - atuar em favor da universalização e do aprimoramento da Educação Básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de **extensão** que aproximem os dois níveis escolares (incluído pela Lei nº 13.173, de 21 de outubro de 2015) (BRASIL, 1996, art. 43, Incisos VII e VIII, grifos nosso).

A LDB/96 também garante a cada universidade autonomia para a operacionalização de sua proposta de extensão. Neste sentido, o art. 53 aponta que:

Art. 53. No exercício de sua autonomia, são asseguradas às universidades, sem prejuízo de outras, as seguintes atribuições:

III – estabelecer planos, programas e projetos de pesquisa científica, produção artística e atividades de **extensão**.

[...]

Parágrafo Único. Para garantir a autonomia didático-científica das universidades, caberá aos seus colegiados de ensino e pesquisa decidir, dentro dos recursos orçamentários disponíveis, sobre:

[...]

IV – programação das pesquisas e das atividades de **extensão** (BRASIL, 1996, art. 53, Inciso III; Parágrafo Único, Inciso IV, grifos nossos).

Tendo em consideração o significativo progresso da institucionalização da Extensão Universitária, com o seu reconhecimento constitucional e indicação na LDB/96, novos avanços foram estabelecidos no Plano Nacional de Educação, Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, decênio 2014-2024 (PNE 2014), no qual é estabelecido para as universidades:

Meta 12

12.7) assegurar, no mínimo, 10% (dez por cento) do total de créditos curriculares exigidos para a graduação em programas e projetos de **Extensão Universitária**, orientando sua ação, prioritariamente, para

áreas de grande pertinência social (BRASIL, 2014, meta 12, grifo nosso).

Assim, tendo em vista o contexto legislativo apresentado, foi apenas a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 e da LDB/96 que a extensão se configurou como um elemento indispensável da identidade institucional da universidade (SOUZA, 2013).

Em consideração ao contexto histórico da Extensão Universitária na legislação brasileira, percebe-se que a compreensão tradicional desse conceito estava diretamente relacionada à disseminação de conhecimentos (cursos, conferências), prestação de serviços (assistencial, assessorias) e difusão cultural (realização de eventos científicos, artísticos e culturais). Com o fortalecimento da sociedade civil, sobretudo nos domínios envolvidos com as classes populares e o enfraquecimento da sociedade política nos anos 80, surgiu a possibilidade da explanação de uma nova concepção de universidade, consolidada na ressignificação das práticas de ensino, pesquisa e extensão (PNExt, 2000/2001).

Neste contexto, a Extensão Universitária, antes atrelada ao assistencialismo em uma função intrínseca à universidade, começou a ser compreendida de maneira processual, envolvida com toda a universidade, articulando o ensino e a pesquisa e se relacionando com os movimentos sociais. Assim, as ações extensionistas foram institucionalizadas nas instituições de Educação Superior brasileiras e encarregadas de interligar as atividades de ensino e de pesquisa com as demandas da sociedade, em um espaço privilegiado de produção do conhecimento para a superação das desigualdades sociais existentes. Nesta perspectiva, essa produção do conhecimento deve ser realizada na interação dos saberes acadêmico e popular, como consequência da democratização do conhecimento e com participação ativa da comunidade (PNExt, 2000/2001; PNExt, 2012; RODRIGUES, 2015).

Em consonância com esta nova concepção, os participantes do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), durante o I Encontro Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, em 1987, definiram um novo conceito para Extensão Universitária, a seguir:

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a

relação transformadora entre universidade e sociedade. A Extensão é uma via de mão-dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequências a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a Extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (FORPROEX, 1987, *apud* PNext, 2012, p.8).

De maneira mais objetiva, o FORPROEX, por meio do PNext de 2012, atualmente considera o seguinte conceito de Extensão Universitária:

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre universidade e outros setores da sociedade (PNext, 2012, p.15).

De tal modo, a atual concepção de Extensão Universitária considerada pelos documentos nacionais oficiais se relaciona a um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, comprometido com a transformação da universidade e a sociedade. Além disso, sua prática acadêmica deve respeitar a Constituição Federal de 1988 e de forma indissociável com o Ensino e a Pesquisa, promover os valores da democracia, equidade e o desenvolvimento da sociedade em suas dimensões humana, ética, econômica, cultural, social (PNext, 2012).

3.2 Extensão Universitária como modalidade de formação contínua de professores

Entende-se como formação contínua de professores um conjunto de atividades realizadas pelos docentes em exercício com intuito formativo, objetivando desenvolvimento pessoal e profissional, no sentido de preparação e aperfeiçoamento das atividades atuais e de novas. Neste sentido, essas atividades de formação devem se

dirigir a um movimento de re-elaboração das condutas dos educadores (GARCIA-ALVAREZ, 1987 *apud* MARCELO, 1995).

Espera-se também que a formação contínua de professores se desenvolva no decorrer de toda a carreira docente, demandando estudo de saberes teóricos e práticos capazes de oportunizar o enriquecimento de conhecimentos e a investigação e melhoria da própria prática docente (ALMEIDA, 2005).

De acordo com Laderrière (1981), a formação contínua pode ser realizada com diversos propósitos, destacando os seguintes:

- i. de reciclagem, relacionados com deficiências da formação inicial (seja geral ou profissional) e desenvolvimento de melhores objetivos, estruturas, conteúdos e métodos educacionais;
- ii. de melhoria nas condições de trabalho;
- iii. de preparação para uma mudança de emprego:
 - No setor da educação ou fora dele;
 - No setor da educação, com promoção, ou alteração no nível de ensino.

Tavano e Mizukami (2013) ainda tratam de outras quatro finalidades para que o profissional da Educação realize formação contínua: reflexão sobre a prática; aperfeiçoamento da pesquisa no campo da docência; fortalecimento da identidade profissional – profissionalização da carreira docente; e evolução funcional.

Além disso, cabe apresentar outras duas finalidades discutidas por Fusari e Franco (2005), sendo elas a atualização do repertório de saberes superados e envelhecidos; e o aperfeiçoamento dos conhecimentos que o sujeito já sabe, porém necessita de aprofundamento.

Para Almeida (2005) há múltiplas possibilidades de ações para a formação contínua. A autora aponta cinco ambientes em que ela pode ser realizada: na escola; na universidade; no modelo de Educação à Distância; em museus e centros culturais; e oferecidas por ONGs, sindicatos e outros organismos sociais.

No que diz respeito à Extensão Universitária como modalidade de formação contínua, tem-se que, como já discutido no tópico anterior, a institucionalização da Extensão Universitária no Brasil é recente. Apenas em 1988, com a nossa mais nova Constituição Federal, as universidades passaram a dever obedecer ao princípio de indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988, art. 207). Com a

promulgação da LDB/96, as finalidades relacionadas à extensão foram estabelecidas em lei e reforçaram a institucionalização da Extensão Universitária no país.

A Coordenação Nacional do FORPROEX por meio do livro “Extensão Universitária: Organização e Sistematização” apontou a formação de professores como uma das linhas de extensão e indicou as formas de operacionalização das ações de extensão mais frequentes para a formação docente, a saber:

Formação e valorização de professores, envolvendo a discussão de fundamentos e estratégias para a organização do trabalho pedagógico, tendo em vista o aprimoramento profissional, a valorização, a garantia de direitos trabalhistas e a inclusão no mercado de trabalho formal (BRASIL, 2007, p.30).

Dentre as finalidades da Educação Superior estabelecidas pela LDB/96, destaca-se em relação à formação contínua:

[...] formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua (BRASIL, 1996, art. 43, item II).

Almeida (2005) também explana sobre esses desígnios legais, considerando que as universidades têm ofertado grande número de oportunidades de formação contínua aos professores, uma vez que cabe a elas não apenas formar os professores para a docência, mas também proporcionar acompanhamento e continuidade à sua formação.

Por fim, ainda cabe mencionar que Tavano e Mizukami (2013) destacam a importância da formação contínua no desenvolvimento do trabalho pedagógico dos docentes e resalta as vantagens de cursos de Extensão Universitária serem rápidos e específicos, podendo implicar prontamente nas ações e atitudes dos educadores, como resultado da reflexão sobre a prática docente.

Dado o exposto, realçamos a importância da formação contínua de professores para a melhoria da Educação Básica, uma vez que a formação de estudantes é orientada pela atividade do docente e a formação contínua proporciona estudos, aperfeiçoamentos, reflexões e até valorização financeira destes professores, permitindo, deste modo, que revejam suas ações e melhorem suas práticas, ocasionando assim também a melhoria Educação como um todo.

4 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Este capítulo traz os aspectos metodológicos do presente estudo. Para tanto, ele se divide em cinco subitens que abordam o contexto da pesquisa; a maneira como os sujeitos foram selecionados; os critérios de criação e de desenvolvimento das entrevistas realizadas; a forma de organização e de análise dos dados; e considerações sobre os procedimentos éticos respeitados para o desenvolvimento do trabalho.

4.1 Contexto da pesquisa

Este estudo foi desenvolvido em colaboração com o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Perspectiva Biológico-Cultural no Ensino de Ciências e de Biologia (GEPECBio) da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Entre fevereiro de 2016 e junho de 2017, o GEPECBio desenvolveu o projeto de pesquisa: “A Biologia do Conhecer: Contribuições e Limites para a Formação Docente em Ciências e Biologia”.

Para atender aos objetivos do projeto, o grupo ofereceu um curso de extensão – A Biologia do Conhecer e o Ensino de Biologia – a professores de Ciências e Biologia, tendo como base teórica a Biologia do Conhecer, proposta por Humberto Maturana, com colaboração de Francisco Varela.

O curso foi realizado em dois sábados do mês de agosto de 2016, com uma carga horária de 16 horas presenciais e 16 horas de atividades em casa, totalizando 32 horas. Ao todo, 14 cursistas estiveram presentes nos dois sábados e, conseqüentemente, receberam certificados.

Para o desenvolvimento deste estudo, três entrevistas foram realizadas e os sujeitos da pesquisa foram selecionados dentre os 14 cursistas que participaram do curso supracitado.

4.2 Seleção dos sujeitos de pesquisa

Três sujeitos de pesquisa foram selecionados para entrevistas para o desenvolvimento deste projeto. A seguir, são apresentados os critérios de seleção destes sujeitos.

Critério 1: Ter participado do curso: “A Biologia do Conhecer e o Ensino de Biologia” ministrado pelo GEPECBio em agosto de 2016.

Critério 2: Ter realizado outros cursos de Extensão Universitária.

Critério 3: Ter um entrevistado representante de cada rede de atuação docente (particular, municipal, estadual);

Observação: Cursistas que por algum motivo tiveram contato com o GEPECBio após o curso não foram considerados aptos a serem sujeitos desta pesquisa.

Em um primeiro momento, entramos em contato com os cursistas. Os cursistas que se encaixavam nos critérios apresentados e se disponibilizaram a dar entrevistas foram submetidos a um sorteio, que selecionou os sujeitos desta pesquisa. O sorteio selecionou um cursista/entrevistado de cada rede de atuação docente (privada, municipal, estadual).

A representatividade de rede de atuação é importante, uma vez que cada uma delas pode ter regras que oportunizam efetivação de cursos, bem como garantem vantagens (aos professores) por sua realização. Assim, ter sujeitos destas três redes pode ajudar a enriquecer este estudo que procura entender as motivações e contribuições da Extensão Universitária para professores da Educação Básica.

Ao decorrer do trabalho eles são citados como E1, E2 e E3, correspondentes aos entrevistados 1, 2 e 3, sendo E1 professora da Rede Municipal; E2, na época do curso, professora da Rede Estadual e atualmente também professora da Rede Municipal; e E3 professor da Rede Privada.

4.3 Entrevistas

A entrevista como coleta de dados é amplamente utilizada em trabalhos de campo e, por meio dela, pesquisadores obtêm informações objetivas e subjetivas, pois os dados se relacionam com valores, atitudes e opiniões dos sujeitos entrevistados (BONI; QUARESMA, 2005).

Pode-se definir “entrevista” como: “um processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (HAGUETTE, 1997, p.86 *apud* BONI; QUARESMA, 2005, p.72).

As entrevistas podem ser classificadas em três grandes grupos: estruturadas, semiestruturadas e entrevistas não estruturadas (MANZINI, 1990/1991). Neste trabalho, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, uma vez que ela permite reorganizar nossos questionamentos à medida que é necessário estender as informações geradas na própria entrevista.

As entrevistas semiestruturadas se compõem de perguntas abertas e fechadas em que o entrevistado discorre sobre o tema proposto. Elas devem ser focalizadas em objetivos que orientam a confecção de um roteiro com perguntas principais previamente definidas. O entrevistador deve ficar atento para conduzir a discussão para o tema que o interessa, realizando perguntas adicionais como maneira de complementar os pontos intrínsecos às circunstâncias instantâneas à entrevista, para explicar questões que não ficaram claras e/ou ajudar a restabelecer o contexto da entrevista (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; MANZINI, 1990/1991; BONI; QUARESMA, 2005).

O roteiro das entrevistas semiestruturadas realizadas pode ser visualizado no Apêndice A.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, realizadas transcrições integrais e literais de seus conteúdos. Para a realização das transcrições utilizou-se o programa VoiceNote II – Speech to Text v.2.6.2 para a produção de uma transcrição automática inicial. No entanto, frente a várias falhas, as gravações foram escutadas e os erros de transcrição corrigidos.

As entrevistas foram preservadas em computador doméstico e em um aplicativo que armazena os arquivos em nuvem.

As transcrições das três entrevistas realizadas podem ser visualizadas no Apêndice B, C e D, representando as entrevistas dos entrevistados E1, E2 e E3, respectivamente.

4.4 Organização e análise dos dados

Para a análise dos dados oriundos das entrevistas, utilizou-se a teoria de análise da hermenêutica (SZYMANSKI, 2011). Após leitura das transcrições, buscou-se o sentido

do todo como fundamento para delinear unidades de significado. A partir de reflexões, unidades foram agrupadas em categorias segundo um critério comum (MARTINS; BICUDO, 1989 *apud* SZYMANSKI, 2011).

A partir destes critérios se criaram três categorias de análise, a saber: (i) Concepção de Extensão Universitária; (ii) Motivações para realização de cursos de Extensão Universitária; (iii) Contribuições de cursos de Extensão Universitária para prática docente.

Nestas categorias, diálogos dos entrevistados e do pesquisador foram articulados com informações teóricas como forma de discutir os dados coletados. Grifos em negritos foram realizados em trechos das falas apresentadas na discussão como forma de destacar as ideias principais analisadas.

4.5 Procedimentos éticos

O projeto deste trabalho foi cadastrado na Plataforma Brasil e, posteriormente, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia São Paulo (IFSP), conforme as determinações do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP através do Conselho Nacional da Saúde e por meio da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 (BRASIL, 2016).

A coleta de dados foi submetida ao consentimento dos colaboradores/entrevistados. Nesse sentido, logo no início das entrevistas eles receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice E), com informações sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos de coleta de dados e os possíveis riscos e benefícios decorrentes de sua participação.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este capítulo apresenta a análise dos dados do presente estudo. A partir de reflexões, dados foram agrupadas em categorias segundo um critério comum. As três categorias analisadas são: (i) Concepção de Extensão Universitária; (ii) Motivações para realização de cursos de Extensão Universitária; e (iii) Contribuições de cursos de Extensão Universitária para prática docente.

5.1 Concepção de Extensão Universitária

A relação entre a universidade e a sociedade é importante para ambas, uma vez que o conhecimento crítico, reflexivo é comprometido com a comunidade. Um dos espaços em que esta relação é desenvolvida é nas atividades de Extensão Universitária. Neste sentido, justifica-se a importância de se estudar sobre a concepção desta função da universidade (MACHADO, 2013).

Em relação à concepção de Extensão Universitária, a seguir são discutidas suas características, o fato de ela ser indissociável ao ensino e a pesquisa e “Por quem”, “Para quem” e “Para que” a extensão é produzida.

A Constituição Federal de 1988 assegura a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão nas Instituições de Ensino Superior (BRASIL, 1988, art. 207). Os três elementos deste tripé universitário precisam ser planejados e executados de maneira articulada por todas as instâncias da universidade. A Extensão Universitária pode ser articulada com o Ensino em uma perspectiva em que o estudante deve ter responsabilidades técnicas e cidadãs, em um processo em que ele se torna o protagonista e seja capaz de (re)construir o processo histórico-social na sociedade em que está inserido. Já a Pesquisa, pode ser articulada com a Extensão Universitária em metodologias científicas participativas – no formato pesquisa-ação, por exemplo. (PNExt, 2012).

Reafirmando esta característica, ao definir Extensão Universitária o FORPROEX Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – declara: “A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma **indissociável** e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (PNExt, 2012). Neste contexto, esta

característica da Extensão Universitária ser indissociável dos outros elementos da universidade foi reconhecida por um dos sujeitos de pesquisa deste trabalho, como podemos observar nos excertos a seguir:

E1: [...] Quando eu entrei na IESpriv1, todos os professores falavam isso e a gente até brincava: “Lá vem mais um professor falar: a universidade é feita com um **tripé**”. E a gente falava: “Lá vem: **pesquisa, ensino e extensão**”. Então todos eles falavam a mesma coisa. Então, eu achava que era um pré-requisito para se chamar universidade.

[...]

E1: Na pesquisa. Bem, a universidade **tem ensino, pesquisa e extensão**. Aí eu penso que a pesquisa desenvolve o conhecimento e tudo mais; o ensino é a questão do ensino e aprendizagem do universitário que está matriculado; e o compromisso universitário para fora da comunidade universitária tem via extensão.

Essa fala da E1 destaca o papel dos professores universitários em reforçar a existência do tripé acadêmico. Considerando que a Extensão Universitária é pouco valorizada e frequente (SANTIN, 1988; CUNHA, 2007), temos como hipótese que os professores fazem certa propaganda da existência destes elementos na universidade para encobrir o fato de que a instituição não tem feito extensão na proporção em que deveria.

Ainda, ao discorrer sobre a temática, um segundo entrevistado relatou sobre as obrigatoriedades da existência do tripé universitário e destacou falhas na execução da articulação dos elementos.

P: Quando você estava na IESpub6 você observava a articulação entre **ensino, pesquisa e extensão**?

[...]

E3: Ocorria nesses cursos. Com o tempo, trabalhando lá, depois fazendo mestrado e hoje fazendo doutorado, eu percebo que as Universidades Federais já têm um problema muito grande. E fatalmente eu vou ser um desses problemas também. São os estudantes profissionais. Ele é um cara que sempre viveu na universidade e ele tem uma bagagem prática muito pequena. E aí o que acontece, ele entra na universidade e aí **a universidade obriga que ele faça as três coisas**.

[...]

E3: Ele precisa fazer tudo. Então, ele é um cara que não tem *know-how* nas outras práticas. E, às vezes, ele nem quis fazer e nem aprender as outras coisas. Só que ele é obrigado a fazer. E aí às vezes dá certo, e às vezes dá muito errado.

Nesta fala do E3 há novamente a indicação da obrigatoriedade do tripé universitário. O entrevistado também traz um importante fenômeno a ser considerado, o fato dos professores universitários não ter formação, nem estímulo para fazer extensão. Corroborando com esta ideia, segundo Fraguelli *et al.* (2014) a maioria dos cursos de pós-graduação (*stricto sensu*) orienta a formação de seus estudantes na pesquisa e provoca um déficit gigantesco na formação relacionada ao ensino e à extensão.

Assim, embora exista a exigência legal da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a qual institucionalizou a responsabilidade social da universidade e proporcionou uma relação transformadora entre universidade e sociedade e vice-versa (PNext, 2012; SOUZA, 2013), a fala do E3 aponta que apesar da proposição legal esta relação transformadora não necessariamente acontece.

Considerando a Extensão Universitária como uma demanda legal para a universidade e, assim, produzida em seu espaço e pelos sujeitos vinculados a ela e o seu movimento a favor da sociedade, pode-se destacar algumas falas dos sujeitos desta pesquisa que apontam “Por quem”; “Para quem”; e “Para que” a Extensão Universitária é produzida.

Em relação a “Por quem” a Extensão Universitária é produzida, tem-se as seguintes falas destacadas:

E1: [...] mas no curso (Extensão Universitária) de Biologia do Conhecer, por exemplo, eu tive uma impressão que nós éramos sujeitos de pesquisa. Ali estava surgindo um *feedback*, demandas da Educação Básica, de professores da Educação Básica, para serem analisados dentro do grupo, do grupo de pesquisa que é **dos universitários**.

E2: [...] mas eu acho que Extensão Universitária é algo que **os professores que estão fazendo pesquisa**, lá dentro da universidade, resolve fazer um curso sobre isso para divulgar.

E3: Acredito, eu, que a Extensão Universitária já ocorra dentro da universidade. Quando você ainda tá nos “finalmentes” da sua formação. Você já vai começar a tentar pensar no que está acontecendo fora. E aí criar cursos, pensar em como você vai agir depois disso. Não sei se é isso que tu está perguntando.

P: A minha pergunta é assim: Espaço, em que espaço ela ocorre?

E3: Onde ela se encaixa? Justamente. Por exemplo, eu pego e depois de um tempo eu recebo no meu Facebook um contato de uma ex-professora minha falando que ela tá oferecendo curso de extensão. E aí, quando venho para esse curso, eu venho para buscar conhecimento, só que quem está ministrando o curso não é professora. **Quem está ministrando o curso são os alunos dela**. Então é isso que eu digo, os

alunos nos “finalmentes” da sua formação, eles começam a pensar no que vai acontecer fora, eles começam a imaginar fora da universidade e o que está acontecendo fora.

A partir destas falas percebe-se que, para os professores entrevistados, a extensão é produzida por quem está dentro da universidade, destacando os professores-pesquisadores e os graduandos no final de sua formação.

Especificamente, a E1 menciona que pesquisadores também promovem Extensão Universitária. Embora a entrevistada relate sobre um curso de extensão particular, em que os cursistas foram sujeitos de pesquisa, é plausível supor que isto também ocorra em outros cursos e instituições. Espera-se que esta relação entre extensão e pesquisa exista dentro das universidades, uma vez que segundo a legislação estes elementos são indissociáveis.

Já a E2 reforça que professores-pesquisadores realizam Extensão Universitária com o intuito de divulgar os conhecimentos produzidos por eles na pesquisa, sendo assim aponta que o mesmo profissional é o responsável em articular os três elementos da universidade.

O E3, por sua vez, explicita o fato dos graduandos no final de sua formação participarem de atividades extensionistas. Segundo o entrevistado, os graduandos nesta etapa acadêmica “começam a pensar no que vai acontecer fora, eles começam a imaginar fora da universidade”. Neste contexto, identifica que os graduandos participam de atividades extensionistas como forma de preparação prática para o futuro fora da universidade.

Apoiando estas observações, a PNext (2012) também ressalva a importante participação dos professores e alunos no desenvolvimento da Extensão Universitária, porém acrescenta que os técnico-administrativos também têm suas funções para contribuir com a materialidade da extensão.

No que diz respeito a “Para quem” a Extensão Universitária é produzida, os seguintes excertos foram selecionados:

E1: Eu entendo que um curso de extensão, ele é oferecido **para a comunidade**, não só para quem é membro da universidade, não só para os alunos da universidade e que ele está [...] ele tem esse compromisso da universidade com os conhecimentos de que ele produz dentro universidade para fora.

P: Pra fora?

E1: É meio, tanto de divulgação de um conceito, de um conhecimento.

P: Tá. Então, o público é todo mundo. Por que se não é só para quem está dentro da universidade é para a comunidade.

E1: Isso.

E1: Tenho um amigo que dá aula no IESpub4 e lembro que ele me disse que tinha que fazer um curso de extensão para aquário. E aí me mobilizou um pouco para discutir o que é extensão com ele. Eu: “Como assim, aquário? Por que isso é extensão?”. E ele havia me dito que seria um curso aberto **para comunidade**. E aí eu entendi que **não precisa ser universitário para frequentar um curso de extensão**. E aí cumpriria com seu papel de sair dos muros da universidade.

E2: Eu acho que depende muito do curso. Os que eu fiz, como eram mais focados para a área de Educação, eles eram mais focados em professores. Não importava, se era pedagogo, não importava para qual faixa etária. Tinha que ser professor.

P: Ah, legal, mas isso em relação aos cursos que você fez. Você consegue elocubrar um pouco sobre outros cursos de extensão, que não é nessa área? Para quem pode fazer? A extensão atinge a quem? Coisas até fora do que você estudou.

E2: Eu acho que **qualquer um pode fazer**.

Pertinente com a literatura, os entrevistados apresentam a ideia de que a Extensão Universitária é oferecida para a sociedade e qualquer pessoa pode participar de cursos desta natureza, ou seja, não há restrição generalizada (SOUSA, 1995; NOGUEIRA, 2001; DE PAULA, 2013; SOUZA, 2013). Isto pode ser observado nas afirmações das professoras entrevistadas E1 e E2, de acordo com as quais, todo mundo pode realizar atividades de extensão, inclusive os não universitários. Por outro lado, cursos específicos podem pedir algumas exigências, como os cursos “para professores” relatados pela E1 no segundo excerto anteriormente selecionado.

Relacionado a este contexto, segundo Nogueira (2001) grande parte da clientela de Extensão Universitária já está vinculada às universidades, pois já tiveram acesso à Educação Superior. Assim, percebe-se que embora a Extensão Universitária em geral seja oferecida para qualquer público, as limitações ficam a cargo de quem está oferecendo as atividades, sendo comum que universitários e ex-universitários realizem estas atividades.

Em relação a “Para que” a Extensão Universitária é desenvolvida, podem-se destacar as finalidades de divulgação de conhecimentos (de criação cultural e da pesquisa científica); e de formação contínua de profissionais (BRASIL, 1996; NOGUEIRA, 2001).

Condizente com estas finalidades, presentes na legislação brasileira e discutidas na literatura, os professores entrevistados relataram sobre ambas. Em relação à divulgação de conhecimentos, destacam-se as seguintes falas:

E1: [...] Na pesquisa, área de construção de conhecimento mesmo. De pesquisar, investigar uma situação, uma hipótese de se viver as ciências. E a extensão, **a divulgação destes conhecimentos** ou uma coleta de dados de uma pesquisa aí se chama um grupo de específico.

E1: Eu entendo que um curso de extensão ele é oferecido para a comunidade, não só para quem é membro da universidade, não só para os alunos da universidade e que ele está [...] ele tem esse compromisso da universidade com os conhecimentos de que ele produz dentro universidade para fora.

P: Pra fora?

E1: É meio, tanto de **divulgação de um conceito, de um conhecimento.**

P: Vamos para a parte sobre concepção [...]. Como você entende Extensão Universitária?

E2: Pensando no que eu fiz lá. Eu até cheguei a começar outro curso lá na IESpub5, mas eu não gostei e parei. Então eu nem falei aqui, mas eu acho que Extensão Universitária é algo que os professores que estão fazendo de pesquisa, lá dentro da universidade, resolve fazer um **curso sobre isso para divulgar. Para divulgar não só o trabalho da pesquisa, mas a universidade.** [...] Mostrar para as pessoas que existem outras possibilidades de determinado assunto. Então, por exemplo: o que é Cronoeducação? Não sei. Eles sabem muito na linha de pesquisa deles, mas se eles não fizessem esse curso eu nunca ia saber. Porque só lá tem.

[...]

E2: Então, é um pouco **divulgar a universidade também**, porque eles estão lá e se a pessoa vai querer um curso lá já sabe que vai conseguir conversar com eles, pesquisadores e tudo. Conhecer essa linha, as linhas de pesquisa que eles têm, conhecer os professores. Eu acho que é mais isso.

A partir destas falas é possível observar que tanto a E1 quanto a E2 concordam que a Extensão Universitária promove a divulgação dos conhecimentos gerados pela pesquisa da instituição, mas vale chamar atenção que a E2 acrescenta a ideia de que a Extensão também tem a intenção de divulgar a própria universidade, em uma espécie de propaganda da instituição.

Corroborando com estas ideias Sardinha e Vaz (2017) destacam que projetos de extensão ampliam o acesso a informações sobre pesquisas do ambiente acadêmico, além de contribuir para fortalecer a comunicação pública na universidade. E Paschoalino *et*

al. (2014) abordam sobre um curso específico de Extensão Universitária que contribuiu na divulgação da universidade que o oferece.

Por fim, cabe destacar a Extensão Universitária como modalidade de formação contínua. A formação contínua pode ser realizada de acordo com diversas intenções, podendo destacar a de reciclagem dos conhecimentos estudados na formação inicial; para melhorar condições de trabalho ou de novo emprego; e, ainda, especificamente aos profissionais da Educação para reflexão sobre a prática; aperfeiçoamento da pesquisa no campo da docência; fortalecimento da identidade profissional; e evolução funcional (LADERRIÈRE, 1981; TAVANO; MIZUKAMI, 2013). Neste contexto, destacam-se as seguintes falas de entrevistados:

E1: A minha intenção é não sucatear a minha própria formação. Eu acho que eu fiz uma formação de qualidade. Eu pretendo manter o nível da qualidade da formação e me manter estudando. Eu sinto muita necessidade de me manter estudando. **Isso me faz procurar extensão** ou qualquer outra modalidade que me dê **a possibilidade de continuar estudando.**

E3: Olha só. Eu imagino que a Extensão Universitária é muito importante para carreira do pós-formado. Porque **faz com que esse profissional continue estudando** e continue **melhorando as suas capacidades e melhorando suas práticas** ao longo do tempo.

P: Então, formação contínua?

E3: Sim.

P: Ótimo.

E3: Eu acredito muito nisso (extensão universitária como formação contínua). Tanto que sempre que tem oportunidade eu vou atrás, eu tento ver alguma coisa. Estou sem tempo, no momento, tanto que [...] Neste ano, começo o doutorado de verdade, mas eu acho muito importante. Como eu tava conversando anteriormente, eu tenho contato com muitas pessoas que estão estagnadas, são profissionais que pararam. Eles se formaram professores e estão trabalhando há algum tempo. E aí quando nós falamos, por exemplo, novas tecnologias da Educação ou novas abordagens a pessoa fica meio insegura. Então, eu acredito que isso é por conta de não ter experiência no assunto. A pessoa só vai ter experiência trabalhando na área ou fazendo uma Extensão Universitária.

P: Então, para quem que é? Qual o público alvo destes cursos?

E3: Eu acho que, acho não tenho certeza, são os professores ou profissionais, não importa se é professor ou não, que já saíram da universidade, estão na sua prática, porém eles sentem incomodados com a evolução do público-alvo que eles estão atendendo. E no caso são os alunos, de professores, e no caso eles veem que tá mudando essa clientela que eles estão atendendo e eles têm que se imaginar inseridos nessa nova realidade. Então, é **esse cara que procura uma**

extensão. Esse cara que procura uma pós-graduação. **Esse cara que procura se especializar.** Imagino que seja isso.

A partir destas falas é possível perceber que para os professores entrevistados a Extensão Universitária é uma oportunidade de continuar estudando. E3 destaca que não apenas professores, mas também outros profissionais procuram esta modalidade com o intuito de reciclagem, quando relata que há situações em que os profissionais têm insegurança frente ao avanço de conhecimento, como podemos observar na fala: “[...] por exemplo, novas tecnologias da Educação ou novas abordagens a pessoa fica meio insegura [...] A pessoa só vai ter experiência trabalhando na área ou fazendo uma Extensão Universitária”, ou seja, é uma forma de se especializarem. Isto também pode ser observado na fala: “Esse cara que procura uma extensão. Esse cara que procura uma pós-graduação. Esse cara que procura se especializar”.

Embora considerem que a Extensão Universitária é para todos, os entrevistados, que são professores, destacam a importância da formação contínua aos docentes. Esta ideia é considerada pelo FORPROEX uma das linhas da extensão, o qual também destaca como forma de operacionalização das ações a:

“Formação e valorização de professores, envolvendo a discussão de fundamentos e estratégias para a organização do trabalho pedagógico, tendo em vista o aprimoramento profissional, a valorização, a garantia de direitos trabalhistas e a inclusão no mercado de trabalho formal (BRASIL, 2007)”.

Neste contexto, Almeida (2005) explana sobre essas as finalidades legais da universidade e considera que elas têm ofertado muitas oportunidades de formação contínua aos professores, haja vista que não são responsáveis apenas em formar os professores, mas também em acompanhar continuamente a sua formação.

Frente ao exposto, percebe-se que Extensão Universitária é entendida, pelos professores da Educação Básica entrevistados, como um processo que é produzido pela universidade (professores-pesquisadores e graduandos-pesquisadores) para fora dela (comunidade). Neste processo, cursos são oferecidos tanto para universitários, quanto para não universitários, como forma de possibilitar a divulgação do conhecimento produzido na pesquisa e a divulgação da própria universidade. Além de ser uma

oportunidade de formação contínua para profissionais, inclusive os profissionais da Educação, que precisam aperfeiçoar seus conhecimentos.

5.2 Motivações para realização de cursos de Extensão Universitária

Na universidade se produz e se ensina conhecimentos. A pesquisa e extensão são formas privilegiadas e fundamentais na formação dos estudantes universitários. Os conhecimentos, por eles aprendidos nestes espaços, devem ter as potencialidades para se efetivar uma construção de sujeitos conscientes e críticos sobre a realidade. Nessa conjuntura, a universidade tem o papel de operar sobre a formação de sujeitos por meio de práticas de Ensino, práticas investigativas relacionadas à Pesquisa e de trabalhos de Extensão Universitária (GOULART, 2004). Assim, temos o conhecimento, o grande eixo da universidade. Nela se produz, se ensina e se compartilha conhecimento por meio de seus elementos (ensino, pesquisa e extensão). E estudantes procuram a universidade para aprender estes conhecimentos.

Autores como Laderrière (1981) e Tavano e Mizukami (2013) apontam os diferentes propósitos da formação contínua de professores, destacando o oferecimento de novos conhecimentos a estes profissionais e Almeida (2005) indica a Extensão Universitária como um dos espaços de organização desta formação. Já autores como Dominghini *et al.* (2013), Menegon *et al.* (2015) e Tavano e Mizukami (2013) assinalam a importância de projetos de extensão para a formação de professores e, como consequência, ao ensino de conhecimentos a estes profissionais.

Ao serem indagados sobre a motivação de se realizar cursos de Extensão Universitária, os sujeitos desta pesquisa destacaram em primeiro lugar a reciclagem e a procura de novos conhecimentos, como podemos observar nas falas a seguir:

P: [...] O que te motiva a realizar cursos de extensão? Por que você faz esses cursos?

E2: Reciclagem. Conhecer coisas novas. Acho que a gente ainda precisa conhecer muita coisa que a gente não consegue abarcar tudo na faculdade.

E3: O primeiro critério é se ele tem a ver com a minha formação e se é o que eu tô buscando. Eu não vou fazer qualquer curso de qualquer

coisa. **Por exemplo, eu comecei a buscar cursos de criatividade e a achei o desse cara.** Naquele momento, eu estava querendo alguma coisa, fazer uma aula mais criativa, uma aula um pouco mais dinâmica e comecei a pesquisar e achei o curso desse cara. Então, eu acho que você tem que se focar e escolher uma área. Isso é mais importante. Depois disso, você começa a ver onde que tem, você começa a ver quanto que é, tu começa a ver tempo. **O mais importante é você ter um objetivo de saber o que você quer.**

A resposta da E2 deixa clara a intenção de se realizar cursos de Extensão Universitária para reciclagem de conhecimentos e ter acesso a outros que não foram abordados na formação inicial, coerente com uma das finalidades da formação contínua apresentada por Laderrière (1981) em que o autor aponta a finalidade de reciclagem.

E3, por sua vez, é mais específico e aponta, por meio de um exemplo, ter procurado conhecimentos particulares relacionados à criatividade em busca de realizar aulas mais criativas e dinâmicas. Esta ideia assemelha-se aos conhecimentos que contribuem para melhorar o desenvolvimento de objetivos, conteúdos e métodos educacionais, também discutidos por Laderrière (1981).

Em diversas partes das entrevistas foi discutido o papel da reflexão sobre o conhecimento oferecido e produzido em cursos de Extensão Universitária. Neste sentido, cabe apresentar excertos relacionados a esta temática.

P: Qual a sua opinião desses cursos de Extensão Universitária focarem na reflexão sobre a prática?

E1: É essencial. Ou ele faz isso ou ele não serve.

P: Por quê? Você consegue me falar por que é importante essa reflexão sobre a prática?

E1: Eu acho que é por essa estratégia que o professor mostra que ele tem algo a contribuir. E **não só dar dados para pesquisa de alguém.** Então é um movimento de troca entre o professor de Educação Básica e a academia. O professor não está lá para ser sujeito de uma pesquisa ou para relatar e aquele relatório ser resultado de um experimento, mas ele está lá para dizer as contribuições dele, **da reflexão sobre a prática. Durante a reflexão, os conhecimentos que ele gera.**

P: Qual a sua opinião sobre esse tipo de curso, cursos de extensão, focar na reflexão sobre a prática?

E3: Eu acho muito bom. Eu acho que é primordial.

P: Você acha que é essencial.

E3: Eu acho que é essencial, porque é **isso que nos faz com que busquemos o conhecimento novo.**

Para Oliveira e Obara (2018) reflexão é uma das capacidades dos seres humanos e só se desenvolve em circunstâncias concretas e cotidianas, em um movimento de mudanças e transformação dos mecanismos de reflexão em ações. E é exatamente no que tange a este significado de reflexão que os entrevistados a citam nos excertos destacados anteriormente.

Os entrevistados E1 e E3 destacam a importância da reflexão sobre a prática. A E1 explicita a Extensão Universitária como um local de reflexão sobre a prática e, conseqüentemente, gerador de novos conhecimentos. Por sua vez, o E3 considera a reflexão sobre a prática essencial nos cursos de extensão, haja vista que este processo justifica a busca por novos conhecimentos.

Para Perrenoud (2002) há necessidade de se formar professores que reflitam sobre suas práticas, fundamentando uma análise metódica, instrumentadora e potencialmente geradora de efeitos. De certo, geradora de bons efeitos à Educação. Neste contexto, percebe-se que os entrevistados E1 e E3 não citam exemplos específicos de suas práticas, mas aguçam os conhecimentos que podem ser importantes para as suas atividades diárias.

Segundo Dezani (2018) quanto mais o professor em formação recebe oportunidades de reflexão e investigação, melhor é a sua formação acadêmica. Para a autora uma formação reflexiva de professores oportuniza a produção de conhecimentos e influencia a organização educacional de onde está inserido. Assim, os professores em formação têm o grande desafio de analisar as informações estudadas e melhorar sua prática docente.

Preocupada com a qualidade dos conhecimentos com que vai entrar em contato durante os cursos de Extensão Universitário, a E2 cita que faz cursos em instituições que consideram de confiança, como se pode observar nos trechos a seguir:

E2: É é [...] e se é bom? Olha eu até faço uma seleção, assim, vou atrás do currículo dos professores para ver realmente [...] Que bairro [...] esse que eu fiz de Cronoeducação tava na IESpub5. Então eu falei: “São todos da IESpub5, vamos ver. Deve ser relativamente bom”. Só que a questão de didática. Se o professor é bom ou não, eu só fui descobrir a hora que eu entrei no curso.

P: Só na hora que você tá fazendo, mas você está me falando que você confia na **IESpub1** e na **IESpub5**. **Elas já têm crédito para você, né?**

E2: **É. Elas já têm crédito.**

P: A Biologia do Conhecer?

E2: Já era da **IESpriv1**. Eu conhecia os professores, vai dar super certo. Eu já tinha uma confiança já.

Nesta fala a E2 demonstra preocupação em continuar estudando e em fazer cursos de qualidade, por isso procura realizar cursos em instituição de sua confiança. Neste sentido, cita buscar informações sobre os currículos dos professores como critério de seleção de cursos de extensão que poderia cursar.

A partir deste contexto, a preocupação com a qualidade dos cursos oferecidos pelas universidades é legítima. Segundo Pires (2004) e Santos (2010) as Instituições de Educação Superior são muito heterogêneas e, tanto entre as públicas quanto entre as privadas, há instituições de qualidade duvidosa, que conseqüentemente oferecem cursos de qualidade também duvidosa. Como os próprios entrevistados relataram realizar Extensão Universitária por conta do conhecimento, então é essencial que procurem por cursos de qualidade.

Ainda sobre este cenário, os entrevistados citaram que algumas instituições de confiança oferecem cursos caros. Como podemos observar nas seguintes falas:

P: Então, com qual frequência você faz cursos de extensão.

E1: De extensão é raramente. Quando eu sei da possibilidade eu faço. Os que eu tenho muito interesse em fazer, **o instituto chama IESpriv2**. É um instituto voltado para Educação. E eles oferecem cursos de extensão em alfabetização, em coisas que têm me mobilizado recentemente na carreira. **E eu não tenho a menor condição de fazer porque eles custam R\$ 1300,00 reais (mensalidade).**

P: Se eu não me engano é nesse instituto que eu vi um curso de “Contaçon de História” que era bem caro, bem mesmo.

E1: Provavelmente.

P: Coisa de quase 20 mil reais o curso todo.

E1: **Não dá para fazer, né?** É uma universidade [...] é um Instituto, na verdade, que é referência em Educação. É bem conhecido, mas é muito difícil. E tem cursos de extensão em institutos como o [Nome suprimido] que eles servem para emissão de certificados para evolução funcional e esses, nossa, eles oferecem de rodo, é barato, é possível, eles manipulam até a data do término para você poder usar evolução. Estes eu nunca fiz.

[...]

E1: Eu percebo pelos cursos que eu deixo de fazer, os cursos que eu deixo de fazer, o problema é que eles são muito caros. Eles têm um custo muito alto, que é inviável para eu fazer.

E3: Um dos últimos que eu gostaria de ter feito, mas aí era um curso mais ou menos longo, mas era muito caro e eu não pude fazer, chama-se Criando Crianças Criativas. É um curso de extensão feito por um comediante que engendrou nessa parte de Educação e gostou muito disso. E eu achei uma coisa muito interessante que ele juntou novas tecnologia com ensino, novas formas de aprender e ensinar. Eu achei bem bacana. Eu estava vendo isso já algum tempo, juntando dinheiro para isso, só que nesse ano eu tive que entrar no doutorado de vez. Então eu vou parar um pouco por conta do meu doutorado.

Neste âmbito, percebe-se que alguns cursos de Extensão Universitária não são acessíveis aos entrevistados por conta de seus valores. Dominguni *et al.* (2013) ao tratarem da necessidade constante de atualização do professor por meio de formação contínua, para que ele possa dar conta das necessidades do mundo contemporâneo com atual grande velocidade de informações e dinâmica do conhecimento, apontam que nem sempre estes profissionais conseguem realizar cursos de formação. Dentre os fatores que podem influenciar esta situação, os autores citam a falta de instrumento e tempo para atualização, bem como remuneração insuficiente para o investimento necessário. Sendo este último, o motivo que os entrevistados relataram ser um obstáculo para realização de cursos que eles gostariam muito de fazer.

Para finalizar a temática da confiança nas instituições que oferecem cursos de Extensão Universitária, cabe apontar uma fala do E3:

P: Mas em relação à instituição?

E3: Não, não me preocupo com isso.

P: Você faria em qualquer uma?

E3: Faria em qualquer uma. Tanto que a universidade que eu trabalho hoje, ela é super mal conceituada e tem ótimos cursos.

P: Tá, mas se você não conhece, você pesquisa?

E3: Sim, eu dou uma olhada. **Eu vejo [...]. Tento ver quem são os professores que estão dando aula lá. Faço uma busca no Lattes.**

P: É que é interessante isso. Por que em relação a instituição, você é aberto a oportunidades em diferentes instituições. Legal, mas não é por isso que se você não sabe quase nada dela ou nada, você não vai pesquisar o que é, quem são os professores.

E3: Pois é, justamente. Como diz aquele jeito do professor [NOME]. Na minha concepção e ele era um ótimo professor de Ciências. E ele tava, entre aspas, escondido numa faculdade que está muito mal conceituada. E ele tinha um cursinho lá. E acabei não fazendo por tempo, né. Por nada, mas ele tinha cursinho de extensão dele lá. Que era de Biologia, mas não era de Educação. Era junto com uma outra professora. E aí eu fico pensando, poxa vida, vou deixar [...]. Ele era um ótimo professor, um ótimo profissional, e ele estava escondido naquela universidade. **Então, assim, não acredito que o nome da instituição seja importante para que tenha um bom curso.** Então eu pesquisei o curso. Pesquisei quem são os professores, o que está acontecendo. Antes de ter um julgamento.

A partir deste excerto, percebe-se que E3 se preocupa com a qualidade dos cursos que realiza, porém desvincula esta qualidade à da instituição que oferta o curso. Neste sentido, exemplifica dizendo de que bons cursos podem ser oferecidos por bons professores em instituições consideradas não tão boas. Consideramos esta ideia plausível uma vez que há um grande número de instituições e de professores, sendo as instituições muito heterogêneas e com diversas particularidades. E, em alguns casos, o mesmo professor pode trabalhar no mesmo período tanto em instituições bem avaliadas quanto em instituições mal avaliadas.

Ao relatarem sobre realizarem cursos de Extensão Universitária na mesma instituição em que estudaram durante a formação inicial, dois professores entrevistados comentaram sobre a importância do saudosismo neste tipo de situação, porém destacaram que este lado afetivo fica em segundo plano, dando mais importância ao conhecimento que o curso ofereceria.

E1: Então, quando eu recebi o convite para participar, sabendo que era aqui, eu já tinha muita certeza de que seria gratuito. Eu sabia que ia ser gratuito, que ia ser na IESpriv1, que ia ser gerido pela [Nome da professora]. Então, **além da questão do saudosismo, que é evidente e não tinha como eu não relatar**, apesar de ser subjetiva e não fazer parte do relato do curso em relação à qualidade do curso, isso me deu a segurança da qualidade. Eu sabia como eram as aulas da licenciatura com essas professoras, se essas professoras estão organizando um curso de extensão, só podia ser bom.

[...]

E1: [...] **Rever os amigos, rever professores. Foi no prédio T, sabe? Foi na mesma sala de aula que eu estudei. Então acho que tudo isso tornou o curso muito simbólico.** Ter sido aqui, ter sido com essas professoras, com esses alunos.

P: Você acabou de falar que era a universidade que você estudou. Era saudoso, você tinha vontade de voltar para esse curso?

E3: Também, também. **Querendo ou não essa parte emocional também pesou nesse último curso.** De Biologia do Conhecer. Só que não foi a primeira coisa não.

P: Tá.

E3: Eu não tava muito preocupado com isso, mas claro que foi. “Hoje vou fazer um curso lá, com essa professora, com essa galera, vamos ver como é que tá”. Mas essa parte de saudosismo eu deixo em segundo plano. Existiu, só que não foi a condição principal.

Estas falas reforçam a importância que os entrevistados atribuem à busca pelo conhecimento. No entanto, não desmerece a motivação gerada pelo fato de voltar à universidade em que estudaram durante a graduação. Esta motivação fica evidente ao se analisar a relevância que os entrevistados dão a esta questão ao dizerem: “[...] além da questão do saudosismo, que é evidente e não tinha como eu não relatar (E1)” e “Querendo ou não essa parte emocional também pesou nesse último curso”. Assim, imagina-se que as interações durante a graduação marcaram os entrevistados do ponto de vista afetivo.

Ao estudar sobre o saudosismo e a afetividade em uma escola Lima *et al.* (2008) relataram que a afetividade, naquela situação, foi explicitada não somente em relação à escola, mas também aos sujeitos que ali trabalham, como professores, diretores, serventes e amigos. Da mesma maneira, vínculos afetivos como este foram lembrados pelos entrevistados, podendo-se destacar os trechos: “Rever os amigos, rever professores. Foi no prédio T, sabe? Foi na mesma sala de aula que eu estudei. Então acho que tudo isso tornou o curso muito simbólico. Ter sido aqui, ter sido com essas professoras, com esses alunos (E1)” e “Hoje vou fazer um curso lá, com essa professora, com essa galera”.

Os entrevistados também foram indagados sobre a Extensão Universitária contribuir para a evolução funcional em seus empregos. Esta pergunta fez mais sentido às entrevistadas E1 e E2, as quais foram selecionadas para entrevistas por serem professoras da Rede Municipal e Rede Estadual, respectivamente (E2 atualmente também trabalha na Rede Municipal), que contém planos de evolução ao quadro de magistério. Os dados selecionados relacionados a esta temática podem ser observados a seguir:

P: Você faria um curso de Extensão Universitária em uma universidade, até que você confia na universidade, mas sabendo que a qualidade do curso, a qualidade dele não era muito boa, **mas você faria apenas para usar o certificado para fins burocráticos?**

E1: Não.

P: No caso, você é professora da Prefeitura, para evolução, mas sei lá para manter o emprego?

E1: Assim, tanto eu não faço que [...] Talvez para manter emprego seria uma visão que balance com a minha estrutura. Porque, por conta de estar no serviço público e saber que eu não vou ser mandado embora.

P: E evoluir você vai.

E1: E evoluir eu vou. Mas a questão é, as pessoas que tem 6 anos de carreira e que pagaram certificados a tordo e a direita, já não estão na minha referência. Eu estou numa referência abaixo que essas pessoas, mas foi uma questão de prioridades. Eu acho que, em algum momento, para evoluir eu não vou ter mais condições de fazer outra graduação, que vai ser muito cansativo, porque de fato eu não tenho mais interesse em fazer graduação. Também depois da pedagogia eu acho que eu tô bem vacinado. Então, tem um determinado limite do meu desgaste em relação à pontuação. Eu poderia fazer pedagogia em um ano, por exemplo, eu optei em fazer um curso de 4 anos e meio. Então de fato eu não estava só pensando na evolução.

P: A evolução funcional?

E2: Eu vou, mas **eu não vou fazer nenhum curso de extensão só puramente para evolução funcional, não que eu não goste. Não vou.** Eu vou pegar a área do conhecimento que eu quero atingir. Então, eu se eu tiver, por exemplo, eu vou dar um exemplo que eu tinha visto faz pouco tempo. Artes na Educação. Eu acho legal, nada contra quem faz artes. Meu amigo, super amigo meu é de Artes. Só que eu não levo jeito algum para artes. Eu não gosto de artes. Eu vou odiar o curso. Então, eu não vou fazer. Se só tem esse curso para oferecer eu não vou fazer. Se for museu. Eu odeio museu de artes. Então eu não vou fazer.

Tavano e Mizukami (2013) tratam das finalidades que os profissionais de Educação têm para realizarem formação contínua e entre elas é discutida a evolução funcional. Segundo Jacomini e Penna (2016) a movimentação na carreira influi em um aumento nos vencimentos dos professores, tendo como requisitos titulação, tempo de serviço, formação contínua e avaliação de desempenho. Neste cenário, professores realizarem cursos de Extensão Universitária como o intuito de evolução funcional e, portanto, ganhar mais é plausível.

Esta ideia também é tratada por Bastos *et al.* (2010) ao apresentarem dados sobre demandas de professores de Ciências e Matemática das escolas estaduais do município

de Bauru-SP. Nesse trabalho, alguns docentes declararam que não estavam dispostos a realizar cursos e frequentar palestras em universidades se não houvesse certificação que contribuísse para sua evolução funcional.

Porém, embora a certificação dos cursos de extensão contribua para a evolução funcional de dois dos sujeitos desta pesquisa, eles apresentaram a ideia de que a evolução funcional não é prioridade. No caso da E1, que é servidora pública, demonstrou pouca ansiedade em relação à temática, afirmando que não faria cursos apenas para fins burocráticos e que mesmo sem estes cursos, um dia evoluirá. Para justificar estas falas, a E1 relata como exemplo ter realizado uma segunda graduação longa, em relação a outras oportunidades, por conta do conhecimento e não pela evolução funcional. A E2, por sua vez, associa o benefício da evolução funcional com o estudo de alguma área que gosta. Neste sentido, esclarece que embora tenha o interesse de fazer cursos de Extensão Universitária para evolução, realça o critério da necessidade de os cursos serem de áreas de conhecimentos de seu interesse.

Por fim, o E3 relatou o que o motivou a realizar um curso de Extensão Universitário. Segundo o entrevistado, no período do curso, ele estava procurando emprego, como professor de Ciências e Biologia, e como um dos pré-requisitos do curso era exatamente ser professor destas disciplinas ele considerou que seria uma oportunidade de fazer uma rede de contato (*network*, de acordo com o E3). Esta ideia pode ser observada no excerto a seguir:

E3: [...] O da Biologia do Conhecer, eu vim para entender um pouco mais da [...] da [...] **Eu vi como uma oportunidade de ver uma série de professores de Biologia e professor de Ciências juntos.** Coisa que eu nunca tinha visto nos meus cursos. Coisa que era sempre muito, muito misturada.

P: Então, porque esse curso que você está relatando, o requisito dele era ser professor de Ciências e Biologia. Então a formação de todos era em comum e a profissão específica era a mesma. Só para contextualizar.

E3: Sim. Esse curso me chamou muito atenção por conta desse pré-requisito. **Eu estaria num local onde nós teríamos vários professores juntos e trocaríamos muitas informações.** Na época eu estava fazendo várias entrevistas para trabalhar em várias outras escolas e etc. E aí eu encontrei gente aqui que eu até encontrei em entrevistas. **Então foi muito interessante, assim, e pensei em fazer esse *network*.** E o curso também era interessante. Eu fui pesquisar

antes de me inscrever lá. E era um curso oferecido por uma professora que eu imagino que seja boa.

Considerando as ideias discutidas neste item, percebe-se que o conhecimento é o principal motivador para os professores realizarem cursos de Extensão Universitária e, por esta razão, preocupam-se em realizar os cursos em instituições de confiança e que estimulam a reflexão para melhorar suas práticas docentes. Em relação a outro ponto discutido, a motivação por vontade de voltar para a universidade em que se formaram, nota-se que ela fica em segundo plano. Observou-se também que os entrevistados não fariam qualquer curso apenas para fins burocráticos e que esses cursos pode ser uma oportunidade de articular redes de contatos de profissionais da mesma área.

5.3 Contribuições de cursos de Extensão Universitária para prática docente

Neste item, discuti-se sobre algumas contribuições atribuídas pelos participantes aos cursos de Extensão Universitária.

A E2 mencionou dois cursos que lhe permitiram o compartilhamento de vivências com seus colegas de profissão. Segundo seu relato, este tipo de experiência possibilita a reflexão e tem potencial de promover melhorias em sua prática docente, como pode ser observado no trecho a seguir:

E2: Eu acho extremamente importante. Porque se não a gente tá fazendo um curso de Educação que não vai ser aplicado nunca? E eu acho que o melhor momento de **refletir sobre o curso** é dentro dele. Porque você debate com outras pessoas dentro do curso que tem ideias diferentes de você. Têm vivências diferentes. **O que eu gostei muito** deste curso de “Cronoeducação”, **do “Biologia do Conhecer” também porque eram pessoas que eu conhecia**, mas você conhece a história da vida delas e **elas trazem uma vivência muito diferente da sua, que às vezes pode ser aplicada na sua.** Então, essa **reflexão**, o como que a gente **pode usar isso na prática** eu acho muito interessante.

A partir desta fala, percebe-se que a E2 reconhece cursos de extensão como fontes para reflexão e contribuições para suas práticas. A entrevistada explana sobre esta contribuição poder vir de reflexões de momentos de compartilhamento de vivências

dos demais cursistas. A E2 também destaca ter gostado do curso Biologia do Conhecer pelo fato dos cursistas serem seus conhecidos. Esta situação nos faz supor que o fato da entrevistada já conhecer previamente os demais participantes do curso é um componente que legitima e traz confiança sobre as vivências relatadas durante o curso.

Segundo Pimenta (2002) há necessidade do fortalecimento da prática, em uma condição de prática reflexiva. E assim como a E2 sugere, a autora também considera que conhecer a prática existente de outros professores é um bom caminho a ser percorrido para o desenvolvimento da reflexão.

Em relação ao compartilhamento de vivências em cursos de formação contínua Reis e Ostetto (2018) discutem em sua pesquisa uma diversidade de estudos sobre formação de professores que corroboram com a influência positiva de se compartilhar fazeres, saberes, vivências e histórias vividas na docência. Ainda, segunda as autoras, estas narrativas:

...possibilitam o entrelaçamento das vidas do narrador e do ouvinte que, ao compartilharem relatos, podem tanto reinterpretá-los quanto recriá-los consoante as suas próprias formas de pensar, sentir e agir. Essa indicação e perspectiva, constatamos, é muito potente para a formação de professores (REIS; OSTETTO, 2018).

Desta maneira, têm-se o compartilhamento de vivências e a reflexão como pontos importantes de serem desenvolvidos em ambiente de formação contínua. Para alcançar a reflexão sobre tais experiências há necessidade de estudo teórico. Neste contexto, a E2 também relata sobre gostar de fazer cursos de extensão para “voltar à teoria”, ressaltando sua importância para melhoria da prática docente, como

E2: Olha, eu gosto muito de fazer cursos de extensão, não só para a reciclagem, como é a palavra de senso comum, mas **para sempre voltar na teoria**. O que eu quero dizer com isso. A gente fica ali na luta do dia a dia, na sala de aula, eu falo luta por que é uma luta diária para mim.

P: Concordo com a analogia.

E2: É uma luta diária, assim, não se render ao sistema, não exonerar, não falar não quero mais, tá tudo perdido. Ah, a prática é muito diferente da teoria. Não quero mais. É muito fácil a gente pensar nisso. É muito fácil. E é uma coisa que eu discuto muito com o meu marido, se você não se atualiza, se você não volta para a teoria, principalmente para dentro da universidade, fazendo esses cursos. Você acaba entrando no sistema. Porque você se acomoda. Você se

acomoda. Só ouve isso de todos os professores. Ali, que ele não vai atrás, não se recicla. Então, voltar para a universidade para fazer esse tipo de curso, aqui por exemplo, você tem contato com professores que para mim eram maravilhosos. Foi ótimo fazer esse curso da Biologia do Conhecer, porque você volta e fala: “Ah, tá. Não estou tão louca”, “Todo mundo tá passando por isso. Da para aplicar a teoria, é só focar”. Esquece o que os professores da escola estão falando, **foca na teoria que uma hora sai. Porque senão, a gente perde na parte prática, a gente se perde.**

Esta fala pontua sobre a importância da relação entre teoria e prática na formação dos professores. Segundo a entrevistada, em sua realidade há uma “luta diária” na sala de aula – possivelmente contra os problemas da Educação – que podem fazê-la se render ao sistema e se conformar. Neste contexto, a E2 destaca o potencial da teoria em alimentar a prática, para que o professor não se desvie de seu rumo e não se acomode com situação.

Para Vázquez (2011) a teoria e a prática são componentes indissolúveis de uma só unidade, sendo, ao mesmo tempo, autônomas e dependentes entre si. Segundo este autor a atividade teórica como um todo, considerada também ao longo de seu desenvolvimento histórico, existe apenas em relação com a prática, uma vez que nela encontra seu alicerce e seus fins.

Pimenta (2002) destaca a importância da construção de conhecimentos por parte dos docentes alicerçados na análise crítica (teoria) das práticas e da redefinição das teorias a partir dos conhecimentos desta prática, ou seja, desenvolvimento da práxis. Corroborando com estas ideias Freire (1997, p.75) aponta:

à medida que marchamos no contexto teórico dos grupos de formação, na iluminação da prática e na descoberta dos equívocos e erros, vamos também, necessariamente, ampliando o horizonte do conhecimento científico sem o qual não nos “armamos” para superar os equívocos cometidos e percebidos. Este necessário alargamento de horizontes que nasce da tentativa de resposta à necessidade primeira que nos fez refletir sobre a prática tende a aumentar seu espectro. O esclarecimento de um ponto aqui desnuda outro ali que precisa igualmente ser desvelado. Esta é a dinâmica do processo de pensar a prática. É por isso que pensar a prática ensina a pensar melhor da mesma forma como ensina a praticar melhor. Neste sentido, o trabalho intelectual em um contexto teórico exige pôr em prática, em sua plenitude, o ato de estudar de que não pode deixar de fazer parte a leitura crítica do mundo, envolvendo a leitura e a escrita da palavra.

Neste sentido, a necessidade da E2 de “voltar à teoria” é de suma importância, uma vez que não é possível dissociar a teoria e a prática, além de permitir enriquecer o repertório e ensinar a pensar e a praticar melhor.

Os sujeitos desta pesquisa também relataram nas entrevistas sobre ter cursistas em exercício da docência nos cursos de formação contínua de professores, o que era raro acontecer na formação inicial. Isto pode ser observado a seguir:

E2: Eu acho que é bem isso que você falou. Porque a grande diferença que eu vejo na faculdade é que na faculdade, quase ninguém tem experiência na sala de aula. Minha sala era super nova. Quase ninguém tinha experiência na sala de aula. E quando você vai para **cursos de extensão, a grande maioria já dá aula**. Cada um tem a sua prática e viveu várias coisas e você já viveu muitas coisas. E aí já dá para falar: “Isso já dá para usar, isso não. Isso eu consigo tentar, isso não por enquanto”. E aí você vai articulando com as outras pessoas. Primeiro porque você não acha que você é louco. Isso foi bem importante para mim em 2016 aqui no curso.

E3: Olha só. Eu imagino que a Extensão Universitária é muito **importante para carreira pós-formado**. Porque faz com que **esse profissional continue estudando** e continue melhorando as suas capacidades e melhorando suas práticas ao longo do tempo.

A E2 aponta que em sua formação inicial os graduandos ainda não lecionavam, já na formação contínua há profissionais docentes que compartilham vivências, o que enriquece as aulas. O E3 evidencia que na formação contínua de modo geral há profissionais. Esta condição de haver professores em cursos de formação de professores é óbvia, porém é destacada como um dos diferenciais entre a formação inicial e contínua. Cabe assinalar que não é em todos os cursos de Extensão Universitária que isto acontece, uma vez que em alguns casos graduandos também podem realizá-los.

Sobre o compartilhamento de vivências, isto é discutida por REIS e OSTTETO (2018) que consideram que as propostas de colegas que já foram colocadas em prática não são teorias que estão fora da realidade, ou uma compilação de elementos a serem seguidos e aplicados e sim experiências de outros professores, encorajadoras e passíveis de reflexão e despertadoras de novas ideias. Neste sentido, a condição inerente da formação contínua de professores ter profissionais docentes em formação, permite o compartilhamento de experiências e geração de novos conhecimentos dentro dos cursos.

A partir deste ponto são apresentados alguns exemplos concretos de contribuições práticas que os cursos de Extensão Universitária permitiram às vidas profissionais dos sujeitos desta pesquisa.

Especificamente sobre contribuições do curso Biologia do Conhecer e considerando o conteúdo conceitual desenvolvido no curso, específico da Biologia, a E2 relatou não ter utilizado os conceitos em suas abordagens na sala de aula, mas diz ter refletido bastante e aprendido sobre eles.

E2: Olha, eu e meu marido fizemos este curso. Engraçado que ele até traz muito à tona, dessa parte do que é um ser vivo. Eu não entro muito numa crise comigo, eu fiquei em crise no momento do curso, tipo, meu Deus, o que que eu vou falar o que é um ser vivo, como é? Tudo o que a gente discutiu no curso, mas a gente tem que criar uma linha porque não dá tempo de discutir tudo isso com os alunos, eles também não têm muita abertura. A temática fica na cabeça, de tentar fazer algo diferente, por exemplo, no Ensino Médio, capaz que de para conversar? Sim, mas eu tento me manter no que faz mais sentido na minha cabeça, **mesmo depois do curso, que a gente ficou pensando muito do que é.**

P: Mas você pode especificar para contextualizar esta parte da entrevista na minha transcrição. Era curso de que?

E2: De o que é um ser vivo.

P: Do que é um ser vivo.

E2: Tipo, **vírus é um ser vivo ou não? Nossa pergunta de todos os dias em casa.** É ou não é? Ah, é muito complicado chegar falando ser vivo é isso, isso, isso? É muito complicado. A gente não sabe que na Biologia tem um zilhão de regras e nenhuma se encaixa em nada. Só que como a gente vai falar isso para o aluno? Oh, a gente não sabe a resposta nenhuma. Então a gente chega tentando mostrar as coisas, chega e: “Olha, não é bem isso, nem aquilo, mas é mais ou menos”.

[...]

P: Mas o que você está me relatando é a dúvida, né? O tanto que a dúvida, reflexões são importantes para entender um processo, que é o da vida, do ser vivo. Mas como complica tanto nossa história.

E2: Nossa história na sala de aula, mas assim **a reflexão fica muito para mim durante a minha vida.** Então acho que já vale à pena.

P: Assim, você com professora faz parte da sua vida, fica também para a sua profissão.

[...]

E2: Olha, vou ser bem sincera aqui, dentro de ser módulo (professor substituto da Rede Municipal de Educação) e eu tava com outras coisas na cabeça em 2016, eu não discuti o que é um ser vivo com nenhuma turma depois disso, mas o que eu fico pensando muito é o que eu faria no momento de discutir ser vivo. Primeiro, a gente ficou discutindo muito vamos fazer uma lista do que é um ser vivo e tudo. Ah, ser vivo é isso, isso e isso. Eu faria diferente. **Eu tentaria abordar de uma maneira diferente. Então, será isso mesmo? Sempre ficar indagando.** Eu fico em casa igual a gente ficou aqui no curso. E isso é isso mesmo? Esse ser vivo é assim é assado? Deixar a

dúvida, como eu também tenho dúvida do vírus. Eu deixaria a dúvida e deixaria claro isso. A gente não tem uma resposta concreta para isso. Beleza.

Segundo o relato da E2, o curso ocasionou certa problematização que conduziu a uma intensa reflexão sobre os conceitos estudados. A entrevistada cita ter realizado o curso com seu marido e frases como “Vírus é um ser vivo ou não? Nossa pergunta de todos os dias em casa!” demonstram o forte aspecto sensibilizador e reflexivo da situação. E, embora esta professora não tenha apresentado nenhum exemplo concreto de como o curso tenha contribuído em sua prática, o contato com a teoria, a sua abertura à reflexão e a vontade de rever suas propostas remete à oportunidade de se elaborar novos conhecimentos.

Reis e Ostteto (2018) discutem isto seu trabalho ao tratar que nos percursos formativos os docentes necessitam de teoria, mas também de experiências e vivências para tornar-se prática, sendo que a reflexão teórica deve ser referenciada em uma prática. Assim, no exemplo citado se enxerga a aceitação da E2 para este processo que está se desenvolvendo.

Temos também a hipótese que embora o curso tenha sido efetivo em sensibilizar a professora e em problematizar o conteúdo, não foram apresentados modelos práticos e a E2 ficou com dificuldade e insegurança de abordar os conceitos em suas aulas. Assim, este dado pode indicar a necessidade de cursos de extensão tenham que, além de problematizar conceitos, fornecer modelos aos cursistas.

Ao falar sobre sua experiência em um curso de Extensão Universitária sobre Cronobiologia e Cronoeducação, a E2 comentou sobre a importância de se estudar a cronologia dos estudantes, como pode ser observado a seguir:

E2: Na minha formação, bom eu acho que a gente consegue entender muito mais e consegue criar, que isso é uma das exigências dele, inclusive, do curso, que quem ministra o curso, ele foi tipo um braço direito do Paulo Freire na época que tava aqui na secretaria de Educação. E o que ele fala, que **a gente tem que ajustar a cronologia do ser humano de acordo com o horário de Educação dele**, dentro da escola. Então, a maior estupidez é colocar um aluno de Ensino Médio, por exemplo, para estudar de manhã. Ele não vai conseguir. A maioria não vai conseguir. E tornar isso políticas públicas. Esse grupo de pesquisa tenta o máximo fazer isso, não só no Brasil, mas fora também, porque já tem um grupo forte fora do Brasil atuando e tentando fazer políticas públicas para pensar na biologia da pessoa. E junto com os pais, mostrar isso para os pais que é importante a gente

levar em conta. Por exemplo, tem escolas que falam: “Qual o melhor horário para o seu filho?”. A gente pode fazer, e eu já sei de relatos disso. A criança vai na escola, faz um teste de manhã e à tarde. **Qual o horário que ela se sente melhor e que os professores identificam que eles estão melhores, mas ativos**, é o horário que põe a criança na escola.

Considerando as falas da E2, percebe-se que a professora se preocupou em estudar conceitos relacionados ao funcionamento fisiológico de crianças e adolescentes, destacando a necessidade de se identificar qual o melhor horário para cada um dos estudantes estudarem e ajustar, de acordo com as suas características, para a melhor opção de horário de aula.

Neste contexto Lima (2013) ressalva a importância da escola de reconhecer seus estudantes como seres humanos como um todo para garantir uma melhoria na qualidade de vida, informando-os e respeitando seus aspectos cronobiológicos, com a finalidade de ajudá-los a evitar o fracasso escolar.

Para contribuir com esta situação, Louzada e Menna-Barreto (2007 *apud* Felden *et al.*, 2016) discutem sobre a possibilidade das aulas começarem em horários mais tarde, porém ainda durante a manhã. Contudo, os autores também apontam sobre dificuldade das escolas adotarem esta sugestão por conta dos horários de trabalho dos pais e da cultura de valorização das atividades que iniciam mais cedo.

Segundo a E2, o conteúdo conceitual e a reflexão realizada no curso contribuíram para que ela repensasse sua prática e mudasse algumas de suas condutas de acordo com o horário de aula e a idade de seus alunos, alterando a dinâmica de suas aulas e se tornando mais flexível. Estas ideias podem ser observadas nas falas a seguir:

E2: [...] mas o que eu acho que faz diferença na minha prática, que eu leciono desde 2016, os alunos à tarde, do médio, por exemplo, eles vão “cheio de pilha”, tinha que fazer alguma coisa para você tentar dar uma acalmada neles, porque eles vinham como uma energia total. Eles já tinham dormido. Os alunos que estudam de manhã, não. Tinha quase que ligar eles no 220 para eles funcionarem. **Então, assim é pensar numa atividade mais prática do que ficar só no visual na lousa, tudo, para chamar atenção deles. Porque o sono vai tomar conta.** Não tem jeito, ou você deixa todo mundo dormir.

[...]

E2: É. Você trabalha do jeito que você quiser mesmo. Então, eu tentava trazer mais essa atividade lúdica para ver se eles animavam e tal. É mais difícil. Eu percebi que é mais difícil de manhã, para turma pegar e acordar, assim, é mais difícil, mas é uma saída tentar fazer algo mais prático nas primeiras aulas de repente.

[...]

E2: Então, a gente começa a pensar, não precisa ser tão exigente. **A gente pode ser mais flexível. Vamos fazer uma atividade diferente para ver se eles acordam, porque é algo biológico** mesmo, não é algo só de preguiça.

A partir destas falas, nota-se que a E2 frente a comportamentos de sonolência de seus alunos optou em alterar a dinâmica de suas aulas para respeitar as especificidades de seus alunos, bem como trabalhar com atividades lúdicas e ser mais flexível com situações de sono. Entre outras estratégias para reduzir o sono durante as aulas, consideramos deixar as cortinas e janelas abertas para aumentar a claridade do ambiente, utilizar outros espaços da escola além da sala de aula e realizar atividades em grupo.

Segundo a E2, o conteúdo conceitual e a reflexão realizada no curso contribuíram para que ela repensasse sua prática e mudasse algumas de suas condutas de acordo com o horário de aula e a idade de seus alunos, alterando a dinâmica de suas aulas e se tornando mais flexível. Estas ideias podem ser observadas nas falas a seguir:

Ao tratar de contribuições que o curso Biologia do Conhecer proporcionou à sua prática, E3 relata sobre uma situação que o fez rever o modo como estava conduzindo as discussões em suas aulas. Esta explicação pode ser vista a seguir:

P: [...] Especificamente sobre o curso de Biologia do Conhecer, realizado em agosto 2016, você se lembra de alguma coisa discutida que contribuiu para a sua prática docente?

E3: Sim. Foi um curso que acho que teve dois dias.

P: Dois sábados.

E3: Dois dias. E, no segundo dia, teve uma discussão sobre os conceitos de vida dos autores e os conceitos de vida que nós imaginamos que seja daquela forma. E uma das professoras pensava diferente. Eu achei que, aquele momento me marcou muito, porque eu fiz uma pergunta diretamente para essa professora, que eu queria entender por que ela pensava diferente. Eu não queria entender o ponto de vista dela.

P: Só para contextualizar, esse curso foi ministrado por alguns alunos e por três professoras da universidade. E assuntos importantes, discutidos em textos, as professoras eram divergentes entre elas em relação a alguns conceitos discutidos. É isso?

E3: Eu achei muito interessante. Eu não estava preocupado com a resposta dela. Ela não precisava me convencer que ela estava certa ou eu convencê-la que ela estava errada. O que eu achei interessante foi a **argumentação** que teve ali naquele momento. Se é A ou é B pouco importa. **O que importa é que houve essa argumentação** e isso me marcou muito. E eu **leveei isso para a minha prática**. Sempre que

acontece isso, na minha aula [...] Antes se acontecesse três ou quatro ou cinco vezes até eu chegar e falar: “Você está errado!”, para o aluno. E hoje essas três, quatro ou cinco vezes chega a quarenta, cinquenta vezes. Porque será mesmo que ele está errado? Naquele momento a discussão para. Só que fica reverberando. Conversa na próxima semana e vamos conversando e vai levando e isso eu trouxe desse curso.

A partir do relato, percebe-se que o professor, embora já desse espaço para seus alunos discutirem assuntos que eram divergentes, com a experiência no curso de Extensão Biologia do Conhecer, passou a permitir que mais argumentações e discussões fossem realizadas dentro de suas aulas. Esta prática pode ser ampliada nas aulas do professor, possivelmente por ele entender que argumentação e discussão também são conteúdos importantes de serem trabalhados nas aulas de Ciências.

Em relação à argumentação, Scarpa (2015, p.18) traz as seguintes considerações:

...argumentar é expressar razões sobre o que pensamos ou fazemos. Assim, compreender a argumentação é importante tanto para formularmos boas razões para as afirmações proferidas, quanto para avaliarmos as razões fornecidas por outros sobre suas ideias e ações. Saber argumentar e avaliar argumentos são, então, habilidades importantes em várias esferas de circulação humana. Se, por um lado, argumentar contribui para o indivíduo organizar seu pensamento e expressar a sua vontade; por outro, é por meio da prática pública da argumentação que comunidades comunicacionais são forjadas e que se torna possível estabelecer os consensos necessários a uma vida em sociedade.

Especificamente sobre o Ensino de Ciências, Justi (2015) considera que a argumentação é uma prática epistêmica da Ciência e para garantir um ensino legítimo há necessidade de incluir essa prática em todos os níveis de ensino. Ainda, corroborando com esta ideia, e de maneira coerente com a prática do E3, Silva e Silva (2016) refletem sobre possíveis contribuições do ensino de práticas argumentativas em aulas de Biologia, como maneira de superar dificuldades do processo de ensino e aprendizagem, bem como relatam uma experiência relacionada à argumentação, como componente das práticas epistêmicas, trabalhada com alunos da Educação Básica.

Neste contexto, a argumentação é defendida na literatura como um importante elemento do Ensino de Ciências que objetiva transpor habilidades do trabalho científico

para dentro da sala de aula (JUSTI, 2015; SASSERON, 2015; SCARPA, 2015; SILVA; SILVA, 2016).

Por fim, ao relatar sobre contribuições de cursos de Extensão Universitária, a E1 afirma que experiências nesta modalidade permitem conhecer novos métodos de trabalho, dado o exemplo da coavaliação, como pode ser observado a seguir:

E1: No caso da Educação, né? Que é o meu caso. Eu acho que a extensão acaba se tornando um mecanismo de atualização do professor para se manter estudando, se manter atualizado em relação não só a metodologia de ensino, né? Pelo contrário, quanto menos metodologia de ensino melhor. Acho que se manter atualizado nas relações do conhecimento mesmo. **E para conhecer novos métodos de trabalho.** Eu acho que **fazendo um curso de extensão que você é avaliado, por exemplo, por coavaliação, é um jeito que dá para acabar percebendo que coavaliar é um jeito legal de trabalhar e às vezes você leva sua prática.**

P: O que é co-avaliação? Colegas avaliando? Heteroavaliação?

E1: Não. Quando você, o professor, compartilha o seu percurso. **Você dá uma nota para o seu percurso e o professor da outra nota e vocês coavaliam.**

Embora seja uma fala genérica e a E1 não explicita concretamente de coavaliação feita em nenhum curso em específico, cabe agora discutir um pouco sobre os conceitos avaliação e coavaliação, bem como sobre a concepção da entrevistada sobre esta temática.

Avaliar no contexto da Educação escolar é frequentemente associado com provas, guilhotina e carrasco (HOFFMANN, 1999). Porém, essas ideias não são pertinentes no que tange a concepção de avaliação estudada pela academia. Vasconcelos (2008, p.57) diz que a principal finalidade da avaliação, dentro da escola, é “ajudar a garantir a formação integral do sujeito pela mediação da efetiva construção do conhecimento, a aprendizagem, por parte de todos os alunos”. De maneira complementar, Luckesi (2005, p.96) afirma que em um modo operativo, a avaliação “tem como finalidade subsidiar um projeto, de ação, seja ele qual for, para que alcance o seu objetivo, produzindo os melhores resultados possíveis”. Assim para este autor no processo escolar, avaliação deve contribuir para que os alunos aprendam da melhor maneira possível. Em outra perspectiva, Saul (2010, p.69) discute que avaliação é “um processo de análise e crítica de uma dada realidade visando a sua transformação”.

A efetivação da avaliação ocorre de diferentes maneiras, uma vez que dependem das concepções e dos posicionamentos teóricos e ideológicos dos professores. Se por um lado é muito comum as práticas avaliativas presentes na escola ocorrerem por meio de situações de pressão, medo, controle e poder, por outro há muita discussão teórica e desenvolvimento prático que busca superar a situação de opressão que as práticas mais tradicionais oferecem aos alunos (SOUZA *et al.*, 2014). Dentre as alternativas metodológicas de avaliação, pode-se citar a autoavaliação e a coavaliação.

De maneira sucinta, autoavaliação é uma forma de avaliação formativa em que o estudante participa de maneira responsável na sua própria formação, estimulando a autonomia e autocrítica sob um olhar consciente e reflexivo sobre suas ações durante o processo de ensino e aprendizagem (VEIGA SIMÃO, 2005 *apud* PERES, 20012). Já a coavaliação é a avaliação realizada pelo próprio indivíduo e pelos colegas e/ou professor, uma vez que tem como expectativa o desenvolvimento de atividades reflexivas compartilhadas com seus colegas, acarretando práticas de aprendizagem de autorregulação que foram coconstruídas e cointerpretadas e não impostas pelo professor em correções independentes. Este método tem características formativas, visto que o professor e aluno avaliam de maneira individual o mesmo trabalho e consecutivamente comparam e analisam as interpretações (MARQUES; NUNES, 2011; SANTOS, 2011; PERES, 2012).

Em relação à fala “Você dá uma nota para o seu percurso e o professor da outra nota e vocês coavaliam” da E1, percebe-se uma compreensão em que enfatiza a avaliação como notação – dar nota. Embora a entrevista disse que coavaliação é “um jeito legal de trabalhar”, ela não trouxe argumentos que justificasse este método de avaliação além de ser um maneira de dar notas aos estudantes.

A partir das ideias abordadas neste item, percebe-se que os professores entrevistados consideram a reflexão teórica e a reflexão sobre as suas práticas importantes para se repensar e re-elaborar suas práticas docentes. Neste sentido, o estudo teórico é destacado por contribuir para a construção de novos conhecimentos alicerçados nas análises das práticas, permitindo o enriquecimento de repertório e melhoria de ensino.

Também para os entrevistados, como cursos de Extensão Universitária contêm estudantes-profissionais, eles são diferentes da formação inicial, pois neles há a oportunidade do compartilhamento de vivências entre os profissionais-estudantes. Pelo

fato dos professores já terem experiências práticas, possibilita-se um espaço rico de discussões e construção de novos conhecimentos a partir das reflexões destas experiências.

Três contribuições concretas que cursos de Extensão Universitária permitiram as práticas docentes dos entrevistados são destacadas. A primeira diz respeito ao estudo sobre cronobiologia de adolescentes que levaram a professora ser mais dinâmica e flexível com as situações de sonolência; a segunda relaciona-se ao fato da experiência de um curso de Extensão Universitária ser importante para que um professor passasse a dar mais oportunidade de argumentação e discussão aos alunos nas aulas de Ciências e; por fim, a terceira refere-se a oportunidade de uma professora conhecer o método de coavaliação e ser uma opção de avaliação na Educação Básica.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ideias discutidas a partir do estudo idiográfico – de um grupo de professores da Educação Básica – deste trabalho apóiam a importância da Extensão Universitária e da formação contínua para o desenvolvimento do trabalho pedagógico do professor. Portanto, são de suma importância para a carreira docente.

Considerando que a Extensão Universitária e a formação de professores são desvalorizadas, estudar sobre estes temas se faz necessário. Embora menosprezada, a formação contínua realizada na universidade é um ambiente rico de conhecimentos que permite oportunidades de reflexão sobre a práxis docente e, como consequência, contribuir para a melhoria do ensino desenvolvido pelos professores.

As entrevistas realizadas com três professores da Educação Básica que fazem curso de Extensão Universitária, como modalidade de formação contínua, geraram dados e discussões que são resumidas a seguir.

A Extensão Universitária é entendida, pelos professores da Educação Básica entrevistados, como um processo que é produzido pela universidade (professores-pesquisadores e graduandos-pesquisadores) para fora dela (comunidade). Neste processo, cursos são oferecidos tanto para universitários, quanto para não universitários, como forma de possibilitar a divulgação do conhecimento produzido na pesquisa e a divulgação da própria universidade. Além de ser uma oportunidade de formação contínua para profissionais, inclusive os profissionais da Educação, que precisam aperfeiçoar seus conhecimentos.

O conhecimento é o principal motivador para os professores realizarem cursos de Extensão Universitária e, por esta razão, eles se preocupam em realizar os cursos em instituições de confiança e que estimulam a reflexão para melhorar suas práticas docentes. A motivação instigada pela vontade de voltar para a universidade em que se formaram, fica em segundo plano. Os entrevistados não fariam qualquer curso apenas para fins burocráticos e estes cursos podem ser uma oportunidade de articular redes de contatos de profissionais da mesma área.

Os professores entrevistados também consideram a reflexão teórica e a reflexão sobre as suas práticas importantes para se repensar e re-elaborar suas práticas docentes. Neste sentido, o estudo teórico se destaca por contribuir na construção de novos conhecimentos alicerçados nas análises das práticas, permitindo o enriquecimento de

repertório e melhoria de ensino. O fato de cursos de Extensão Universitária conterem estudantes profissionais diferencia estes cursos da formação inicial, pois neles há a oportunidade do compartilhamento de vivências entre os profissionais-estudantes. Como os professores já têm experiências práticas, possibilita-se um espaço rico de discussões e construção de novos conhecimentos a partir das reflexões destas experiências.

Três contribuições concretas que cursos de Extensão Universitária permitiram às práticas docentes dos entrevistados são destacadas. A primeira diz respeito ao estudo sobre cronobiologia de adolescentes que levou a professora a ser mais dinâmica e flexível com as situações de sonolência. A segunda relaciona-se ao fato da experiência de um curso de Extensão Universitária ser importante para que um professor passasse a dar mais oportunidade de argumentação e discussão aos alunos nas aulas de Ciências. E, por fim, a terceira refere-se à oportunidade de uma professora conhecer o método de coavaliação e ser uma opção de avaliação na Educação Básica.

Portanto, entende-se que a Extensão Universitária é um ambiente muito amplo e importante dentro da universidade e uma oportunidade de formação contínua com potencial de contribuir para a melhoria das práticas docentes. Este espaço formativo é essencial para dar conta das necessidades de atualização aspirada pelas pela contemporaneidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. I. Formação contínua de professores em face das múltiplas possibilidades e dos inúmeros parceiros existentes hoje. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Formação contínua de professores**. Boletim 13, 2005. p. 11-17.

BASTOS, F.; TALAMONI, A. C. B.; BOZELLI, F. C.; GATTI, S. R. T.; BONZANINI, T. K.; LIPPE, E. M. O.; NARDI, R. Demandas de professores de ciências e matemática das escolas estaduais do município de Bauru (SP): análise de um processo de levantamento de dados e divulgação de aspectos preliminares dos resultados obtidos. In: PIROLA, N. A. Org. **Ensino de ciências e matemática, IV: temas de investigação**. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 73-93.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 12.10.2018.

BRASIL. Decreto nº 19.851, de 11 de abril de 1931. Dispõe que, o ensino superior no Brasil obedecerá... Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19851.htm>. Acesso em: 12.10.2018.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm>. Acesso em: 12.10.2018.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L4024.htm>. Acesso em: 12.10.2018.

BRASIL. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5540.htm>. Acesso em: 12.10.2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 12.10.2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Universidade Federal de Minas Gerais. PROEX. COOPMED Editora. 2007.

BRASIL. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html>. Acesso em: 12.10.2018.

CARBONARI, M. E. E.; PEREIRA, A. C. A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade. **Revista de Educação**, v. 10, n. 10, p. 23-28, 2007.

CORTEZ, Y. **A Guerra**. São Paulo: Editora Patuá, 2018.

CUNHA, M. I. da. O Lugar da formação do professor universitário: a condição profissional em questão. In: CUNHA, M. I. da. **Reflexões e práticas em pedagogia universitária**. Campinas: Papyrus, 2007.

DE PAULA, M. de F. C. USP e UFRJ a influência das concepções alemã e francesa em suas fundações. **Tempo Social: Rev. Sociol. USP**, v. 14, n. 2, p. 147-161, 2002.

DEZANI, S. C. B. Formação de professores reflexivos: as contribuições da prática docente no ensino superior. In: **Anais do I congresso Brasileiro de Pedagogia Universitária**. Rio Claro: 2018. Anais do Congresso, 2018.

DOMINGUINI, L.; ROSSO, P.; GIASSI, M. G. Extensão e a formação continuada de professores: um estudo de caso em ciências naturais. **Revista Ciência em Extensão**, v. 9, p. 123-133, 2013.

FELDEN, E. P. G.; FILIPIN, D.; BARBOSA, D. G.; ANDRADE, R. D.; MEYER, C.; LOUZADA, F. M. Fatores associados à baixa duração do sono em adolescentes. **Revista Paulista de Pediatria**, v. 34, n. 1, p. 64-70, 2016.

FRAGELLI, C. M. B.; CARRASCO, L. B. Z.; AZEVEDO, M. A. R. de. A formação do professor universitário: aspectos históricos e explorações futuras. In: **Anais Eletrônicos do Seminário Internacional de Educação Superior 2014 - Formação e Conhecimento**. Sorocaba: 2014. p. 1-11. Anais do Congresso, 2018.

FREIRE, P. **Política e Educação**. 5ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. São Paulo: Olho d'água, 1997.

FREITAS NETO, J. A. de. A reforma universitária de Córdoba (1918): um manifesto por uma Universidade latino-americana. **Revista Ensino Superior Unicamp**, v. 3, p. 62-73, 2011.

FUSARI, J. C.; FRANCO, A. P. A formação contínua como um dos elementos organizadores do projeto político pedagógico da escola. In: **BRASIL. Ministério da Educação. Formação contínua de professores**. Boletim 13, 2005. p. 18-23.

GOULART, A. T. A importância da pesquisa e da extensão na formação do estudante universitário e no desenvolvimento de sua visão crítica. **Horizonte**, v. 2, n. 4, p. 60-73, 2004.

HOFFMANN, J. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

JACOMINI, M. A.; PENNA, M. G. O. Carreira docente e valorização do magistério: condições de trabalho e desenvolvimento profissional. **Pro. posições**, v. 27, n. 2, p. 177-202, mai/ago, 2016.

JUSTI, R. Relações entre argumentação e modelagem no contexto da ciência e do ensino de ciências. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências**, v. 17, n. especial, p. 31-48, 2015.

LADERRIÈRE, Pierre. Note de Synthèse - Tendances dans le domaine de la formation des enseignants : la formation en cours de service - Bilan des travaux de l'O.C.D.E. **Revue française de pédagogie**. v. 55, p. 60-66, 1981. Disponível em:

https://www.persee.fr/doc/rfp_0556-7807_1981_num_55_1_2237 Acesso em: 24.set.2018.

LIMA, J. de. Caderno temático: aplicação dos princípios da cronobiologia nas atividades escolares e sociais. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE - Produções didático-pedagógicas**, 2013. Curitiba: SEED/PR, v. 2, 2013 (Cadernos PDE). Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uepg_cien_pdp_jucemara_de_lima.pdf> Acesso em DD/MM/AA>. Acesso em: 19.11.2018.

LIMA, R. C. P.; COLUS, F. A. M.; GONINI, F. A. C.; MOKWA, V. M. N. F.; PETRENAS, R. C. Qualidade e saudosismo: representações sociais de pais sobre a escola. **Psicologia da Educação**, n. 27, p. 31-51, 2008.

LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar como investigação e intervenção: uma abordagem operacional. In: D'ÁVILA, M. C.; VEIGA, I. P. A. (Orgs.). **Profissão docente na Educação Superior**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2013.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, V. M. Algumas reflexões sobre as concepções de Extensão Universitária. **Revista Científica Semana Acadêmica**, v. 1, p. 01-18, 2013.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, v. 26/27, p. 149-158. 1990/1991.

MARCELO, C. **Formación del profesorado para el cambio educativo**. Barcelona: EUB, 1995.

MARQUES, A. S.; NUNES, L. C. Possibilidades da participação na avaliação da aprendizagem online no ensino superior. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 19, n. 72, p. 599-622, jul./set. 2011.

MENEGON, R.; LIMA, J. M.; LIMA, M. R. C.; ROMERO, L. R. A importância dos projetos de extensão no processo de formação inicial de professores de educação física. In: **Anais da 14ª Jornada do Núcleo de Ensino de Marília-SP/UNESP**. Marília-SP: 2015. Anais da Jornada, 2015. p. 01-12. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/jornadadonucleo/a-importancia-dos-projetos-de-extensao.pdf> Acesso em: 24.set.2018.

NOGUEIRA, M. D. P.. Extensão Universitária no Brasil: uma revisão conceitual. In: FARIA, D. dos S. (Org.). **Construção Conceitual da Extensão Universitária na América Latina**. 1. ed. Brasília: UNB, 2001. p. 91-105.

NUNES, D. C. M.; JESUS, C. D. Teoria x prática no ensino de ciências: uma união fundamental no processo ensino-aprendizagem. In: **V FIPED Fórum Internacional de Pedagogia**. Vitória da Conquista-BA: 2013. Anais do Fórum, 2013.

OLIVEIRA, A. L. de; OBARA, A. T. O Ensino de ciências por investigação: vivências e práticas reflexivas de professores em formação inicial e continuada. **Investigação em Ensino de Ciências**. v. 23, p. 65-87, 2018.

PASCHOALINO, J. B. de Q.; BOAVENTURA JUNIOR, M.; MACHADO, M. R. L.; BARBOSA, W. J. C. Aproxime-se: programa de extensão universitária em EaD. **EAD em Foco - Revista de Educação a Distância**, v. 5, p. 311-327, 2015.

- PERES, A. T. D. **O Uso de critérios de avaliação na resolução de problemas.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade De Lisboa. Lisboa, p. 159. 2012.
- PERRENOUD, P. **A prática reflexiva do professor: profissionalização e razão pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PIMENTA, S. G. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E. (orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-52.
- PIRES, V. A contra-reforma universitária: uma universidade diferente é possível. **Educação e Sociedade.** v. 25, n. 88, out. 2004.
- PNExt. Plano Nacional de Extensão Universitária. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX) e Secretaria de Educação Superior do Ministério da Educação e do Desporto (SESu/MEC).** Edição Atualizada. 2000/2001.
- PNExt. Política Nacional de Extensão Universitária. **Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX).** Manaus: 2012.
- POERNER, A. J. **O poder jovem: história da participação política dos estudantes desde o Brasil-Colônia até o governo Lula.** 5. ed. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.
- REIS, G. A. de S. V.; OSTETTO, L. E. Compartilhar, estudar, ampliar olhares: narrativas docentes sobre formação continuada. **Educação e Pesquisa,** v. 44, 2018.
- RODRIGUES, V. M. O fórum de pró-reitores de extensão e sua contribuição no debate sobre a Extensão Universitária. **Revista Educação e Políticas em Debate,** v. 4, n. 2, ago./dez. 2015.
- SANTIN, S. **Pelos Caminhos do Pensamento Crítico: Universidade e Sociedade.** Santa Maria: UFMS/Centro de Ciências Sociais e Humanas, 1988.
- SANTOS, B. de S. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- SANTOS, E. M. dos. A coavaliação como instrumento formativo no ensino-aprendizagem da produção escrita em português como língua estrangeira. **Ciência e Cognição,** v. 16, n. 3, p. 37-42, 2011.
- SARDINHA, A. C.; VAZ, M. Extensão Universitária, divulgação científica e o direito à informação pública: a constituição da agência de divulgação científica da Universidade Federal do Amapá. **Revista Guará,** v. 1, p. 93-104, 2017.
- SASSERON, L. H. Alfabetização científica, ensino por investigação e argumentação: relações entre ciências da natureza e escola. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências,** v. 17, n. especial, p. 49-67, 2015.
- SAUL, A. M. Criando um Novo Paradigma. In: SAUL, A. M. **Avaliação emancipatória: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo.** 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 55-80.
- SCARPA, D. L. O Papel da Argumentação no Ensino de Ciências: Lições de um Workshop. **Revista Ensaio,** v. 17, n. especial, p. 15-30, nov. 2015.
- SILVA, M. L. M.; SILVA, M. G. L. Argumentação no Ensino de Biologia: uma experiência no ensino médio. **ACTIO: Docência em Ciências.** Curitiba, v. 1, n. 1, p. 70-86, jul./dez. 2016.

SOUSA, A. L. L. **A história da Extensão Universitária a partir de seus interlocutores.** 1995. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Educação Escolar Brasileira da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 1995.

SOUZA, A. P. A. de; SILVA, J. R. da; ARRUDA, R. M. de; ALMEIDA, L. I. M. V. de; CARVALHO, E. T. de. A Necessidade da Relação Entre Teoria e Prática no Ensino de Ciências Naturais. **Unopar Científica, Ciências Humanas e Educação**, v. 15, n. especial, p. 395-401, dez. 2014.

SOUZA, L. A. P. **Extensão Universitária: institucionalidade e compromisso social.** 2013. Dissertação (Mestrado) - Mestrado em Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia. 2013.

SZYMANSKI, H. **Entrevista na Pesquisa em Educação: A Prática Reflexiva.** 4ª ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2011.

TAVANO, V.; MIZUKAMI, M. G. N. Extensão e Formação Contínua de Professores da Rede Municipal da Cidade de São Paulo. **Revista Temas em Educação**, v. 22, n. 2, 2013.

UNE. União Nacional dos Estudantes. s.d. **Sobre.** Disponível em: <<https://www.une.org.br/a-une/>>. Acesso em: 12.10.2018.

VASCONCELLOS, C. dos S. Finalidade da Avaliação. In: VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar.** 18º ed. São Paulo: Libertad, 2005. p. 50-62.

VÁZQUEZ, A. S. **Filosofia da Práxis.** São Paulo: Expressão Popular, 2011.

APÊNDICE A
(Roteiro de entrevista semiestruturada)

Roteiro de entrevista semiestruturada

Perguntas iniciais: caracterização dos sujeitos.

1. Você pode contar um pouco sobre a sua história acadêmica e a sua história como professor/professora? (Importante: Quando entrou no curso já queria ser professor/professora? Como se tornou professor/professora? Há quanto tempo? Por que optou pela docência? Como se sente em relação à docência?).

Perguntas relacionadas à temática Extensão Universitária.

2. Como você entende Extensão Universitária?

3. Com que frequência você faz cursos de Extensão Universitária?

4. O que você leva em consideração no ato de escolher um curso de Extensão Universitária? (Para tentar entender os critérios que a pessoa usa para saber se um curso “vale à pena”). Pode dar indicativo de importância.

5. Como fica sabendo dos cursos?

6. O que te motiva a realizar cursos de Extensão Universitária? Por que você faz esses cursos?

Pense nos cursos de Extensão Universitária que você já fez. Você pode falar um pouco sobre como estes cursos têm contribuído para a sua formação?

7. Que problemas você enxerga nesse tipo de curso?

8. Agora vamos pensar em exemplos concretos. Dos cursos que você já fez, qual foi o mais marcante? Você pode nos contar como foi esse curso?

9. É comum falarmos em reflexão quando o assunto é formação contínua de professores. Nesse curso que você nos contou houve incentivo à reflexão sobre a prática pedagógica? Como?

10. Como você vê a reflexão nos cursos de Extensão Universitária?

11. Qual a sua opinião sobre esse tipo de curso focar na reflexão sobre a prática?

12. Em síntese, por que é importante fazer cursos de Extensão Universitária?

Pergunta final: especificamente relacionada ao curso de Extensão Universitária “A Biologia do Conhecer e o Ensino de Biologia”.

13. Especificamente sobre o curso Biologia do Conhecer, realizado em agosto de 2016, você se lembra de alguma coisa discutida que contribuiu para sua prática docente?

APÊNDICE B
(Entrevista com a professora da Rede Municipal – E1)

Quadro 1 - Conversões dos símbolos utilizados nas transcrições da entrevista 1

P:	Pesquisador
E1:	Entrevistada 1 (Professora da Rede Municipal)
[xxxx]	Parte suprimida por conter elementos irrelevantes ao trabalho
[...]	Pausa
[Nome]	Nome suprimido para evitar identificação
IESpub*	Instituição de Educação Superior pública
IESpri*	Instituição de Educação Superior privada
*Os nomes das Instituições de Educação Superior foram substituídas pela sigla IES para evitar identificação da instituição. A sigla é acompanhada por pub ou priv, correspondendo às instituições públicas e privadas, respectivamente; e por números sequenciais correspondentes as várias instituições citadas nas entrevistas.	

[...]

P: A entrevista tem 16 perguntas. A primeira é bem geral sobre a sua formação, depois vem 14 sobre a temática Extensão Universitária e a última estritamente sobre o curso Biologia do Conhecer. Então, agora para a gente começar. Depois eu vou pedir para você me mandar os nomes dos cursos de extensão que você já fez. [...] Na sua cabeça hoje, tanto os cursos que você já fez durante a graduação e depois, e não só na área de Educação, em todas as áreas. Quais cursos você já fez?

E1: Os que eu lembro agora, além do Biologia do Conhecer teve um de extensão em Distúrbios do Desenvolvimento e Aprendizagem, foi durante a graduação aqui na IESpriv1. Éééé [...]. Eu fiz muitos cursos na Diretoria de Ensino e eles não eram considerados de extensão.

P: Não, não é.

E1: Então, além desses dois não me lembro de mais nenhum.

P: EaD em alguma universidade?

E1: Também não. [...] Eu fiz um de Formação de Professores que eu acredito que tenha sido de extensão. Eu não me lembro agora a nomenclatura que deram para esse curso.

P: Onde foi?

E1: Foi na IESpub1. Na Faculdade de Apoio à Educação, então é uma extensão da Faculdade de Educação da IESpub1 que só trabalha com formação continuada de professores.

P: Você consegue achar esses certificados?

E1: Consigo. Eu atualizei o meu *Lattes* na semana passada se não me engano. Então ta tudo lá.

P: Foi bom esse curso? Você lembra bem dele?

E1: Foi. Foi muito bom. Esse da IESpub1 foi sensacional. Deu um trabalho do cão.

P: Quantas horas? Não precisa saber se são 6, 7, 8 horas perfeito. Mas eu preciso saber se é um curso de 6 horas ou de 50.

E1: Foi um curso longo, foi um curso longo porque foram 6 meses se eu não me engano. E tinha atividades semanais.

P: Semanal e por seis meses era bem longo. 40, 50, 60 horas?

E1: Era bem cansativo e no final tinha que apresentar uma atividade, um trabalho em grupo.

P: E o do Distúrbio de Desenvolvimento? Tinha a ver com Educação também, né?

E1: Na verdade não. Era um curso. [...] A IESpriv1 acho que tinha mestrado em Distúrbios do Desenvolvimento e era uma coisa mais para a psico. Então não tinha muito a ver com Educação.

P: Mas tinha a ver com aprendizagem?

E1: Não me recordo. Era mais uma questão de avaliação de Distúrbio.

[...]

P: Vou começar, ta? Essa primeira questão eu vou ler toda.

E1: Belê.

P: Você pode contar um pouco sobre a sua história acadêmica e a sua história como professora? Seria importante: quando você entrou no curso você já queria ser professora? Como você se tornou professora? Há quanto tempo? Porque optou pela docência? Como se sente em relação a ela? Enfim, conta a sua história em geral e aí eu vou fazer umas anotações e talvez eu reforce alguma dessas perguntas, ta?

E1: Tá ok. Eu comecei, eu entrei na Biologia sem interesse de ser professora. Eu fiz o curso, os quatro anos com muito apreço pela licenciatura, com muito carinho e cada vez eu gostava mais das aulas da licenciatura e me esforçava mais para dar conta de tirar a cinco e meio nas disciplinas do bacharelado. Então eu sentia muita diferença entre as aulas da licenciatura e do bacharelado. Porém, isso não foi o fator determinante para eu ir para a Educação. Eu ainda tinha interesse em ir para fisiologia do sistema endócrino no ICB e foi para lá que eu fui e fiquei um ano fazendo o que eles chamam de programa de atualização. Quando acabou esse [...] durante esse um ano eu fiz algumas disciplinas

com a medicina para eu estudar para prova e quando acabou esse um ano, foi concomitante, aconteceram no mesmo mês, praticamente a prova da Prefeitura e a prova de mestrado no ICB. Aí eu não passei no receber aí eu não passei no mestrado e passei na Prefeitura. E topei esse desafio de ir para a Educação. Antes disso, antes de acabar o bacharelado, mas já com o término da licenciatura eu prestei um concurso do estado. E era mais uma intenção de ter uma experiência docente, mas pensando em pegar uma jornada de trabalho pequena para fazer o mestrado em fisiologia. E eu não ingressei nesse concurso porque eu fui barrada na perícia médica por nódulos vocais. Eles pediram uma série de exames e o exame detectou que tinha uma fenda na prega vocal e que isso poderia dar problema de rouquidão e tudo mais. Esse concurso eu tinha prestado no Estado em 2010 para Ciências e Biologia. Então era para tomar posse de dois cargos públicos. Não deu certo. Isso foi em 2010. Passei em 2011 inteiro na IESpub1. Já tinha me formado em 2010 mesmo. Em janeiro de 2011, mais precisamente no dia de hoje, eu coleei grau em janeiro de 2011 e passei 2011 inteiro não IESpub1. Prestei no final de 2011 o mestrado e a Prefeitura e passei só na Prefeitura. E aí eu já não tinha mais interesse em voltar nem para o mestrado nem para nenhuma área da Biologia. Foi quando eu me certifiquei da identificação com a Educação. E com Educação na rede pública e na rede Municipal. Foi a experiência que mais me encantei.

P: Há quanto tempo então você está dando aula?

E1: Ele 2012 para cá. Completou 6 anos.

P: No cargo?

E1: No cargo. Seis anos de professora de Ciências na Rede Municipal.

P: E atualmente como você se sente a docência? Você pode falar também [...] durante esses seis anos se teve um processo que modificou este sentimento.

E1: Eu acho que [...], tem uma questão com a identidade docente que ela é muito intrigante, assim, que é diferente da identidade do pesquisador. Exatamente porque o professor [...], tem um senso comum de que ele é fracassado e que ganha mal, de que ele é mal sucedido e se ele dá aula na rede pública ele tem contato com violência. Então, ele tem uma [...] ele é uma vítima social ou ele é um pobre coitado se esforçando. Então tem sempre uma identidade com a docência de que aquilo é [...] de que ele é um profissional muito ruim. Então assumir, assumir-se professor socialmente é um processo. Não é automático e isso foi [...] para mim foi muito difícil e hoje eu compreendo que parte da minha insistência em ter ido para o mestrado na fisiologia era

para fugir da identidade docente, sobre o que significa ser professor para essa sociedade. E quando eu me identifiquei, ainda foi o processo me identificar socialmente. Então eu já me reconhecia como professora, eu gostava do que fazia, mas chegar numa balada, ser abordada numa balada e falar: “Sou professora” ainda era esquisito para mim. Então [...] “O que você faz?”. “Então, eu sou Bióloga e trabalho na Educação”. Então, são vários eufemismos pra não falar que é professora, sabe? E quando fala que é professora, finalmente verbaliza, o resultado disso é sempre muito esquisito. É: “Nossa, Parabéns, você é a nossa Salvadora da Pátria”; ou “Nossa que dó de você, coitada”; Ou “Sério, mas você é tão jovem”. Então você percebe que as pessoas associadas a Educação com a velhice, com um serviço ruim ou então: “Mas você é professora de criancinha?”. E menosprezando, colocando no diminutivo, “Então você é professorinha?”. Então, isso me deixou muito cabreira de assumir. “Ah [...] eu sou professora e eu gosto e é de criança mesmo. Eles têm 10 anos eu acho um máximo”. Então, lidar com essa resistência foi bem difícil.

P: Legal.

E1: Mesmo num grupo de biólogos, formados pela IESpriv1. Porque eu fui a primeira a despontar para Educação e a gostar do que fazia. Então, eles não [...] as piadas não eram bem-vindas, não eram bem aceitas e eu respondia a todas e isso criou até uma admiração, assim, eu percebo que o grupo hoje [...] alguns se voltaram para Educação depois de mim e me tomaram como [...] “A [Nome] gosta do que ela faz, eu vou consultar ela para saber como preparar a aula”. E tudo mais.

P: Legal. Então, como essa primeira pergunta é para registrar, contextualizar quem é você na docência e tal, vale a pena você falar quais os cursos que você se formou. [...] Licenciatura e bacharelado em Ciências Biológicas?

E1: Sim, depois eu fiquei um ano na Educação, só dando aula e senti muita necessidade de voltar a estudar. E eu pensei em fazer uma pós em Docência no Ensino Superior [...]. Eu não sabia se eu queria uma graduação de novo, por ser um curso longo, provas, trabalhos em grupo, mas eu queria estudar Educação.

[xxxx]

E1: Em fim, eu queria estudar Educação. Eu achava que não era só a docência do ensino superior. Eu não queria encarar também a docência do ensino superior como um escalão da profissão em que ali se atinge o melhor salário e a felicidade profissional. Eu era muito feliz professora da Educação básica e eu queria estudar Educação. É [...]

pensei em fazer pedagogia em diversas universidades, mas eu prestei [Nome de vestibular] por prestar assim. Não me preparei para o vestibular, quando eu vi que eu passei para a segunda fase eu fiquei apavorada porque eu precisava aprender história em dois meses para prestar uma prova dissertativa de história, mas deu certo, ingressei em pedagogia, fiz o curso, o curso tem duração de quatro anos e meio e diferente de todo o resto eu cursei em quatro anos e meio. Porque as pessoas não cursam no tempo que ele é mesmo. Fazem as disciplinas fora de ordem. É uma organização curricular muito diferente da organização da IESpriv1, por exemplo. Então eu fiz essa pedagogia que durou quatro anos e meio. Eu terminei no meio do ano passado, no meio de 2017 e durante a pedagogia eu me inscrevi para uma pós-graduação pela IESpub2, pela Prefeitura, que fez um convênio com a IESpub3. Um curso de Gênero e Diversidade na Escola. É o nome do curso. Era bem para Educação mesmo, mas não precisava ser educador. Foi um curso bem misto, assim, tinha diretor, coordenador, professor de escola, mas tinha também um técnico em enfermagem, tinha um cara da TI, então acabou que foi um curso bem bacana por conta desta mistura. Este curso teve um ano e meio e eu fiz concomitante pedagogia. Essas foram as formações principais.

P: Ótimo. Então, agora vamos começar a entrar nas perguntas relacionadas à Extensão Universitária. Como você entende Extensão Universitária?

E1: Eu entendo que um curso de extensão ele é oferecido para a comunidade, não só para quem é membro da universidade, não só para os alunos da universidade e que ele está [...] ele tem esse compromisso da universidade com os conhecimentos de que ele produz dentro universidade para fora.

P: Pra fora?

E1: É meio, tanto de divulgação de um conceito, de um conhecimento.

P: Tá. Então, o público é todo mundo. Porque se não é só para quem está dentro da universidade é para a comunidade.

E1: Isso.

P: Ele é realizado dentro da universidade. Você disse também que é uma forma de divulgação dos conhecimentos que a universidade...

E1: Produz.

P: Produz. Em outros processos? Onde que ela produz esses conhecimentos que ela vai divulgar?

E1: Na pesquisa. Bem, a universidade tem ensino, pesquisa e extensão. Aí eu penso que a pesquisa desenvolve o conhecimento e tudo mais, o ensino é a questão do ensino e aprendizagem do universitário que está matriculado e o compromisso universitário para fora da comunidade universitária tem via extensão. Posso estar falando uma bobagem muito grande, talvez.

P: Então a universidade oferece o seu conhecimento, mas tem algum retorno?

[...]

P: A universidade ensina via extensão. Mas ela recebe alguma coisa deste público?

E1: Então, quando eu fiz a [...] Tirando quando eu fiz o curso de Distúrbios do Desenvolvimento, porque não era um curso que tinha tarefas, era uma sequência de palestras e eles certificaram como extensão.

P: Este era meramente de divulgação mesmo, né?

E1: É. Este tinha mais este viés, mas no curso de Biologia do Conhecer, por exemplo, eu tive uma impressão que nós éramos sujeitos de pesquisa. Ali estava surgindo um *feedback*, demandas da Educação Básica, de professores da Educação Básica, para serem analisados dentro do grupo, do grupo de pesquisa que é dos universitários.

P: Concordo porque foi um curso de idas e vindas. Foi um fluxo entre Escola e universidade. E esse curso de Formação de Professores da IESpub1? Você lembra se teve também algo assim?

E1: Teve inclusive isso foi um problema do curso e acho. Porque eles fizeram [...] tinha um tema específico que era Astronomia e tudo mais. E ficou bem focado nisso, era bem anos iniciais do Ensino Fundamental 2 e quando esse curso concluiu [...]. No término desse curso, além de responder, participar de fórum que tinha uma série de tarefas semanais, a ideia final era de produzir uma sequência didática aplicável. Então, uma sequência didática que você produziu com os conhecimentos adquiridos naquele curso, aplicou com os alunos e levou de volta para extensão para mostrar como foi.

P: Legal.

E1: A princípio pareceu uma boa ideia, mas eles supostamente iam compilar esse material e divulgar. Isso nunca foi divulgado a gente nunca teve acesso esse material. Então, para quem participou, ficou parecendo um curso para adquirir material para produção de livro didático, sabe? Que são umas armadilhas que a gente cai de vez em quando, com nomes diversos, nesse caso teve o nome de Extensão Universitária.

P: Interessante. Interessante saber, né? Mas a situação não.

[...]

P: Com que frequência você faz cursos de Extensão Universitária? Pelo o que eu entendi até agora você fez pouco.

E1: Pouco.

P: Porque cursos de formação continuada você faz, mas não nessa modalidade, né?

E1: Exato.

P: Então, com qual frequência você faz cursos de extensão.

E1: De extensão é raramente. Quando eu sei da possibilidade eu faço. Os que eu tenho muito interesse em fazer, o instituto chama IESpriv2. É um instituto voltado para Educação. E eles oferecem cursos de extensão em alfabetização, em coisas que tem me mobilizado recentemente na carreira. E eu não tenho a menor condição de fazer porque eles custam R\$ 1300,00 reais.

P: Se eu não me engano é nesse instituto que eu vi um curso de “Contação de História” que era bem caro, bem mesmo.

E1: Provavelmente.

P: Coisa de quase 20 mil reais o curso todo.

E1: Não dá para fazer, né? É uma universidade [...] é um Instituto, na verdade, que é referência em Educação. É bem conhecido, mas é muito difícil. E tem cursos de extensão em institutos como o IESpriv3 que eles servem para emissão de certificados para evolução funcional e esses, nossa, eles oferecem de rodo, é barato, é possível, eles manipulam até a data do término para você poder usar evolução. Estes eu nunca fiz.

P: Não? Não, tudo bem. Então, embora aqui o foco é extensão, vale a pena você comentar brevemente que outros tipos de curso você faz que não é extensão e qual a modalidade dele. Eu imagino que de sindicato. Aí você faz normalmente? Porque aqui (de extensão) é raro. Quais são essas outras modalidades?

E1: Na verdade, o curso que eu fiz durante a minha carreira que foi com a maior frequência, foi durante a gestão do Haddad, os cursos oferecidos pelo Departamento Pedagógico da Diretoria de Ensino.

P: Ah, foi nas DREs.

E1: Foi nas DREs.

P: E sindicatos, você chegou a fazer?

E1: Nunca fiz. O que eu fiz de sindicato foi participar de um congresso. Particpei no ano passado do congresso do SINPEEM.

P: Ok. O que você leva em consideração no ato de escolher curso de Extensão Universitária? [...] Eu quero entender quais são os critérios que você utiliza para saber se vale a pena realizar esse curso. Então, o que você leva em consideração?

E1: A relevância do tema; o tempo de duração; o valor; e a instituição. Acho que, talvez a instituição em primeiro lugar. E depois esses outros critérios. Que instituição oferece o curso, se é possível pagar, se o tema me interessa. Eu fiz um curso e eu acho que não foi extensão também. Da [Nome da escola]. Que foi também uma temática que também me interessou. E era possível de pagar, apesar de ser caro também. Então, foi meio somando esses fatores.

P: É que essa questão pode me ajudar entender por que é importante você fazer esses cursos. Quando você fala a instituição, que é um dos critérios, é porque tem que ser instituições que você confia?

E1: Exato.

P: Então eu suponho, a minha interpretação é que você faz curso para o conhecimento, mas tem que ser boa.

E1: Exato.

P: Qualidade, acho que em relação à qualidade pedagógica, a qualidade do curso em geral. Aí você falou também do valor e do horário, mas eu acho que, assim, são coisas mais relacionadas com a nossa vida. Tem que bater o horário, o valor tem que ser viável.

E1: Isso mesmo.

P: Alguns são grátis, mas não é só grátis que existe.

E1: Aham.

[xxxx]

P: Ok. Como você fica sabendo desses cursos?

E1: Eu sigo as páginas do Facebook da IESpriv2. O da IESpriv1 fui avisada por e-mail, pela professora. Esses demais cursos de Diretoria aparecem no Diário Oficial e eles abrem para inscrição.

P: Mas pensando em universitários? Pelo o que eu entendi você confia na IESpub1, você fez pedagogia lá, pelo seu relato. Você procura no site?

E1: O que tem de extensão na Faculdade Educação (da IESpub1) eu não podia fazer, na época. Porque eles chamam de extensão você assistir uma disciplina da Educação como aluno especial. Eles te matriculam na disciplina, você segue o cronograma, só que você

não pode ser matriculado em nenhuma universidade pública. Eu tava na Faculdade Educação.

P: A tá.

E1: Então, não tinha nem cabimento. Se eu quisesse fazer alguma disciplina era só eu me matricular como uma aluna da pedagogia.

P: Certo.

E1: O que eu já vi lá é curso de extensão para [...] É um curso de férias, na verdade nem sei se é a modalidade extensão, é um curso de férias para professores participarem do Departamento de Fisiologia (do ICB da IESpub1). E aí são os doutorandos, mestrandos que preparam aula.

P: E EaD. Você chegou a procurar algum?

E1: Não, não procurei nada.

P: O que te motiva a realizar cursos de extensão? Por que você faz esses cursos?

E1: A minha intenção é não sucatear a minha própria formação. Eu acho que eu fiz uma formação de qualidade. Eu pretendo manter o nível da qualidade da formação e me manter estudando. Eu sinto muita necessidade de me manter estudando. Isso me faz procurar extensão ou qualquer outra modalidade que me de a possibilidade de continuar estudando.

P: Então, o motivo é um conhecimento de qualidade?

E1: Isso.

P: Você faz esses cursos apenas para o conhecimento?

E1: Sim.

P: É. E você estava me falando sobre os cursos da DRE para usar na [...]

E1: Evolução.

P: Eu acredito que você faz eles por conhecimento.

E1: Os cursos da Diretoria de Ensino na gestão anterior que teve um “boom” de cursos. A gente tinha modalidade de presencial, EaD, cursos de 20 horas, 12 horas e alguns eram seminários. Então, tínhamos umas modalidades distintas. Lá pelas tantas eu percebi que os cursos EaD eram muito ruim. Eles valiam pouco ponto, eram muito ruins, mas era gratuito. Então eu fazia por conta da gratuidade e por saber que era validado na evolução, mas desprendida da questão do conhecimento. Esses cursos eram muito fraquinhos.

P: Bem, é um exemplo, mas não é de extensão.

E1: Sim.

P: Você faria um curso de Extensão Universitária em uma universidade, até que você confia na universidade, mas sabendo que a qualidade do curso, a qualidade dele não era muito boa, mas você faria apenas para usar o certificado para fins burocráticos.

E1: Não.

P: No caso você é professora da Prefeitura para evolução, mas sei lá para manter o emprego?

E1: Assim, tanto eu não faço que [...] Talvez para manter emprego seria uma visão que balance com a minha estrutura. Porque, por conta de estar no serviço público e saber que eu não vou ser mandado embora.

P: E evoluir você vai.

E1: E evoluir eu vou. Mas a questão é as pessoas que tem 6 anos de carreira e que pagaram certificados a tordo e a direita o já não estão na minha referência. Eu estou numa referência abaixo que essas pessoas, mas foi uma questão de prioridades. Eu acho que em algum momento para evoluir eu não vou ter mais condições de fazer outra graduação, que vai ser muito cansativo, porque de fato eu não tenho mais interesse em fazer graduação. Também depois da pedagogia eu acho que eu tô bem vacinado. Então, tem um determinado limite do meu desgaste em relação à pontuação. Eu poderia fazer pedagogia em um ano, por exemplo, eu optei em fazer um curso de 4 anos e meio. Então de fato eu não estava só pensando na evolução.

P: Pense nos cursos de Extensão Universitária que você já fez. Então, o do Distúrbio, o da Biologia do Conhecer e o da Formação de Professores. Você pode falar um pouco sobre esses cursos têm contribuído na sua formação. Se você quiser escolher um e falar como ele contribui fica à vontade, mas se você quiser falar o geral também. Só que tenta focar neles e não os de Diretoria.

E1: Eu acho que o que o que fez mais sentido para mim foi o da IESpub1, o de Formação de Professores de Ciências e o da IESpriv1, Biologia do Conhecer, porque eram professores também. E esse da IESpub1, eram professores da Rede Municipal. E eu era ingressante, eu tinha acabado de entrada, era o meu primeiro ano no município. Eu não sabia nada e as pessoas falando de evolução, falando de cursos, falando de como usar. Então, além da qualidade do curso em si, que era um curso puxado, tinha bastante [...] era bem tarefeiro, mas era um curso interessante, teve essa troca entre os professores que para mim foi um importante. O da IESpriv1 teve uma importância pelo

inverso disso. Não pelo contato dos professores, porque era cada um de uma rede. Não dava muito para entender que universo daquelas pessoas estavam falando, mas pelo conteúdo. Como é trabalhar o que é vida com alunos? Como é que vocês fazem isso? Então, ouvir as outras pessoas, receber esse aporte teórico de como aqueles pensadores pensavam e repensar, algo assim. Então achei que teve essa importância

P: Então bem objetivamente, a Biologia do Conhecer por conta do conteúdo.

E1: Do conteúdo.

P: E a experiência de Formação de Professores foi?

E1: A relação do professores.

P: Tá.

E1: Era um curso de trocas.

P: De trocas. Você ingressando na Prefeitura e essas professores com essa experiência. Ótimo.

[xxx]

P: Que problemas você enxerga nesse tipo de curso, Extensão Universitária? Para você os cursos de Extensão Universitária têm como problemas?

E1: Eu percebo pelos cursos que eu deixo de fazer, os cursos que eu deixo de fazer, o problema é que eles são muito caros. Eles têm um custo muito alto, que é inviável para eu fazer. E que às vezes a temática não conversa com os assuntos relevantes da rede (municipal). Então, a gente tem, por exemplo, o problema mais grave da rede municipal, to falando da rede municipal porque é a que eu trabalho, mas é um problema muito grave da Educação de modo geral, que é ter alunos no Ensino Fundamental 2 com defasagem na alfabetização. Isso é gravíssimo.

P: Sim. Tenho alunos analfabetos com 14 anos.

E1: Sim, muitos. Que escrevem o nome errado, com letra minúscula. Muitos problemas. E esses alunos são abandonados no fundamental 2, porque ninguém se responsabiliza em alfabetizá-los. Nem os de português, que diz: “Ah, eu não sou pedagoga, não sou do fundamental 1, então eu não alfabetizo”. Então, todo mundo passa batido. Então, isso é um problema grave que se estende, o aluno se forma às vezes, que: “Ah, não se pode reter” ou “Ah, então vamos reter determinado aluno e este não”. Então, não há um curso de extensão, por exemplo, para tratar da questão da alfabetização dos alunos do fundamental 2. O que é a urgência, né? Eu considero latente.

P: Então você está dando exemplo de uma.

E1: De uma angústia real.

[xxxx]

P: Tá. Agora vamos pensar em exemplos concretos. Dos cursos que você já fez, qual foi o mais marcante? Escolhe um desses, o mais marcante.

E1: Eu acho que Biologia do Conhecer mesmo.

P: Aí eu preciso que você me conta um resumo de como foi esse curso e porque ele foi marcante para você.

E1: Eu fiquei muito intrigada com a organização do curso, né? Antes do curso começar a gente recebeu o material. Porque eu sabia o que eu tava indo fazer nesse curso. Apesar de parecer “Biologia do Conhecer” muito esquisito, eu não sabia muito o que era. Eu li o resumo que foi enviado por e-mail e entra em contato com a [Nome], que também era membro do grupo de pesquisa e participante da formação, e ela me esclareceu um pouco mais e eu falei: “Eu tô com vergonha de participar desse curso, porque eu não sei do que se trata nada disso”. Aí ela disse que a ideia era de divulgar o que é que a gente tá estudando. Então, também foi muito importante conhecer isso. Rever os amigos, rever professores. Foi no prédio T, sabe? Foi na mesma sala de aula que eu estudei. Então acho que tudo isso tornou o curso muito simbólico. Ter sido aqui, ter sido com essas professoras, com esses alunos.

P: Porque em uma das questões anteriores eu perguntei o que você leva em consideração para escolher os cursos em geral. Já que estamos nesse curso, Biologia do Conhecer, me fala porque você fez ele, o que te motivou. Por que você escolheu fazer este curso? Por que neste relato você está falando um coisa saudosa.

E1: Exato. Mas eu acho que faz parte.

P: Então, aí eu gostaria que você relatasse.

E1: Então, quando eu recebi o convite para participar, sabendo que era aqui, eu já tinha muita certeza de que seria gratuito. Eu sabia que ia ser gratuito, que ia ser no IESPriv1, que ia ser gerido pela (Nome da professora). Então, além da questão do saudosismo, que é evidente e não tinha como eu não relatar, apesar de ser subjetiva e não fazer parte do relato do curso em relação à qualidade do curso, isso me deu a segurança da qualidade. Eu sabia como eram as aulas da licenciatura com essas professoras, se essas professoras estão organizando um curso de extensão, só podia ser bom.

P: Você tinha comentado mesmo. Que você confia na instituição. E instituição tem a ver em qual universidade, quem são os professores que estão propondo, enfim.

E1: Exato.

P: E você fez pelo conhecimento também, né?

E1: Aham.

P: Então, por que foi mais marcante você já falou. Mais alguma coisa?

E1: Mais pelas questões subjetivas. Mas pela questão do conteúdo também. Porque me pareceu bobo fazer um curso para estudar a vida. Mas agente é biólogo, né? E durante o curso entender onde estão os entraves para olhar isso, a questão do conteúdo foi interessante.

P: Bem, é comum falarmos em reflexão quando o assunto é formação continuada de professores. Neste curso, que você nos contou, houve incentivo a reflexão sobre a prática pedagógica?

E1: Sim,

P: Você se lembra como?

E1: Eu acho que principalmente no momento em que foi pedido para formularmos perguntas. Tanto para tirar dúvidas do conteúdo, porque foi maçante. Assim, no primeiro encontro a gente saiu. Acho que teve dois encontros [...].

P: Acho que é importante contextualizar. Teve dois encontros esse curso. Um foi num sábado e o outro foi no outro sábado. Durante essa semana vocês precisaram fazer.

E1: Formular perguntas

P: Formular perguntas para rever conceitos do primeiro, dúvida. É sobre que você vai falar. Eu falei agora para registro.

E1: Exato. Durante esta etapa de formular perguntas entre um encontro e outro, eu acho que a intenção nem era é essa de fazer uma reflexão da prática, mas para mim foi evidente. Tanto que as minhas perguntas estavam bem relacionadas às questões da prática.

P: E no segundo sábado, a primeira atividade foi a discussão dessas perguntas, não foi?

E1: Isso.

P: Você lembra alguma coisa para falar?

E1: Eu me lembro que tinha muitas perguntas bobas, assim no sentido de perguntar de um conceito específico. Então, por exemplo: “Não ficou claro o que [...]”. Não lembro os termos exatos agora, mas acho que era “perturbações”. “O que são perturbações”. Tinham algumas perguntas que eram assim. Bem óbvias.

P: De acordo com Maturana... De acordo com a teoria que o grupo estava se propondo a discutir.

E1: Algumas pessoas interpretaram este momento como o momento de tirar dúvidas dos conceitos, que também era o objetivo desse momento, mas eu me lembro de ter perguntado coisa sobre: “Como trabalhar essas perturbações na relação entre professores e alunos?”. “Se não há uma verdade, se a gente não deve tratar as coisas como verdade, como que se explica o conteúdo e a lei da mordaca com a escola sem partido?”. “Como é que isso se relacionaria com as coisas que a gente estava aprendendo ali?”. Então, eu tive uma perturbação, umas angústias mais relacionadas à prática nesse momento.

P: Eu estou com avaliação do curso que você fez. Em algum momento quando se pede sugestões para cursos futuros você fala: “Socialização das respostas das questões enviadas por e-mail”. Isso me faz perceber que você gostou desta etapa. E tanto que você gostaria da socialização desse produto, produzido por todos. Aí eu imagino que você só quer a socialização, se você acha que foi relevante, né?

E1: Sim, sim.

P: Então, você diz também (na avaliação) que: “lendo novas maneiras de escrever as definições aprendemos e reforçamos conceitos”. É uma espécie de revisão.

E1: Exato.

P: É um tira dúvida para um.

E1: Só falava em outras palavras já dava maior clareza.

P: Era uma espécie de revisão também. Não era só um tira dúvida. Neste curso você disse que houve reflexão sobre a prática pedagogia. Então, como você vê a reflexão nos cursos de Extensão Universitária? Reflexão existe nos cursos de extensão?

E1: No curso da IESpub1, ele teve a sua relevância pela questão do conhecimento e pela questão da proximidade com os professores, mas eu percebo que muitas vezes o objetivo da extensão é apenas coleta de dados para um grupo de pesquisa. Então, não há um incentivo de “Ah, vamos pensar juntos sobre a sua prática”. É mais um gatilho para professores coletarem dados”.

P: A não ser que o objetivo de pesquisa seja esse. Aí vão falar sobre reflexão. Mas pensando que a sua experiência é rara nos cursos de extensão, você acredita que é comum ou incomum?

E1: Incomum. Em cursos de extensão é incomum.

P: E nos cursos de extensão que o foco tem a ver com Educação? Você acha que é comum ou incomum?

E1: Os poucos que eu vejo são na área de Educação, mas acho que eu tô enviesada, né? Eu sigo as instituições de Educação para ver o que elas divulgam.

P: Mas nesses, é comum ou incomum?

E1: Eu acho que esses cursos acontecem com mais frequência em algumas instituições, mas são inacessíveis.

P: Ah, entendo.

E1: No IESpriv2 ocorrer cursos, se bobear todos os dias. É uma instituição que tem bastante curso, com bastante frequência, só que é muito caro.

P: Qual a sua opinião desses cursos de Extensão Universitária focarem na reflexão sobre a prática?

E1: É essencial. Ou ele faz isso ou ele não serve.

P: Por quê? Você consegue me falar por que é importante essa reflexão sobre a prática?

E1: Eu acho que é por essa estratégia que o professor mostra que ele tem algo a contribuir. E não só dar dados para pesquisa de alguém. Então é um movimento de troca entre o professor de Educação Básica e a academia. O professor não está lá para ser sujeito de uma pesquisa ou para relatar e aquele relatório ser resultado de um experimento, mas ele está lá para dizer as contribuições dele da reflexão sobre a prática. Durante a reflexão os conhecimentos que ele gera.

P: Pode ser também para isso também, né? Mas como você deixou muito claro, desde o começo, a qualidade é fundamental. Se a qualidade “casar” com dados pesquisa, “casar” com evolução funcional é muito bem-vindo, né?

E1: Isso gerou um grupo de profissionais preguiçosos. Então eles querem fazer cursos rasos, rápidos e que se pontuem e apenas isso.

P: Em síntese, você pode me dizer por que é importante fazer cursos de Extensão Universitária.

E1: No caso da Educação, né? Que é o meu caso. Eu acho que a extensão acaba se tornando um mecanismo de atualização do professor para se manter estudando, se manter atualizado em relação não só a metodologia de ensino, né? Pelo contrário, quanto menos metodologia de ensino melhor. Acho que se manter atualizado nas relações do conhecimento mesmo. E para conhecer novos métodos de trabalho. Eu acho que fazendo um curso de extensão que você é avaliado, por exemplo, por co-avaliação é

um jeito que da para acabar percebendo que co-avaliar é um jeito legal de trabalhar e às vezes você leva sua prática.

P: O que é co-avaliação? Colegas avaliando? Heteroavaliação?

E1: Não. Quando você, o professor, compartilha o seu percurso. Você dá uma nota para o seu percurso e o professor da outra nota e vocês co-avaliam.

P: Ah, sim. É que a princípio eu pensei que era heteroavaliação. Avaliar os colegas, mas é co-avaliação.

[xxxx]

P: Você já ouviu falar da tríade da universidade: ensino, pesquisa e extensão? O que você pensa sobre essa tríade? Quando você acha que ela apareceu? Se você sabe, quando que ela apareceu na legislação brasileira? Sei lá, nas décadas de 50, 40 como que era isso? Você pode falar um pouco sobre essa tríade? Desde quando você acha que existe?

E1: Historicamente não tenho a menor ideia. Quando eu entrei na IESpriv1, todos os professores falavam isso e a gente até brincava: “Lá vem mais um professor falar a universidade é feita com um tripé”. E a gente falava: “Lá vem: pesquisa, ensino e extensão”. Então todos eles falavam a mesma coisa. Então eu achava que era um pré-requisito para se chamar universidade. Não sei legalmente quando isso surgiu, historicamente não consigo pontuar também. Eu entendo que ensino seja as aulas a grosso modo. Aulas das disciplinas, as pessoas matriculadas no curso, e a universidade cumprindo o seu papel de ensino. Pesquisa está relacionada à área de pesquisa. No caso do IESpriv1 tinha pesquisas do bacharelado e a gente fez TCC da licenciatura, então tinha pesquisa na licenciatura também. Na pesquisa, área de construção de conhecimento mesmo. De pesquisar, investigar uma situação, uma hipótese de se viver as ciências. E a extensão, a divulgação destes conhecimentos ou uma coleta de dados de uma pesquisa aí se chama um grupo de específico. Tenho um amigo que dá aula no IESpub4 e lembro que ele me disse que tinha que fazer um curso de extensão para aquário. E aí me mobilizou um pouco para discutir o que é extensão com ele. Eu: “Como assim, aquário? Por que isso é extensão?”. E ele havia me dito que seria um curso aberto para comunidade. E aí eu entendi que não precisa ser universitário para frequentar um curso de extensão. E aí cumpriria com seu papel de sair dos muros da universidade.

P: E em 1950 você acha que era assim também?

E1: Acho que não devia ter extensão, né? Devia ser uma coisa mais elitizada, talvez, e quem frequentava a universidade tinha que se diferenciar de quem não frequentava.

P: Ok. Tá bom. Muito obrigado.

APÊNDICE C

(Entrevista com a professora da Rede Estadual – E2)

Quadro 2 - Conversões dos símbolos utilizados nas transcrições da entrevista 2

P:	Pesquisador
E2:	Entrevistada 2 (Professora da Rede Estadual durante o curso, atualmente também professora da Rede Municipal)
[xxxx]	Parte suprimida por conter elementos irrelevantes ao trabalho
[...]	Pausa
[Nome]	Nome suprimido para evitar identificação
IESpub*	Instituição de Educação Superior pública
IESpri*	Instituição de Educação Superior privada
*Os nomes das Instituições de Educação Superior foram substituídas pela sigla IES para evitar identificação da instituição. A sigla é acompanhada por pub ou priv, correspondendo às instituições públicas e privadas, respectivamente; e por números sequenciais correspondentes as várias instituições citadas nas entrevistas.	

P: Olá. Boa tarde.

E2: Boa tarde.

P: Vamos começar? Vou ler a questão inteira e depois a gente separa. Você pode contar um pouco sobre a sua história acadêmica e a sua história como professora? É importante: Quando você entrou no curso você já queria ser professora? Como se tornou professora? Há quanto tempo? Por que optou pela docência? Como se sente em relação a ela? Essas coisas, [...] que te caracteriza. Se você quiser falar mais coisas fica à vontade, tá?

E2: Tá.

P: Mas, enfim, a pergunta principal é: você pode contar um pouco sobre a sua história acadêmica e a sua história como professora?

E2: Tá. Então, eu entrei na faculdade em 2008, de Biologia, não tinha a princípio vontade de ser professora, não era o meu objetivo. O meu objetivo era ser pesquisadora na área de Biologia Marinha, é o que eu sempre quis. Tanto que no meu curso de Biologia Marinha foi entre o primeiro e segundo semestre da faculdade. Então eu entrei bem focada nisso, mas entrei já na cabeça de fazer licenciatura, mesmo não tendo muita ideia de ser professora. Entrei na licenciatura, e você começa a se envolver, mesmo com as dificuldades e tudo. É [...] fui gostando da área da licenciatura, mas também com foco na Biologia Marinha porque sempre me cativou muito, eu sempre quis algo da área

da Biologia Marinha. Só que por conta dos estágios da licenciatura me foquei mais na Educação. Então, meu TCC de licenciatura foi na área de Educação, Educação para estrangeiros, e o TCC de bacharelado também em Educação para estrangeiros. Só que no último ano, mesmo com este TCC eu resolvi e consegui um estágio na área de Biologia Marinha que era o que eu queria. Aí fui, fiz um ano de estágio no Instituto Oceanográfico da IESpub1. Fiz um ano lá, aí terminei a faculdade e prestei o mestrado, mas também não queria ainda passar, eu queria ter um pouco mais de experiência na área acadêmica. Fiquei um ano lá trabalhando como técnica de laboratório, lá no laboratório onde eu estava. Aí passei no final do ano para fazer o mestrado.

[xxxx]

E2: Fiquei um ano e meio. Aí eu passei no mestrado, que era tudo o que eu queria, na área que eu queria, um tema legal, que inclusive pra gente faz um estudo ali de levantamento de peixe do lado do Porto de São Sebastião, para ver se eles não aumentam, enfim, né? Aí fiz o mestrado lá. Só que eu comecei a me encher da área acadêmica e queria voltar para a Educação que eu achei que ia me alegrar mais. Porque eu gostei muito da área de Educação quando eu estava terminando a licenciatura. Aí terminei o mestrado em maio de 2016. Magicamente o Estado de São Paulo resolveu chamar os que tinham passado no concurso do estado de 2013. E eu era uma delas e aí eu comecei a ter contrato ativo no estado que já fazia um bom tempo que eles não abriam. Aí eu comecei a dar aula, porque eu também estava desempregada, não tava indo mais para o laboratório, não tinha mais bolsa, mais nada. Precisava trabalhar, fui dar aula no Estado de São Paulo como categoria O. Meu contrato é de 30 de maio de 2016. Aí eu peguei duas escolas, foi um pouco traumático para mim. Eu sofri muito no começo, muito mesmo, mas eu falei não é isso que eu quero, vamos lá, vamos lá. Eram escolas muito difíceis também, muito difíceis, e uma realidade muito diferente do que eu estava acostumado. A Educação muito diferente, mas sempre tentando manter a vontade de dar aula como a gente sempre estudou, nunca perder o entusiasmo, não se deixar abater pelo sistema. Tudo bem. Aí fiquei até o final de 2016. Entrou 2017, uma confusão, você não sabe para onde você vai com a categoria O. E nisso eu já tinha prestado concurso da Prefeitura que também não tinha saído. Aí eu consegui, depois de muito custo, uma escola, também no Butantã, como categoria O, mas uma parte importante: em 2016 eu peguei tudo escola de Ensino Médio, eu dava aula só para Ensino Médio. Ano passado, no começo de 2017, eu só dei aula para o Fundamental.

Então eu tava com a carga cheia no Fundamental. E eu vi que eu gostei muito mais. Já era um desejo meu querer ir cada vez mais pra séries iniciais, mas tinha que contar com a sorte para conseguir as aulas. E em 2017 eu consegui realmente só Fundamental. Era uma escola muito melhor do que as outras que eu tinha trabalhado, mas muito, muito melhor. O público era muito mais educado, assim, você até sentia um papel melhor de professor ali na sala de aula. E era fundamental, que eu gostava muito mais. Então eu já até me alegrei mais, a Prefeitura é só Fundamental, acho que vou me dar bem. E aguardando o processo da Prefeitura que eu também já tinha me inscrito, eu me inscrevi igual você para ser contratado da Prefeitura, mas, enfim, não consegui também.

P: É. Nós temos algumas semelhanças.

E2: Pois é. As coisas são meio tensas. Só que aí, nesse meio tempo eu já não tava mais aguentando porque era muito longe de casa, a escola era o tempo inteiro era assim, o período cheio. Eu ficava o dia inteiro lá nessa escola e eu voltava super cansada para ter que acordar às 04:30 da manhã para ir devo para escola. Eu não estava aguentando o pique. E aí eu já ia pedir para sair, não ia quebrar o contrato, mas eu pedi para sair e ficar o ano inteiro sem atribuir mesmo. Eu ia por a minha conta em risco. Só que nesse meio tempo a professora que eu tava substituindo voltou, porque ela estava de licença. Então eu não perdi o meu contrato. Só que ela voltou e eu fiquei sem aula. Ok. Só que nesse meio tempo, eu fiz um processo seletivo para fazer um trabalho na Amazônia. No Amazonas, perto de Manaus. Passei, a princípio eu achava que tinha um pouco a ver com a área de Educação. Só que era para ser monitor, não monitor de escola, mas era monitor de alunos estrangeiros que estavam vindo para cá para fazer intercâmbio. Só que eu achei que tava chamando biólogos para dar um ar mais Educação naquele lugar, né? Já que estamos na Amazônia. Fui totalmente com esse intuito, fui lá, beleza. Vou ser monitora, mas vou dar o meu melhor de bióloga para isso que eu tô sendo chamada, né? Aproveitar que a sua professora, sou bióloga, vamos unir os dois. Aí cheguei lá, fiquei um pouco decepcionada, porque era puramente turístico o negócio. Deu um baque, um choque de realidade, porque ninguém estava muito interessado no que a gente falava, mas ainda consegui desempenhar o meu papel que me deixou um pouco mais tranquila. Que eu tentei fazer o máximo, do meu jeito de chamar atenção dos alunos de certa forma e passa um pouco da Biologia.

P: Qual que era a idade desses alunos?

E2: Era tudo adolescente de Ensino Médio, de 15 a 18. Aí fiquei 5 semanas lá, 40 dias na Amazônia, foi incrível, né? Foi uma experiência e tanto. Eu conheci muito, porque na verdade não conhecia nada da Amazônia. Nunca tinha ido para lá. Quando a gente vai, a gente acaba conhecendo muito mais lugar, mas eu tentei ser mais professora do que só monitora. Não era bem o foco, mas, enfim, fui. Aí voltei. Aí nisso que voltei, aí gente, preciso de umas férias, porque me acabei lá. E nesse meio tempo me chamaram para a Prefeitura. Aí passou, aí falei: “Agora não vou voltar pro estado, né? Agora com a Prefeitura, vou esperar para ver o que que vou receber da Prefeitura”. Aí em agosto, comecei a dar aula, que foi depois da perícia e tudo, aí comecei a dar aula na Prefeitura em agosto de 2017 numa escola, com vaga precária, eu tinha que mudar do mesmo jeito, mas comecei a dar aula no Ensino Fundamental. Só que foi um choque de realidade, porque o público da Prefeitura é muito, muito complicado, muito mais do que o estado. A escola que eu tava, que eu achava que era uma escola razoável por ser perto de metro, era dum publico complicadíssimo e a direção muito pior. Então, foi meio tenso a ideia, assim, mas eu já entrei com a expectativa baixa. Eu entrei como, como [...] como substitua.

P: Ah, eu sei.

E2: Em fim, eu não era regente.

[xxxx]

P: Módulo (professor substituto da Rede Municipal de Educação).

E2: Módulo. Eu ficava de módulo. E isso já era uma dificuldade. Porque você não consegue criar vínculo com ninguém. E eu já entrei no meio de agosto, as aulas já tinham começado a um mês. Então foi meio tenso na hora que eu entrei. Fiquei balançado, assim, mas a minha vontade de dar aula era maior. Então eu não exonerei, porque muita gente exonera assim. Teve colegas lá que falaram que teve gente que exonerou em menos de uma semana. Mas beleza, vamos lá. Eu não vou ficar lá pro ano que vem, com certeza. Aí agora, vamos lá. Segunda feira começa a nova escola.

P: Comigo também.

E2: É, então. E aí vamos ver o que vai ser. Vou ser regente. Vou ter outro vinculo, mas já vou tirar uma licença maternidade.

P: Bem, agora é desde o início letivo, mas vai ter o hiato, né?

E2: Então, aí vou dar um bimestre, mas aí já vou parar.

P: Tá.

E2: Mas assim, eu tento sempre me conformar. É [...] eu tento sempre me conformar e não me deixo a me abater pelo sistema.

P: Aham.

E2: Porque se não eu vou entrar em depressão e não vou querer mais dar aula. Isso é fato, né? Então, assim, pra mim. Isso é fato pra mim. Aí eu to na luta lá. Sempre tentando fazer coisas novas. Lidar de maneira diferente com os meus alunos porque eu ainda to com essa dificuldade. Eles não tem graça nenhuma, eles te bater, eles te xingam. Eles não tão nem aí para você. Tudo, né?

P: Atualmente conheço bastante. Isso que você tá falando eu sei na pele também. Estamos na mesma fase. Bem, e como você se sente em relação à docência. Você acabou contanto. Tem mais alguma coisa, algum sentimento em relação a docência em geral? Ela te conforta, ela esta te realizando de alguma forma?

E2: Eu achava que ia me realizar mais, mas como eu comecei 2016 realmente em dar aula de verdade. Ah [...] eu pulei [Nome da Escola Privada], mas nessa escola eu fiz uma oficina, não era nada de aula.

P: Eu conheço uma escola [Nome] no Tatuapé. É essa?

E2: Não, é na Paulista. Aqui na Paulista. Mas nem vale como docência, porque era uma oficina só.

P: Quando eu perguntei da realização, é porque eu também estou nesta parte do processo. E escuto bastante falar que os três primeiros anos são bem complicados, mas eu tenho expectativa que vai me trazer a realização. Eu não sei qual é o seu sentimento em relação a isso. Porque eu sou uma pessoa pessimista, mas em relação a isso eu tô otimista. Eu acho que vai melhorar. Muitas coisas [...]

E2: Eu to assim, eu acho que vai melhorar eu me aceitar mais como professora e me encaixar, assim, achar uma jeito meu de dar aula que eu me sinta melhor. Eu olho ainda, acho que eu posso melhorar nisso;

P: Mas pensando a docência como profissão. Ela é, mas às vezes ela é problematizada. Você se enxerga como outra profissão além de docente hoje?

E2: Não, hoje não.

P: Se alguém te perguntar o que você quer ser daqui alguns anos, você responde professora?

E2: Eu respondo professora, porque quando eu estava terminando o mestrado eu falava: “Eu preciso ser professora”. Eu quero ser professora, não importa o que [...] E mesmo lá

na Amazônia eu me identificava muito com essa parte de explicação, de me envolver com os alunos, de fazer essa troca de experiências. Então, eu lá estava me sentindo realizada no momento, no mísero momento que eu tava explicando, eu estava me sentido super realizada. Fora o resto que monitora, né? Mas no momento da explicação, no momento que você estava interagindo de algo pedagógico eu tava super realizada. Então eu falei: “Pô, então eu não tô no caminho tão errado”.

P: Certo.

E2: E aí quando eu volte, entrei eu falei: “Tá difícil, eu vou ter que ajustar para eu não ficar louca, porque é fato”. Só que também o que que acontece que me dá muita esperança, eu vou tentar melhorar a cada dia, a cada ano para eu conseguir realmente aguentar o tranco para não exonerar. Porque hoje o que eu tenho é a Prefeitura. E o que me dá ainda força de falar: “É isso que eu queria. E é isso que agora eu tenho”. Eu consegui tudo que eu queria, na escola do meu lado da minha casa. Tudo certinho. O dinheiro. O dinheiro que eu digo, assim, tem um plano de carreira.

P: É. Eu estou na mesma fase, mais um vez, e é o seguinte. Não acho que é maravilhoso o que eu tô recebendo, mas o que que acontece. É a melhor oportunidade que eu tive.

E2: É.

P: Eu não tive outra oportunidade com biólogo, que eu também não procurei muita coisa, como professor, com outra coisa que não fosse essa. Ou seja, eu não tive outra melhor. Nem em relação ao dinheiro que recebe hoje e nem ao plano de carreira daqui a 10 anos. Embora, eu vejo que o plano de carreira nos últimos anos foi piorando. Tá cada vez mais complicado as pontuações e tudo, né? Os professores que trabalham há 12 anos, a diferença de salário não é tão grande, mas eu não tive coisa melhor do que isso.

E2: E eu, assim, para quem dá aula no Estado, a Prefeitura é outra coisa. Os alunos são mais difíceis? São, mas quanto ao salário. Infelizmente a gente tem que pensar nisso, porque a gente também paga conta. Quando o salário cai no final do mês, a gente fala: “Nossa. Vamos lá. Vamos enfrentar mais um mês”.

P: É verdade.

E2: Porque a gente sabe. Tem possibilidades de melhorar fazendo um curso ou outro. Então, vai melhorando.

P: Isso.

E2: Sim. É o melhor que eu tenho hoje. Era tudo que eu queria mesmo. Eu fazia reza de todas as coisas possíveis para conseguir entrar, para passar nessa perícia porque eu tinha

problema na voz de falar errado, tudo. Então eu tava com muito medo de ser barrada na perícia. E deu tudo certo. Então era tudo que eu queria. Eu não vou deixar essa oportunidade escapar. E eu acho que eu tenho, espero, que eu tenho competência de continuar melhorando e não me frustrar tanto daqui para frente. É tudo questão de ajuste, né?

P: Aham.

E2: Mas vai melhorar.

P: Você está há poucos meses na Prefeitura. Você vai tirar licença. Tem tanta coisa. Eu acho que entre 3 e 5 anos vai chegar o momento que...

E2: Que a gente se acha.

P: Que vai ter uma mudança. Isso que eu estou chutando alto, 3 a 5 anos. E não é fácil ficar 5 anos de sofrência. Mas eu acho que até mesmo.

E2: Eu acho que, assim, é aquela coisa de começar um ano e acabar. Porque eu ainda não consegui. 2016 eu não comecei no começo do ano.

P: Você já passou o ano passado torto. Esse ano vai ser diferente. Aí, no ano que vem.

E2: A gente vai ver como é que é.

P: Obrigado. A gente teve um papo grande aqui, mas é gostoso falar. Primeira pergunta. Onde, em relação a Rede, Privada, Estadual e Municipal, você dava aula durante o curso da Biologia do Conhecer.

E2: O curso foi em?

P: Agosto de 2016.

E2: Estado.

P: Era só Estado? Categoria?

E2: O.

P: O é eventual, né? Não é módulo, né? É eventual

E2: Na verdade não é eventual. É categoria assim, eu sou regente, mas eu sou contratada. Igual você na Prefeitura.

[xxxx]

P: Então, atualmente você não está mais no Estado. Você exonerou?

E2: Então, como era categoria O, o meu contrato.

P: Ah é. É contrato, tá certo.

E2: Eu vou tentar pegar ainda algumas aulinhas no Estado, mas está uma zona e eu não sei se vou conseguir.

P: Então, hoje você está só na Prefeitura oficialmente.

E2: Oficialmente.

P: Vamos para a parte sobre concepção, do meu trabalho. Como você entende Extensão Universitária?

E2: Pensando no que eu fiz lá. Eu até cheguei a começar outro curso lá na IESpub5, mas eu não gostei e parei. Então eu nem falei aqui, mas eu acho que Extensão Universitária é algo que os professores que estão fazendo de pesquisa, lá dentro da universidade, resolve fazer um curso sobre isso para divulgar. Para divulgar não só o trabalho da pesquisa, mas a universidade.

[xxxx].

E2: [...] Mostrar para as pessoas que existem outras possibilidades de determinado assunto. Então, por exemplo: o que é Cronoeducação? Não sei. Eles sabem muito na linha de pesquisa deles, mas se eles não fizessem esse curso eu nunca ia saber. Porque só lá tem.

P: Ótimo.

E2: Então, é um pouco divulgar a universidade também, porque eles estão lá e se a pessoa vai querer um curso lá já sabe que vai conseguir conversar com eles, pesquisadores e tudo. Conhecer essa linha, as linhas de pesquisa que eles têm, conhecer os professor. Eu acho que é mais isso.

P: Tá. Você me deu a resposta. Onde fica? Dentro da universidade. Quem faz? Os professores universitários. O objetivo? Divulgação científica do trabalho deles. E para que público, assim, você acha que é quem faz (oferece) Extensão Universitária faz para quem?

E2: Eu acho que depende muito do curso. Os que eu fiz, como eram mais focado para a área de Educação, eles eram mais focados em professores. Não importava, se era pedagogo, não importava para qual faixa etária. Tinha que ser professor.

P: Ah, legal, mas isso em relação aos cursos que você fez. Você consegue elucubrar um pouco sobre outros cursos de extensão, que não é nessa área? Para quem pode fazer? A extensão atinge a quem? Coisas até fora do que você estudou.

E2: Eu acho que qualquer um pode fazer.

P: Qualquer um?

E2: É, não? (risos)

P: Ah, ok. Tudo bem.

E2: Ah, porque quando eu fui me inscrever, porque eu olhei vários. Esses tinham a exigência de ser professor, os outros não. Ah, você gosta disso, então [...] Não sei se tinham muito pré-requisitos, assim, para determinada pessoa. Determinada profissão, sabe?

P: Com que frequência você faz cursos de Extensão Universitária?

E2: Eu faço menos do que eu gostaria. Eu to tentando fazer um por ano. É pouco. Na verdade eu ia fazer 2 no ano passado. É que realmente eu não gostei do curso, aí eu larguei.

P: A frequência é menos do que você gostaria. E você está tentando um nesses últimos anos. Gostaria de mais?

E2: Gostaria de mais.

P: E por ser Extensão Universitária é onde?

E2: Na universidade.

P: Pode ser EaD ou não. Você fez presenciais todos?

E2: Todos presenciais.

P: Você procura EaD?

E2: Então, na Prefeitura eu to fazendo EaD, por causa das evoluções. Mas é da [Nome do sindicato], dos sindicatos.

P: Então aí não é Extensão Universitária, é outra modalidade de formação continuada.

E2: É. Então, como eu quero fazer pós-graduação de qualquer coisa, assim, para me especializar, contar para evolução e a Pedagogia, tem umas universidades que fazem um combinado que você faz algumas extensões universitárias.

P: Conheço.

E2: Então eu vou tentar fazer pelo menos uma por ano, que são extensões grandes. Quase o ano todo.

P: Entendo.

E2: Aí eu vou ver o que vai dar, mas a ideia é de sempre fazer um curso, independente do que for.

P: Ótimo, agora pensa em Extensão Universitária. Não nesses de sindicato. O que você leva em consideração no ato de escolher um curso de Extensão Universitária? Então pensa nisso no da Biologia do Conhecer, neste da Cronoeducação, no da Biologia Marinha. O que você levou em consideração para escolher e dizer eu quero fazer esse curso?

E2: Eu tenho sempre procurado cursos na área de Educação. Isso é fato. Biologia Marinha não era porque o meu foco era na Biologia Marinha. Na Cronoeducação era o meu principal, eu não ia fazer um curso de extensão que não tenha nada envolvido com Educação. Por exemplo, lá na IESpub1 tem curso de inverno de genética, eu não vou fazer um curso desse.

P: Aham.

E2: Eu vou fazer um que esteja realmente voltada a área de Educação ou algo que eu não sei ou algo que eu ainda não vi, que é sobre inclusão.

P: Então, quando eu perguntei: O que você leva em consideração? Você me diz a temática, a Educação. Mas que critério? Você sabe se ele é bom? Você pergunta? Você vai atrás? Você confia na instituição? Que critérios você utiliza? Vale qualquer coisa e depois você descobre? Então, tirando a parte temática, qual o critério para seleção do curso.

E2: Então, eu levo muito em consideração o horário do curso. O tempo de disponibilidade que vou ter. Dinheiro sim, mas a princípio os cursos que estou fazendo são todos de graça. Então isto tá ótimo.

P: É o que eu procuro também.

E2: Éé [...] e se é bom? Olha eu até faço uma seleção, assim, vou atrás do currículo dos professores para ver realmente [...] Que bairro [...] esse que eu fiz de Cronoeducação tava na IESpub5. Então eu falei: “São todos da IESpub5, vamos ver. Deve ser relativamente bom”. Só que a questão de didática. Se o professor é bom ou não, eu só fui descobrir a hora que eu entrei no curso.

P: Só na hora que você tá fazendo, mas você está me falando que você confia na IESpub1 e IESpub5. Elas já têm crédito para você, né?

E2: É. Elas já têm crédito.

P: A Biologia do Conhecer?

E2: Já era do IESpriv1. Eu conhecia os professores, vai dar super certo. Eu já tinha uma confiança já.

P: Como você fica sabendo dos cursos de extensão?

E2: Tudo pelo Facebook. Todos eu vi pelo Facebook. Este da IESpub5, inclusive, foi a/o [nome dos professores] que tinham compartilhado. Aí eu entrei para ver, dava tempo para eu me inscrever, aí eu me inscrevi.

P: E você, depois que você fez essa inscrição, você não procurou outros cursos no site?

E2: Eu procurei, só que não apareceu mais.

E2: Eu comecei a fazer esse outro, que eu nem lembro o nome mais. Era de pedagogia. [...] Ciências para crianças. Era Ciências para crianças. Era bem votado, tipo, você usar a profissão de biólogo voltado para criança com professor.

P: Legal.

E2: E eu achei um máximo esse tema. Um máximo. Só que aí eu achei a aula muito chata. Então, aí eu falei: “Para atravessar a cidade eu não”.

P: Ok. Próxima questão. O que te motiva a realizar cursos de extensão? Por que você faz esses cursos?

E2: Reciclagem. Conhecer coisas novas. Acho que a gente ainda precisa conhecer muita coisa que a gente não consegue abarcar tudo na faculdade.

P: Sim. É apenas para conhecimento mesmo?

E2: Eu acho que o conhecimento [...] ele leva para a reflexão para gente usar no dia-a-dia. Não é tudo que eu tô usando desse curso de Cronoeducação, por exemplo, mas muita coisa me fez refletir. Ah, será que eu não posso ser menos exigente com certos alunos ou com certa faixa etária por causa do sono que eles tem em determinada idade? Então a gente começa a pensar, não precisa ser tão exigente. A gente pode ser mais flexível. Vamos fazer uma atividade diferente para ver se eles acordam. Porque é algo biológico mesmo, não é algo só de preguiça.

P: Porque quando eu pergunto: “É só conhecimento mesmo?”. Eu acredito que você procura conhecimento, eu também procuro. E aí eu tô deixando claro agora, porque eu não quero te influenciar nas respostas e eu não posso. Então eu vou falar de uma temática e eu espero sinceridade, tá? Não é só porque eu estou comentando que você responde. Mas assim, a gente sabe que você tava falando de evolução e esses cursos servem para evoluir. As vezes Extensão Universitária pode servir para evolução funcional. Quando você faz ou você acha que neste próximos cursos você vai levar isso em consideração?

E2: O conhecimento? Não.

P: A evolução funcional.

E2: Eu vou, mas eu não vou fazer nenhum curso de extensão só puramente para evolução funcional, não que eu não goste. Não vou. Eu vou pegar a área do conhecimento que eu quero atingir. Então, eu se eu tiver, por exemplo, eu vou dar um exemplo que eu tinha visto faz pouco tempo. Artes na Educação. Eu acho legal, nada

contra quem faz artes. Meu amigo, super amigo meu é de Artes. Só que eu não levo jeito algum para artes. Eu não gosto de artes. Eu vou odiar o curso. Então eu não vou fazer. Se só tem esse curso para oferecer eu não vou fazer. Se for museu. Eu odeio museu de artes. Então eu não vou fazer.

P: Se casar os dois, né? Conhecimento e evolução. Será muito bem-vindo, mas é muito legal essa sua fala, de não se obrigaria a realizar um curso só, apenas, por fins burocráticos.

E2: É.

P: Porque a gente tem acesso a tanta coisa que é fácil casar gosto e evolução.

E2: É que tipo. Ele é assim [...] Os dois cursos que fiz para evolução, que eu sei que não é o foco aqui, foram realmente relacionados ao que eu queria. Os outros eu descartei completamente.

P: Da para ver, olha: os três cursos que você citou são as áreas de interesse de sua de formação, aquilo que você quer saber mais mesmo.

E2: É isso mesmo.

P: Pense nos cursos de Extensão Universitária que você fez. Você pode falar um pouco sobre como estes cursos têm contribuído para a sua formação? A Cronoeducação a gente pode começar. Como ele contribuiu?

P: Tá. Primeiro, por mais que a gente tenha na área da Biologia, que isso foi um diferencial até para mim lá no curso, porque a maioria era pedagogo que tava fazendo, por qualquer razão. A gente já conhecia um pouco do ritmo biológico do corpo humano ou de alguns animais, em fim, de alguns seres vivos. Só que da esse enfoque voltado [...]. O que é a Cronoeducação, a cronobiologia, e toda ligada ao sono, a momento que a gente tem de repouso e atividade. Nós só somos repouso e atividade. E que o corpo precisa, mas preciso é como? O corpo de um bebê é diferente do corpo de um adulto, de um idoso e aí ele leva em consideração a ontologia do corpo humano, relacionadas a estes momentos de repouso e atividades. Então, porque adolescentes querem dormir tanto? Porque é um processo fisiológico dele que tem que dormir. Tem que dormir. Os adolescentes que dormem pouco é raridade. Então, como é que a gente pode usar essa parte fisiológica ao nosso favor dentro da sala de aula e não ficar tanto brigando com os alunos para ficarem acordados? Porque tem hora que eles não vão ficar acordados. Então, uma das linhas, principalmente do curso, era essa. E eu tento sempre trazer isso para dentro da sala de aula, como eu falei, vou tentar entender mais o lado do aluna e

não achar que é só preguiça. Porque eu lembro de quando era adolescente. Eu dormia muito. Então, pêra aí, repete a sua pergunta.

Eu estava perguntando: “Como estes cursos tem contribuído na sua formação?”. Aí você explicou como é o curso de Cronoeducação.

E2: Na minha formação, bom eu acho que a gente consegue entender muito mais e consegue criar, que isso é uma das exigências dele, inclusive, do curso, que quem ministra o curso, ele foi tipo um braço direito do Paulo Freire na época que tava aqui na secretaria de Educação. E o que ele fala, que a gente tem que ajustar a cronologia do ser humano de acordo com o horário de Educação dele, dentro da escola. Então a maior estupidez é colocar um aluno de Ensino Médio, por exemplo, para estudar de manhã. Ele não vai conseguir. A maioria não vai conseguir. E tornar isso políticas públicas. Esse grupo de pesquisa tenta o máximo fazer isso, não só no Brasil, mas fora também, porque já tem um grupo forte fora do Brasil atuando e tentando fazer políticas públicas para pensar na biologia da pessoa. E junto com os pais, mostrar isso para os pais que é importante a gente levar em conta. Por exemplo, tem escolas que falam: “Qual o melhor horário para o seu filho?”. A gente pode fazer, e eu já sei de relatos disso. A criança vai na escola, faz um teste de manhã e à tarde. Qual o horário que ela se sente melhor e que os professores identifica que eles estão melhores, mas ativos, é o horário que põe a criança na escola.

P: Como que eu analiso um pouco essa pergunta. Tem uma frase que eu até procurar aqui e não achei e eu vou falar o sentido dela e até adaptar para o nosso tema. É um professor conversando com um aluno, falando: “Aluno, para eu ser um bom professor de Ciências eu tenho que saber sobre o ensino de Ciências, João”. Por quê? Um bom professor tem que saber sobre o ensino, a parte pedagógica. Um bom professor tem que saber sobre Ciências, Geografia, Matemática. E um bom professor tem que saber também sobre o João. E me parece que você tá estudando esse João, esse sujeito. Se você vai dar aula para adolescente, a gente sabe que eles gostam de dormir. Então, me pareceu, a princípio, que você está estudando sobre o sujeito. Pelo menos é o que a sua fala me pareceu. Não sei se você já pensou dessa forma. Mas é uma das coisas importantes da Educação. Reconhecer o sujeito, entre tantos, os alunos.

E2: E conhecer o sujeito.

P: Você tem que conhecer ele. Conhecer a parte social dele. A parte econômica que faz sentido. A parte da saúde. A parte de como ele se relaciona.

E2: Com a família.

P: [...] e com os amigos. Mas também a parte fisiológica.

E2: E saber que tem muitas diferenças entre o Ensino Fundamental e Médio.

P: Sim.

E2: Eu acho que também é o perfil de como lidar com o sujeito. Meu perfil, aparentemente, eu lido muito melhor com Ensino Fundamental do que médio.

P: Eu também.

E2: Foi um baque para mim quando eu entrei na Prefeitura. Mesmo assim eu prefiro dar aula no fundamental.

P: Eu também. Próxima, pode ser?

E2: Aham.

P: Ah, você falou da Biologia do Conhecer, você tem alguma fala? Como ela tem contribuído?

E2: Olha, eu e meu marido fizemos este curso. Engraçado que ele até traz muito a tona, dessa parte do que é um ser vivo. Eu não entro muito numa crise comigo, eu fiquei em crise no momento do curso, tipo, meu Deus, o que que eu vou falar o que é um ser vivo, como é? Tudo o que a gente discutiu no curso, mas a gente tem que criar uma linha porque não dá tempo de discutir tudo isso com os alunos, eles também não tem muita abertura. A temática fica na cabeça de tentar fazer algo diferente, por exemplo, no Ensino Médio, capaz que de para conversar? Sim, mas eu tento me manter no que faz mais sentido na minha cabeça, mesmo depois do curso, que a gente ficou pensando muito do que é.

P: Mas você pode especificar para contextualizar esta parte da entrevista na minha transcrição. Era curso de que?

E2: De o que é um ser vivo.

P: Do que é um ser vivo.

E2: Tipo, vírus é um ser vivo ou não. Nossa pergunta de todos os dias em casa. É ou não é? Ah, é muito complicado chegar falando ser vivo é isso, isso, isso? É muito complicado. A gente não sabe que na Biologia tem um zilhão de regras e nenhuma se encaixa em nada. Só que como a gente vai falar isso para o aluno? Oh, a gente não sabe a resposta nenhuma. Então a gente chega tentando mostrar as coisas, chega e: “Olha, não é bem isso, nem aquilo, mas é mais ou menos”.

P: É que é assim, na minha formação, acredito que na sua também, e é o perfil tradicional dos alunos, eles querem respostas. Eu nunca vi uma prova que não pedisse respostas, que não respondesse uma pergunta. E essa é a parte da ciência que é bonita, de ter dúvidas e as reflexões para tentar chegar algumas conclusões e não vão ser perfeitas é muito bonito. Mas é difícil para gente entender isso, né? Para nossos alunos mais ainda. E esse é o desafio.

E2: É.

P: Mas o que você está me relatando é a dúvida, né? O tanto que a dúvida, reflexões são importante para entender um processo, que é o da vida, do ser vivo. Mas como complica tanta nossa história.

E2: Nossa história na sala de aula, mas assim a reflexão fica muito para mim durante a minha vida. Então acho que já vale a pena.

P: Assim, você com professora faz parte da sua vida, fica também para a sua profissão.

E2: Exatamente.

P: Agora, voltando para Extensão Universitária. Que problemas você enxerga nesse tipo de curso? De curso de Extensão Universitária.

E2: Bom, um dele é que ao mesmo tempo em que ele é muito legal de aceitar qualquer coisa, qualquer coisa no sentido não é muito focado, por exemplo, nesse curso tinha pedagoga, bióloga, uma musicista. É legal? É. Só que ao mesmo tempo várias coisas que eles falaram da biologia do ser humano eu já sabia. Então várias coisas eu fique lembrando. Ah, é verdade, que legal. Nunca vai abraçar tudo e nem todo mundo. Várias coisas eu já sabia, várias coisas da pedagogia eu já sabia.

P: Você está relatando que isso é um problema, mas faz parte? É isso.

E2: Faz parte.

P: Se não tivesse esse problema ia ser chato também. E não faz mal lembrar, né?

E2: Não.

P: A não ser que for só lembrança.

E2: Mas foi bom, foi bom. Não foi tão maçante.

P: Agora vamos pensar em exemplos mais concretos. Dos cursos que você já fez, qual foi o mais marcante? Você já relatou esses dois. E você pode nos contar com esse curso foi? Você já contou algumas coisas. Aí você escolhe um para falar qual foi o mais marcante.

E2: Vamos falar o de Cronoeducação porque foi o mais diferente para mim. Foram outros professores, eu não conhecia ninguém.

P: É que desse curso você já contextualizou, né? Se tiver alguma coisa nova pode contar. E falar por que ele é marcante. Que é o que você estava falando agora.

E2: Uma proposta legal dele. O final dele. O trabalho final para ver se aprovava ou não as pessoas. Você tinha que criar uma atividade para trabalhar em sala de aula que usasse cronobiologia. Isso eu achei muito legal. Mas o que eu achei muito legal, que inclusive eu fiz, quem tava lá também era o [Nome]. A gente se encontrou totalmente aleatório. Fizemos juntos. Dois biólogos, deu super certo. O resto era tudo pedagogo. Os que as pedagogas fizeram foi muito bacana, mas tudo mais voltado para a Educação infantil, que é o que elas trabalham. Só que o que a gente conseguiu mostrar, isso achei um ponto bem legal na hora que a gente apresentou, foi transcrever a cronobiologia, que todo mundo fica só focado no ser humano, transcrever para os outros seres vivos. E a gente conseguiu levar isso nessa atividade que a gente fez. Então, ter essa diversidade de [...], por exemplo, se tivesse geógrafo, historiador, seria muito mais diverso esse trabalho final. Ficaria uma coisa bem diferente. E aí a gente conseguiu transcrever isso para eles e o professor adorou, todo mundo adorou, achou uma atividade diferente. Então isso eu achei legal do curso. Tava legal o curso. Essa visão de ter outras pessoas juntos a não ser pedagogos.

P: Oh, você está trazendo os benefícios.

E2: É.

P: Porque um dos problemas dos cursos é ter essa variabilidade, mas você está me explicando a coisa boa.

E2: Que ao mesmo tempo é bom.

P: Isso é muito legal.

E2: Então, em resumo você falou que o curso é marcante porque ele é diferente de muita coisa. Embora você tenha estudado bastante coisa na Biologia.

E2: O enfoque foi diferente.

P: Foi diferente [...] E o produto, que você arrumou um colega da área, e fez uma coisa diferente, tanto que os outros colegas do curso e os professores acharam interessantes, por ser diferente do que o normalmente o curso explanava.

[...]

P: É comum falarmos em reflexão quando o assunto é formação continuada de professores. Neste curso que você me contou. Houve incentivo a reflexão sobre a prática pedagógica?

E2: Totalmente.

P: E como?

E2: Eles apresentavam também algumas atividades para gente. O grupo que tava dando as aulas. Porque não era uma pessoa que dava aula eram várias pessoas. Cada um era responsável ou já tava trabalhando mais com determinadas pessoas. Então tinha um grupo que era do infantil, um grupo de Fundamental, um de Médio e um grupo de jovens e adultos para mostrar essas diferenças da cronobiologia. Aí a cada grupo, eles faziam uma atividade com a gente para a gente pensar como seria o sono o nosso sono e como se escreveria na faixa etária que ele estava falando com isso acabam trazendo uma reflexão para gente pensar como seria o nosso sono e como isso se transcreveria para a faixa etária que eles estavam falando. Então, isso trazia uma reflexão para mim. Meu, é muito importante a gente pensar nisso. Principalmente para os nossos filhos, passar isso para as pessoas das nossas famílias. Pensar isso como profissional que está atendendo essas crianças, que as crianças precisam dormir. Não adiantar falar: “Passou de seis anos não é mais para dormir a tarde”. As vezes ela precisa dormir, ela tem só seis anos. Então, trazer essa reflexão foi muito legal e eles traziam nessas atividades que eles traziam para a gente.

P: Então, eu estava perguntando se o curso incentivava a reflexão sobre a prática pedagógica. Você consegue dar algum exemplo? Eu sei que você está no começo da carreira docente, mas você tem algum exemplo concreto de algum dia que tava difícil e o sono, ou qualquer outra coisa relacionada à Cronoeducação, estava complicada e você deu uma mudada na sua aula.

E2: O que eu acho, eu fiz no começo de 2017, eu fiquei pouco tempo nisso, mas o que eu acho que faz diferença na minha prática, que eu leciono desde 2016, os alunos à tarde, do médio, por exemplo, eles vão cheio de pilha, tinha que fazer alguma coisa para você tentar dar uma acalmada neles porque eles vinham como uma energia total. Eles já tinham dormido. Os alunos que estudam de manhã, não. Tinha quase que ligar eles no 220 para eles funcionarem. Então, assim é pensar numa atividade mais prática do que ficar só no visual na lousa, tudo, para chamar atenção deles. Porque o sono vai tomar conta. Não tem jeito, ou você deixa todo mundo dormir.

P: É. Eu acho que não é uma boa opção para Educação. Ah, os alunos precisam dormir. Vou deixar eles dormirem.

E2: Então é trazer alguma coisa mais prática e nisso, como módulo, eu tentava fazer. Eu dava aula de manhã já no fundamental.

P: Módulo é [...] deixa eu deixar um pouco claro aqui. É uma modalidade de professor da Prefeitura de São Paulo. Por exemplo, ele é contratado 30 hora/aulas por semana. Se ele tem atribuído 12 aulas, ele vai ficar o restante à disposição da escola. Um professor falta, ele entra. Então ele entra em turmas que não é dele. Como se fosse um professor eventual. O módulo tem todas as aulas à disposição da escola. Eu acredito que o professor dentro da sala de aula tem liberdade, mas o módulo ainda tem mais ainda.

E2: É. Você trabalha do jeito que você quiser mesmo. Então, eu tentava trazer mais essa atividade lúdica para ver se eles animavam e tal. É mais difícil. Eu percebi que é mais difícil de manhã, para turma pegar e acordar, assim, é mais difícil, mas é uma saída tentar fazer algo mais prático nas primeiras aulas de repente.

P: Ok. Como você vê a reflexão dos cursos de extensão? Por exemplo, você acha que está presente nos cursos de extensão em geral? [...] Há reflexão sobre a teoria e a reflexão sobre a prática?

E2: Nesses cursos que eu fiz, sim.

P: Que é o curso da Biologia do Conhecer e o da Cronoeducação.

E2: É. E o outro que eu desisti também. Porque como está totalmente relacionado à Educação, eles promovem a reflexão. Eu não tenho certeza, isso é puramente achismo, mas acho que cursos que não são voltados para Educação eles não fazem essa reflexão.

P: Reflexão, para mim, é uma palavra muito utilizada, às vezes como senso comum. Alguns da área de Educação utilizam e fazem, mas alguns só utilizam. Então, a gente fica naquela história.

E2: É aquela coisa de debater o assunto, o que vocês acham? Como vocês lidam na sala de aula? O que vocês mudariam a partir disso? Quando é fora de Educação, não sei. Por exemplo, nas disciplinas que eu fiz no mestrado. Tudo bem que era no mestrado. Você não fica muito na reflexão. É o professor falando, você escreve depois faz uma prova e é isso.

P: Você falou o mestrado. As suas disciplinas que você fez durante a graduação e durante mestrado qualquer outro curso, os que eram relacionadas à Educação você viu reflexão.

E2: Aham.

P: Legal. E os outros eram mais incomum?

E2: É o que eu acho.

P: Então, como você vê a reflexão nos cursos de extensão? O problema é que você trouxe dois grandes exemplos de da área de Educação. Esse que você fez de Biologia Marinha, que você fez há muito tempo. Faz uns 8 anos?

E2: Não, vai fazer 10 agora.

P: Vai fazer 10. No começo da graduação. É difícil lembrar um curso antigo.

E2: Era mais conteudista.

P: Era mais objetivo?

E2: Conteudista. Era isso, isso, isso, vamos lá, é isso. É aprender a Biologia Marinha básica.

P: E qual a sua opinião desse tipo de curso focar na reflexão sobre a prática? Vamos falar, então, desses dois da área de Educação.

E2: Eu acho extremamente importante. Porque se não a gente tá fazendo um curso de Educação que não vai ser aplicado nunca? E eu acho que o melhor momento de refletir sobre o curso é dentro dele. Porque você debate com outras pessoas dentro do curso que tem ideias diferente de você. Têm vivências diferentes. O que eu gostei muito deste curso de Cronoeducação, da Biologia do Conhecer também porque eram pessoas que eu conhecia, mas você conhece a história da vida delas e elas trazem uma vivência muito diferente da sua, que às vezes pode ser aplicada na sua. Então, essa reflexão, o como que a gente pode usar isso na prática eu acho muito interessante.

P: Em síntese, por que é importante fazer cursos extensão?

E2: Olha, eu gosto muito de fazer cursos de extensão, não só para a reciclagem, como é a palavra de senso comum, mas para sempre voltar na teoria. O que eu quero dizer com isso. A gente fica ali na luta do dia a dia, na sala de aula, eu falo luta por que é uma luta diária para mim.

P: Concordo com a analogia.

E2: É uma luta diária, assim, não se render ao sistema, não exonerar, não falar não quero mais, tá tudo perdido. Ah, a prática é muito diferente da teoria. Não quero mais. É muito fácil a gente pensar nisso. É muito fácil. E é uma coisa que eu discuto muito com o meu marido, se você não se atualize, se você não volta para a teoria, principalmente para dentro da universidade, fazendo esses cursos. Você acaba entrando no sistema.

Porque você se acomoda. Você se acomoda. Só ouve isso de todos os professores. Ali, que ele não vai atrás, não se reciclam. Então, voltar para a universidade para fazer esse tipo de curso, aqui por exemplo, você tem contato com professores que para mim eram maravilhosos. Foi ótimo fazer esse curso da Biologia do Conhecer, porque você volta e fala: “Ah, tá. Não estou tão louca”, “Todo mundo tá passando por isso. Da para aplicar a teoria, é só focar”. Esquece o que os professores da escola estão falando, foca na teoria que uma hora sai. Porque senão a gente perde na parte prática, a gente se perde.

P: Na resposta anterior e agora você voltou a falar de prática, eu juntando toda essa história você está me contando, por acaso eu quero que você vê se é isso mesmo, os cursos de extensão ajudam a articular a teoria e a prática, porque se você está fazendo um curso reflexivo sobre as práticas, só que você também vê teoria, você está com a sua experiência docente em atividade, você volta para esse ambiente, como pessoas confiáveis que foi que você me falou, compartilha toda essa história com os colegas e com os professores, você começa articular esta teoria é essa prática, né? É isso? Você tem mais alguma fala sobre reflexão, teoria?

E2: Eu acho que é bem isso que você falou. Porque a grande diferença que eu vejo na faculdade é que na faculdade, quase ninguém tem experiência na sala de aula. Minha sala era super nova. Quase ninguém tinha experiência na sala de aula. E quando você vai para cursos de extensão, a grande maioria já da aula. Cada um tem a sua prática e viveu várias coisas e você já viveu muitas coisas. E aí já dá para falar: “Isso já dá para usar, isso não. Isso eu consigo tentar, isso não por enquanto”. E aí você vai articulando com as outras pessoas. Primeiro porque você não acha que você é louco. Isso foi bem importante para mim em 2016 aqui no curso.

P: É quase uma terapia em grupo.

E2: É quase um terapia em grupo, só que você articula a teoria e a prática juntas.

P: As pessoas fazem o mesmo relato, né? Aí você se sente acolhido.

E2: E aí fala: “Não sou só eu”.

P: Agora a última questão. Vamos entrar um pouco mais no curso de Biologia do Conhecer. Você relatou mais sobre esse de Cronoeducação, que gostei muito de ouvir. Então, a última questão: Especificamente sobre o curso Biologia do Conhecer, realizada em agosto de 2016, você se lembra de alguma coisa discutida que contribuiu para sua prática docente? Lembrando que você já fez um comentário no começo da entrevista falando sobre a discussão: “O que é um ser vivo?”. A parte conceitual. Se você quiser

explicar mais um pouco sobre o assunto ou sobre outra coisa, sobre a sua prática docente. Por exemplo, você foi montar alguma aula para discutir ser vivo e você utilizou alguma coisa? Você pode me contar então o que você se lembra que discutiu no curso e contribuiu para sua prática?

E2: Olha, vou ser bem sincera aqui, dentro de ser módulo e eu tava com outras coisas na cabeça em 2016, eu não discuti o que é um ser vivo com nenhuma turma depois disso, mas o que eu fico pensando muito e que eu faria no momento de discutir ser vivo. Primeiro, a gente ficou discutindo muito vamos fazer uma lista do que é um ser vivo e tudo. Ah, ser vivo é isso, isso e isso. Eu faria diferente. Eu tentaria abordar de uma maneira diferente. Então, será isso mesmo? Sempre ficar indagando. Eu fico em casa igual a gente ficou aqui no curso. E isso é isso mesmo? Esse ser vivo é assim é assado? Deixar a dúvida, como eu também tenho dúvida do vírus. Eu deixaria a dúvida e deixaria claro isso. A gente não tem uma resposta concreta para isso. Beleza.

P: Tem alguns cientistas que segundo alguns critérios falam que não é, mas tem que respeitar que são critérios deles e você tem que usar outros critérios. E chegar a outra conclusão.

E2: Exatamente. E mostrar que ciência é isso mesmo. Eu na sala de aula, o que eu penso. É tentar mostrar na aula de Ciências como é a ciência. Ah tá, tem a observação e aí? Mas a sua observação pode ser diferente da outra pessoa e a sua tá certa, tá errada, e aí? Não, ninguém tem a explicação certa para algumas coisas.

P: É. Algumas etapas do processo a gente pode se equivocar e aí a gente corrige.

E2: Isso.

P: Pois aí tem conclusões que pode ser fora que qualquer lógica interna.

E2: Exatamente, mas assim deixar claro, por exemplo, essa questão do vírus. Tem pesquisadores que acreditam que sim e por essas razões e tem pesquisadores que acreditam que não por essas razões. E a humanidade está caminhando para tentar chegar em uma resposta que por enquanto ninguém tem. Ciência é isso. Mostra essas divergências do que é um ser vivo, mas eu não vou chegar de falar de autor, como a gente viu no curso. Acho que isso não vou conseguir, mas deixar claro essa questão do ser vivo, que é muito mais complexo do que a gente imagina.

P: É isso. Muito obrigado.

E2: (risos) Uma hora de entrevista.

P: Muito obrigado.

APÊNDICE D
(Entrevista com o professor da Rede Privada – E3)

Quadro 3 - Conversões dos símbolos utilizados nas transcrições da entrevista 3

P:	Pesquisador
E3:	Entrevistado 3 (Professor da Rede Privada)
[xxxx]	Parte suprimida por conter elementos irrelevantes ao trabalho
[...]	Pausa
[Nome]	Nome suprimido para evitar identificação
IESpub*	Instituição de Educação Superior pública
IESpri*	Instituição de Educação Superior privada
*Os nomes das Instituições de Educação Superior foram substituídas pela sigla IES para evitar identificação da instituição. A sigla é acompanhada por pub ou priv, correspondendo às instituições públicas e privadas, respectivamente; e por números sequenciais correspondentes as várias instituições citadas nas entrevistas.	

P: Boa tarde, E3.

E3: Boa tarde.

P: Então, o meu projeto é [...] O título do projeto é: “A Importância da Extensão Universitária na Formação Contínua de Professores da Educação Básica”. Então eu quero estudar um pouco sobre a concepção de extensão, quero entender o que ela significa para você e quais são os benefícios das que você fez trouxeram para a sua prática pedagógica. Você consegue lembrar quais curso de Extensão você já fez? Você já fez o da Biologia do Conhecer [...].

E3: Eu fiz uma chamada: “Aspectos Psicobiológicos da Saúde do Trabalhador”. Eu fiz uma outra chamada: “Metodologia do Ensino” [...] “Metodologia da Pesquisa”, desculpa.

P: Onde você fez essas?

E3: Aspectos Psicobiológicos eu fiz na IESpub6. A de Metodologia eu fiz em uma universidade que até já fechou, chamada IESpriv4. A IESpriv5 comprou e o nome antigo acabou depois, não existe mais. E o outro chama Atividade Física, Exercício Físico e os Aspectos Psicobiológicos. Da para perceber que eu trabalhava no Departamento de Psicobiologia?

P: Assim, não precisa ser certinho, mas qual a quantidade de horas delas?

E3: Horas. Vamos fazer as contas. As duas da IESpub6 440 horas. É grande. 440 dá um ano, né? Um ano e meio?

P: Isso é um aperfeiçoamento?

E3: Não é não.

P: Porque elas não são pós-graduação?

E3: Ela também é ofertada para estudantes de graduação.

P: Tá bom.

E3: Então ela não podia ser chamada de pós-graduação, embora tivesse horas para tal.

P: A “Metodologia”?

E3: A “Metodologia” foi 100 horas.

P: Também não é pequena.

E3: 100 horas, 120 horas.

P: Alguma na área de Educação?

[...]

P: Alguma dessas três puxava alguma coisa para a área de Educação?

E3: A de “Metodologia”.

P: A “Metodologia” era de pesquisa.

E3: Era, então, era de Metodologia de Pesquisa, mas foi na pedagogia que eu fiz. Então foi no curso de humanas, na pedagogia, etc. Apesar de Pesquisa Científica tinha o foco em humanas e Educação.

E3: A que mais se aproximou em formação de professores foi a Biologia do Conhecer.

P: Tá. E foi mais curta.

E3: Sim, sim.

[...]

P: A primeira pergunta é mais geral. Eu vou ler ela rápido e aí eu posso ir lembrando aos poucos. Você pode contar um pouco sobre a sua história acadêmica e a sua história como professor? Importante: quando você entrou no curso já queria ser professor? Como você se tornou professor? Há quanto tempo? Porque você optou pela docência? Como se sente em relação a ela? Então, conta um pouquinho sobre a sua história acadêmica.

E3: Certo. Sai da graduação em 2004. Eu já estava fazendo estágio na Saúde Pública com saúde do trabalhador. Nada a ver com Educação. E aí foi na época que o Bin Laden bateu os aviões nas Torres. Eu trabalhava com comissário de bordo. E aí não pode mais usar os aparelhos e etc. Aí acabou, eu perdi a IC, perdi tudo. Aí saí daqui e o que me apareceu foi [...] saí daqui e fui trabalhar como aqueles professores eventuais.

P: Quem trabalhava com comissário de bordo?

E3: Eu trabalhava com comissário de bordo.

P: Com?

E3: Como.

P: Aí por conta dos atentando inviabilizou a metodologia?

E3: Porque nós usávamos um aparelho de medir e mensurar o sono e atividade física deles. E aí não pude mais usar esses aparelhos no avião. E aí às vezes eles faziam vôos internacionais e quando era internacional não podia usar. E como não podia ficar olhando a escala do trabalhador para saber se ele ia fazer [...] Inviabilizou, acabou, perdi o IC. Inclusive a professora daqui foi para o Paraná. Ela teve que parar com tudo aqui, mas enfim, acabei a graduação, acabei lá. Me vi sem emprego, sem profissão. Saí e não sabia o que fazer e apareceu aquela história de professores eventuais do Estado. E era na escola que eu estudei. Fui lá, fiz uma ficha, passei. No primeiro mês a professora de biologia pegou licença.

P: Comecei assim também.

E3: Aí fiquei um ano. Fiquei um ano no Estado. Na outra atribuição não apareceu ninguém, eu mantive as aulas. Só que a professora voltou e pediu licença de novo. Só que quando ela pediu licença de novo, aí sim teve uma nova atribuição e eu perdi as aulas. Quando aconteceu isso, eu não tinha gostado de dar aula não.

P: Que ano isso, 2005?

E3: 2005. Eu não tinha gostado de ser professor não, pelo seguinte: eu voltei para a escola que eu estudava e a escola não tava mais com a pegada que ela tinha de quando eu sai de lá. Eu saí de lá e 1997. Então, em menos de 10 anos mudou completamente a clientela, mudou completamente o foco daquela galera. Aí eu fiquei muito desgostoso e resolvi voltar para a Psicobiologia. Mandeí e-mail para a minha orientadora e aí ela me disse que tava no Paraná e etc. E me sugeriu eu falar com um professor da IESpub6. “Fala com esse cara que ele vai gostar de você, você já tem experiência”. Mandeí e-mail com ele e fui trabalhar com ele.

P: Você tinha se decepcionado com a Educação?

E3: Sim, sim. Aí eu voltei para trabalhar com psicobiologia, a trabalhar com sono.

P: Academicamente?

E3: Sim. Fui para a pesquisa.

P: Primeiro com mestrado, como técnico?

E3: Fiquei fazendo estágio para começar mestrado e doutorado. Aí surgiu uma oportunidade de ser biólogo no Instituto do Sono. Aí eu peguei e parei de estudar e fui trabalhar como biólogo de verdade.

P: Opa.

E3: Aí comecei a viajar, trabalhei em Angra dos Reis na Usina nuclear. Trabalhei dentro de submarino. Trabalhei tem trem andando pelo meio Minas Gerais. Tenho histórias bem legais para contar. E aí teve também, descobri que também não era aquilo. Não era isso que eu queria. Eu queria voltar a estudar. Eu tava me sentindo ruim. Eu ia lá e via que amigos estavam crescendo. Estudando, trabalhando e estudando, melhorando a sua condição e eu estava estagnado. Aí eu pedi demissão, não fui mais biólogo, e voltei a ser estagiário para fazer mestrado. Aí comecei fazendo [...] Eu fiz essas extensões enquanto eu era biólogo no Instituto do Sono. Quando eu pedi demissão eu comecei a fazer mestrado. Fiz o mestrado com sono. Durante o mestrado eu tive a oportunidade de dar aula na Faculdade. Nos últimos meses de mestrado.

P: Que ano você está se referindo?

E3: Eu fiquei 2004, 2005. E eu fiquei dois anos e meio mais ou menos. 2008.

P: Porque a conta que eu quero fazer é [...] você foi professor um ano em 2005. E em 2008 você teve a oportunidade de voltar, mas no ensino superior.

E3: No ensino superior.

P: Teve um hiato aí de ser professor.

E3: Então, o que aconteceu. Enquanto eu era biólogo eu dava cursos na faculdade também, lá na IESpub6.

[xxxx]

E3: Eu dava as aulas de actigrafia. Que era os aparelhos que mensuram sono e atividade física. E sempre [...] eu gostava disso. Dessa parte eu gostava. Fazer as entrevistas, ir viajar eu não gostava muito não. A parte de lecionar eu gostava. Porque o público era diferente. O público lá na IESpub6 era diferente do que eu vi lá no colégio estadual. E era parecido com o público que eu vivenciei no colégio estadual.

P: Aham.

E3: Era um público engajado. Eles queriam assistir as aulas. E aí eu gostei daquilo, fui fazer o mestrado. Terminei o mestrado eu comecei na IESpriv5, dando aula de informática aplicada a Educação. Nada a ver a com a minha formação. Nada a ver com nada. A única coisa que eu tenho de informática é eu sei mexer computador. Ta? Mas eu

vi como uma grande porta para eu entrar na universidade. Sabendo que lá tinha Biologia. Tinha o curso de Biologia. Lá tem o curso de enfermagem e lá tem o curso de Educação física, que era onde eu estava me especializando. E aí eu queria trabalhar no curso de Educação Física e no de Biologia. Só que eu fiquei na pedagogia e aí o professor [Nome] que dava aula de Metodologia do Ensino [...] Ele era da Biologia e era emprestado para a pedagogia.

[...]

E3: Quando entrou um biólogo, a direção pediu para que eu desse as aulas de Fundamentos e Práticas. Aí eu larguei as aulas de informática e comecei de Prática do Ensino. E aí eu gostei da coisa. Achei interessante. Começar a gostar de novo. Só que eu via que o público que eu não tinha gostado era um pessoalzinho que tava naquele limpo entre terminar a escola e começar a faculdade. Então eles ainda estavam com muitas dúvidas. Eles não sabiam, não sabiam o que queriam e etc. E eu vi que na faculdade era bacana. E aí eu tive a oportunidade de voltar a ser professor, mas no F2, no fundamental 2. Eu estou há três anos já na escola. E aí eu, agora, sou professor na escola. Estou dando uma aula na Faculdade, só para manter o vínculo e começo o doutorado este ano.

P: Legal. Então no fundamental 2, você tem experiência de três anos.

E3: De três anos.

P: No ensino superior, uns dez. Embora com.

E3: É, picado, sim. Contando a IESpub6 sim, mas eu colocaria seis.

P: Seis anos.

E3: Eu não gosto de falar isso. Porque eu não tenho nenhum papel falando que era da faculdade.

P: Como você [...] Por que você optou pela docência? Porque apareceu uma oportunidade e gostou.

E3: Eu já tinha gostado. Eu vi que eu teria essa [...] Lá na IESpub6 eu percebi que eu tava gostando das partes de palestra, etc, etc. Eu estava gostando. Essa parte eu gostava do meu trabalho.

P: Você estava na pesquisa e teve a oportunidade de dar algumas aulas.

E3: Isso, isso.

P: E você gostou.

E3: Eu gostava disso.

P: Durante a graduação [...] você tinha essa intenção?

E3: Nenhuma pretensão. E aí eu fui para a faculdade, eu também fui para ganhar dinheiro na faculdade, dar aula de informática. E pensei em puxar para os outros cursos.

P: Ganhou dinheiro?

E3: Não ganhei dinheiro na faculdade, muito pelo contrário.

P: Ok.

E3: Enfim, o que importa é que consegui pegar essas aulas práticas do ensino e estou lá até hoje com isso.

P: E como você se sente hoje em relação à docência? Você se enxerga com outra profissão? Porque você me disse que você foi biólogo por um tempo.

E3: Sim, sim.

P: E hoje, se eu perguntar você vai falar: “Sou professor”.

E3: Sim, claro.

P: Você se enxerga em outra profissão a não ser professor? Daqui 10 anos você pode estar tendo outra profissão?

E3: Há pouco tempo, mais ou menos 2 anos, eu resolvi querer fazer o doutorado em Educação.

P: Tá

E3: E aí fui atrás. Comecei a ir atrás e etc. E falando em docência do ensino superior, não gostei do modo como fui tratado. Não gostei do modo como as pessoas interagem lá na universidade. E aí eu fiquei pensando: “Será que é isso mesmo que eu? Será que é isso que eu quero no meu futuro”. Como você disse, se você não enxerga hoje [...] eu ficava pensando: “Daqui a 10 anos eu me vejo aqui sentado nessa cadeira com esse pessoal trabalhando comigo?”. E vi que não. Porém, ainda gosto muito de ser professor. Ser professor pelo seguinte, eu nem gosto muito da palavra professor. Eu gosto de falar que eu sou um facilitador. Nós conversamos. E vamos chegar juntos ao objetivo da disciplina. Isso acontece muito com as crianças. Só que assim, eu sou professor de Ensino Médio. Só que eu não sou professor. Lá, nós somos facilitadores. Porque as crianças elas conseguem chegar sozinha lá. Elas só precisam de uma pessoa que, entre aspas, já tenha trilhado aquele caminho. Então, hoje eu me vejo como professor do fundamental 2. Você daria aula no médio? Não. Você daria ao ensino superior? Depende. Se é depende, então se é depende é não. Hoje eu me vejo professor do

fundamental 2. E ali eu me dei bem. Ali eu acho muito bacana. As pessoas falam é um bando de criança gritando etc. Nem sempre.

P: É o que eu gosto também. Faz parte. Eles são crianças ué. Faz parte e eu gosto disso também.

[...]

P: Então, agora vamos entrar na parte de concepção de Extensão Universitária. Como você entende Extensão Universitária?

E3: Olha só. Eu imagino que a Extensão Universitária é muito importante para carreira pós-formado. Porque faz com que esse profissional continue estudando e continue melhorando as suas capacidades e melhorando suas práticas ao longo do tempo.

P: Então, formação continuada?

E3: Sim.

P: Ótimo.

E3: Eu acredito muito nisso. Tanto que sempre que tem oportunidade eu vou atrás, eu tento ver alguma coisa. Estou sem tempo, no momento, tanto que [...] Neste ano começo o doutorado de verdade, mas eu acho muito importante. Como eu tava conversando anteriormente, eu tenho contato com muitas pessoas que estão estagnadas, são profissionais que pararam. Eles se formarão professores e estão trabalhando há algum tempo. E aí quando nós falamos, por exemplo, novas tecnologias da Educação ou novas abordagens a pessoa fica meio insegura. Então, eu acredito que isso é por conta de não ter experiência no assunto. A pessoa só vai ter experiência trabalhando na área ou fazendo uma Extensão Universitária.

P: Eu perguntei como você entende a Extensão Universitária e você me falou que ela é importante para os profissionais com formação continuada. Mas tente me falar um pouco mais sobre esse conceito. Onde ele ocorre?

E3: Onde ocorre a Extensão?

P: Universitária.

E3: Acredito, eu, que a Extensão Universitária já ocorra dentro da universidade. Quando você ainda tá nos finais da sua formação. Você já vai começar a tentar pensar no que está acontecendo fora. E aí criar cursos, pensar em como você vai agir depois disso. Não sei se é isso que tu está perguntando.

P: A minha pergunta é assim. Espaço. Em que espaço ela ocorre.

E3: Onde ela se encaixa? Justamente, por exemplo, eu pego e depois de um tempo eu recebo no meu Facebook um contato de uma ex-professora minha falando que ela tá oferecendo curso de extensão. E aí quando venho para esse curso, eu venho para buscar conhecimento, só que quem está ministrando o curso não é professora. Quem está ministrando o curso são os alunos dela. Então é isso que eu digo, os alunos nos finais da sua formação, eles começam a pensar no que que vai acontecer fora, eles começam a imaginar fora da universidade e o que que está acontecendo fora.

P: Entendi. Ficou mais claro agora.

E3: É isso que eu imagino quanto à Extensão Universitária. E isso não para nunca.

P: Para quem que é? Eu gostaria de ampliar um pouco mais este conceito.

[xxxx]

P: Então, para quem que é? Qual o público alvo destes cursos?

E3: Eu acho que, acho não tenho certeza, são os professores ou profissionais, não importa se é professor ou não, que já saíram da universidade, estão na sua prática, porém eles sentem incomodadas com a evolução do público-alvo que eles estão atendendo. E no caso são os alunos, de professores, e no caso eles vem que tá mudando essa clientela que eles estão atendendo e eles têm que se imaginar inseridos nessa nova realidade. Então, é esse cara que procura uma extensão. Esse cara que procura uma pós-graduação. Esse cara que procura se especializar, imagino que seja isso.

P: E a universidade? Quando ela oferece os cursos de extensões é para que? Para ajudar essas pessoas? Por que ela é boazinha? Qual o motivo?

E3: Eu vou falar sobre os nossos cursos na IESpub6. Os nossos cursos eram para juntar dinheiro e para conseguir mão de obra.

P: Mão de obra?

E3: Mão de obra porque eles tinham que fazer estágio.

P: Então, a gente agariava estagiários e não pagava nada por isso. Como eles não pagaram, por ser uma universidade pública [...]

E3: Mas traziam um benefício?

P: A contra partida era fazer um estágio. 220 horas de estágio.

E3: Então, no nosso primeiro momento não era de se preocupar com o pessoal de fora não. Estávamos preocupado com a própria universidade. Ver o que eles estavam precisando de mão de obra, trabalho mesmo, porque, por exemplo, eu era um cara que estava estudando. Então eu ficava sobrecarregado estudando e fazendo a parte prática,

atendendo voluntário, por exemplo. Então, o que eu fazia, eu ficava só na parte educacional. Só na parte de estudo. E eu pegava um ou dois estagiários desse curso, que eu fiz também, e aí esses dois estagiários, entre aspas, trabalhavam para mim. Eu vejo que é uma visão meio maldosa.

P: É um exemplo.

E3: Mas eu acho que é bem isso que a gente fazia lá.

P: Tá bom. Com que frequência você faz ou fez cursos de Extensão Universitária?

E3: Eu parei um pouco por conta do doutorado, mas eu sempre busquei, sempre fui atrás. Fazia aqueles cursos online da IESpriv6, da IESpub1, que você entra e faz uma ou duas horinhas apenas, que eu acho que não se enquadra nessa extensão. Não tem nenhum certificado, não tem nada. Um dos últimos que eu gostaria de ter feito, mas aí era um curso mais ou menos longo, mas era muito caro e eu não pude fazer, chama-se Criando Crianças Criativas. É um curso de extensão feito por um comediante que engendrou nessa parte de Educação e gostou muito disso. E eu achei uma coisa muito interessante que ele junto novas tecnologia com ensino, novas formas de aprender e ensinar. Eu achei bem bacana. Eu estava vendo isso já algum tempo, juntando dinheiro para isso, só que nesse ano eu tive que entrar no doutorado de vez. Então eu vou parar um pouco por conta do meu doutorado.

P: Então você fez quatro cursos grandes.

E3: E diversos outros.

P: Pequenos?

E3: Sim.

P: Não faço mais porque você está ocupado?

E3: Sim.

P: E vai para fazer o doutorado [...]

E3: E não tenho tempo.

P: E o valor também é um critério.

E3: Esse é interessante.

P: É que a próxima pergunta é assim: O que você leva em consideração no ato de escolher um curso de Extensão Universitária?

E3: Ok.

P: Com esse relato, um deles é o valor.

E3: Um dele é o valor, mas não é o primeiro que

[...]

P: Não é o primeiro, sim, mas qual critério você leva então em consideração?

E3: O primeiro critério é se ele tem a ver com a minha formação e se é pó que eu tô buscando. Eu não vou fazer qualquer curso de qualquer coisa. Por exemplo, eu comecei a buscar cursos de criatividade e a achei o desse cara. Naquele momento eu estava querendo alguma coisa, a fazer uma aula mais criativa, uma aula um pouco mais dinâmica e comecei a pesquisar e achei o curso desse cara. Então, eu acho que você tem que se focar e escolher uma área. Isso é mais importante. Depois disso você começa a ver onde que tem, você começa a ver quanto que é, tu começa a ver tempo. O mais importante é você ter um objetivo de saber o que você quer. Tem gente que faz os três cursos que tem lá, que pode fazer. Vai juntando curso e não.

P: Você colocou em primeiro lugar o conhecimento que você está buscando.

E3: Sim.

P: Então, você não faz qualquer um.

E3: Não, não.

P: Depois o valor, o tempo, onde, se vai dar conta.

E3: Isso.

P: E esse onde, é importante? A princípio eu estou com dúvida se você acha que onde você vai fazer é importante ou não.

E3: O onde eu diria a distância em relação ao tempo.

P: Mas em relação à instituição.

E3: Não, não me preocupo com isso.

P: Você faria em qualquer uma?

E3: Faria em qualquer uma. Tanto que a universidade que eu trabalho hoje, ela é super mal conceituada e tem ótimos cursos.

P: Tá, mas se você não conhece, você pesquisa?

E3: Sim, eu dou uma olhada. Eu vejo [...] Tento ver quem são os professores que estão dando aula lá. Faço uma busca no Lattes.

P: É que é interessante isso. Por que em relação a instituição, você é aberto a oportunidades em diferentes instituições. Legal, mas não é por isso que se você não sabe quase nada dela ou nada, você não vai pesquisar o que é, quem são os professores.

E3: Pois é, justamente. Como diz aquele jeito do professor [Nome]. Na minha concepção e ele era um ótimo professor de Ciências. E ele tava, entre aspas, escondido

numa faculdade que está muito mal conceituada. E ele tinha um cursinho lá. E acabei não fazendo por tempo, né. Por nada, mas ele tinha cursinho de extensão dele lá. Que era de Biologia, mas não era de Educação. Era junto com uma outra professora. E aí eu fico pensando, poxa vida, vou deixar [...]. Ele era um ótimo professor, um ótimo profissional, e ele estava escondido naquela universidade. Então, assim, não acredito que o nome da instituição seja importante para que tenha um bom curso. Então eu pesquiso o curso. Pesquiso que são os professores, o que está acontecendo. Antes de ter um julgamento.

[xxxx]

P: Ok. Agora pensando nesses dois cursos da IESpub6, da Biologia do Conhecer e este da Metodologia de Pesquisa e também nos pequenos. Como você ficou sabendo dos cursos?

E3: Os dois da IESpub6 é porque eu trabalhava lá.

P: E tem tudo a ver com o seu trabalho acadêmico.

E3: Sim, sim.

P: O de Metodologia foi o seguinte: eu tava na faculdade já. Eu tava na IESpriv5 . E aí essa faculdade era do lado de casa. E aí eu descobri que tinha esse curso de metodologia da pesquisa. Aí eu descobri que tinha esse curso de Metodologia da Pesquisa. Aí eu disse: “Opa, é do lado de casa. Por eu trabalhar na IESpriv5 é de graça. Eu não vou perder tempo, não vou [...] Vou ver o que é desse curso”. Aí eu pesquisei, achei interessante pela grade e fiz. E achei bem legal, bem legal. O da Biologia do Conhecer, eu vim para entender um pouco mais da [...] da [...] Eu vi como uma oportunidade de ver uma série de professores de Biologia e professor de Ciências juntos. Coisa que eu nunca tinha visto nos meus cursos. Coisa que era sempre muito, muito misturada.

P: Então, porque esse curso que você está, o requisito dele era ser professor de Ciências e Biologia. Então a formação de todos era em comum e a profissão específica era a mesma. Só para contextualizar.

E3: Sim. Esse curso me chamou muito atenção por conta desse pré-requisito. Eu estaria num local onde nós teríamos vários professores juntos e trocaríamos muitas informações. Na época eu estava fazendo várias entrevistas para trabalhar em várias outras escolas e etc. E aí eu encontrei gente aqui que eu até encontrei em entrevistas. Então foi muito interessante, assim, e pensei em fazer esse network. E o curso também

era interessante. Eu fui pesquisar antes de me inscrever lá. E era um curso oferecido por uma professora que eu imagino que seja boa.

P: Mas você ficou sabendo como?

E2: Facebook.

P: Alguns pequenos que você falou que fez pela IESpriv6, por onde você ficou sabendo?

E3: Ah, por e-mail, recebo por e-mail, alguns amigos indicam.

P: Você chega a pesquisar no Google, você entra nos sites?

E3: Não. Esses não. Quando eu quero uma coisa sim.

P: Você relatou aquele da criatividade.

E3: Sim eu pesquiso.

P: O que te motiva a realizar cursos de extensão? Por que você faz esses cursos? É uma pergunta geral, de todos. Você me relatou sobre o da Biologia do Conhecer. E eu queria saber se é isso mesmo. Você falou que você conhecia a professora, ela era de [...] você tinha uma confiança no trabalho dela.

E3: Sim.

P: Você acabou de falar que era a universidade que você estudou. Era saudoso, você tinha vontade de voltar pra esse curso?

E3: Também, também. Querendo ou não essa parte emocional também pesou nesse último curso. De Biologia do Conhecer. Só que não foi a primeira coisa não.

P: Tá.

E3: Eu não tava muito preocupado com isso, mas claro foi. “Hoje vou fazer um curso lá, com essa professora, com essa galera, vamos ver como é que tá”. Mas essa parte de saudosismo eu deixo em segundo plano. Existiu, só que não foi a condição principal. Como eu disse anteriormente, eu fico incomodado por estar estagnado. Quando eu vejo que a minha aula está ficando igual, eu vejo que eu tenho que fazer alguma coisa para mudar. A í eu começo a pesquisar, as vezes aparece um curso, as vezes aparece um vídeo do Youtube. Quando eu vejo que o meu trabalho está ficando maçante, a ver que o meu publico não está gostando do que está acontecendo.

P: Pelo jeito é quando nem o seu público e nem você.

E2: Sim quando eu me sinto incomodado.

P: É uma motivação intrínseca a sua prática pedagógica? Se tem alguma coisa, pode melhorar. Então, eu vou procurar alguma coisa para me ajudar, alguma coisa nesse sentido, né?

E3: Sim.

P: Interessante que você deixou em segundo plano o valor.

E3: Sim.

P: Lógico que não é todo valor.

E3: Sim às vezes não dá.

P: Às vezes não dá.

[xxxx]

P: Pense nos cursos de Extensão Universitária que você já fez. Você pode falar um pouco como estes cursos têm contribuído com a sua formação?

E3: Ótimo. Os sobre Psicobiologia têm tudo a ver com o meu doutorado. Eu continuo trabalhando com a linha que foi tratada nesses cursos. Agora, o de Metodologia ajudou bastante na minha formação também.

P: Ok, mas deixa eu voltar nesses dois. Eles têm tudo a ver com o seu doutorado, mas você na sala de aula de Ciências, você acha que esses conhecimentos aqui ajudam?

E3: Muito. Ajudam muito.

P: Pontua alguma coisa.

E3: Exemplo claro. Hoje começou as aulas de verdade e nós fizemos a reunião dos professores, etc. E já começamos a engendrar as parcerias que teremos. Só que professor Educação física sentou do meu lado e falou: “Vamos trabalhar de novo com sódio?”.

P: Como?

E3: Com sódio.

P: Certo.

E3: Com a quantidade de sódio nos alimentos e etc. Cara, eu queria ir um pouco mais além. Eu queria trabalhar com todos os micronutrientes. E eu estudei isso quando eu trabalhei com atividade física. Eu nunca imaginei, eu sendo biólogo, tendo uma pessoa que tinha feito Educação física, que esse pessoal vai para a bancada. Eu nunca saberia disso se eu não tivesse feito o curso. Eu não saberia que o profissional da Educação física sabe muito mais de músculo do que o biólogo. Que ele conhece muito mais de sistemas do corpo humano que um biólogo. Eu tinha aquele grande preconceito que o

profissional da Educação física é o profissional do esporte. Isso não é verdade. Isso ajudou muito e me ajuda muito na minha prática.

P: Muito legal. Podemos entrar na Metodologia?

E3: Metodologia ajuda bastante também, na universidade também, mas na escola tem uma ou outra coisa que às vezes eu trabalho com eles um pouco de Metodologia. Mas para uma coisa mais informal, por exemplo, eu explico para eles como que eles devem fazer um cartaz. Então, não é diretamente ligada a disciplina, mas eu falo para eles assim: “Vocês têm que fazer um rascunho antes”. E isso eu remeto a Metodologia. Isso não tem a ver com o que ele tem que pôr no cartaz, mas como que ele vai fazer esse cartaz.

P: É um tipo de conteúdo que não é aquele conceito puro que está ali dentro, mas ele é de habilidades, de processos, estética.

E3: Essas coisas que são desse tal currículo oculto. Isso me ajuda bastante, a Biologia do Conhecer, ela foi muito importante.

P: Mas essa a gente pode falar depois, na última questão. Ok?

E3: Ok.

P: Que problemas você enxerga neste tipo de curso?

E3: Justamente no público. Pela característica do tipo de extensão, da maioria das pessoas que fazem extensão, não as pessoas que querem fazer, as pessoas que montam os cursos de extensão. Como eles abrem para a população em geral, entra essas pessoas que querem fazer um curso para fazer um curso. Então, são pessoas que não engajadas que não estão focadas naquilo. Então, eu acredito que isso atrapalha um pouco do andamento do curso. Você vê que os professores, eles ficam chateados porque eles não conseguem tirar o máximo dos alunos ali. Porque as pessoas estão fazendo o curso por fazer, eles não estão buscando o curso para melhorar a sua prática para tentar fazer alguma coisa para melhoria pessoal e etc., eles fazem por fazer. Eu tinha um grande exemplo disso lá na IESpub6. Ele fez mais de 20 ou 30 especializações. E ele fazia. Esse cara sempre estava nos cursos [...] lendo o livro do Senhor dos Anéis. Ele leu todos os livros do Senhor dos Anéis. Só que ele lia nos cursos. Eu dava aula e ele lia o livro. Só que ele lia todos os livros. Ele tem um currículo invejável, só que será que ele usa isso. Será que as perguntas que você faz ele saberia responder. Eu não quero entrar no mérito, mas não sei se ele consegue usar tudo aquilo que ele fez.

P: Entendi. Mais algum problema?

E3: Eu acho que o público que entra, porque essa galera que entra, eles não fazem um filtro ideal.

P: Ok, mas mais algum problema?

E3: Ah, mais algum problema? Não, não.

P: Agora vamos pensar em exemplos mais concretos. Dos cursos que você já fez, qual foi a mais marcante?

E3: O “Atividade Física, Exercícios Físicos e Aspectos Psicobiológicos”.

P: Você pode contar como foi esse curso, mas você já falou algumas coisas e não precisa repetir nada.

E3: Eu tinha que fazer estágio. Era uma coisa que os educadores físicos faziam aquilo que eles faziam.

P: Por que ele foi marcante?

E3: Foi o primeiro curso que eu fiz logo que eu saí da graduação. E ele mostrou um pouco dessa outra realidade, de pessoas que buscam conhecimentos, que não aprenderam na graduação. E eles estão na pós-graduação fazendo isso, tão correndo atrás, estão fazendo por si. Então isso eu achei muito importante, isso foi um marco muito grande minha carreira. Eu pensava nisso, só que para pensar eu era um pouco egoísta. Eu achava que só os biólogos iam atrás disso. Quando eu saí da graduação eu coloquei na cabeça que todo mundo deveria fazer biologia, já no meio do curso, porque nós trabalhávamos com muitas coisas de todo mundo. O médico falava alguma coisa na televisão eu entendia. O engenheiro falava, eu entendia. O matemático falava e eu entendia. Então, eu falava, poxa vida o meu curso o meu curso é tão abrangente que eu acho que todo mundo devia fazer. Aí quando eu saí foi justamente o contrário. Eu tive contato com o povo de um curso que na minha cabeça era um curso de esporte. E era um povo que fazia tanto quanto nós da Biologia. E aí eles entendiam de tudo também. Aí eu fiquei pensando, poxa vida, que preconceito bobo o meu. E aí, isso me machucou bastante da minha formação até intelectual, assim. Eu falei, poxa, não tenho mais que ficar pensando nessas coisas.

P: Ele foi bom para você, pelo jeito. Se não ele não seria tão marcante.

E3: Sim, ele foi bom.

P: Não foi só porque ele foi o primeiro.

E3: Foi um curso bom.

P: É comum falarmos em reflexão quando assunto é formação continuada de professores. Neste nesse curso que você me contou houve incentivo a reflexão sobre a prática pedagógica ou alguma prática?

E3: Não. Houve, mas muito pouco. Então, digo que não. Por exemplo, eu tinha aulas práticas de coisas que não se vê normalmente na academia na Educação Física. Por exemplo, análise de gases, teste ergoespirométrico, enfim. Os professores que iam lá, eles falavam o teste é assim pronto e acabou. E aí nós não éramos incentivados a tentar entender o porquê, por que acontece isso, o que está acontecendo, o que deu errado, o que deu certo. Um ou outro professor que tinha essa, como se diz, essa preocupação em pensar sobre a prática. Exemplo, nós éramos voluntário de nós mesmos. E aí tinha que fazer aquele teste e às vezes dava errado aquele teste. E aí alguns professores falavam o teste deu errado, troca a pessoa. Outros professores falavam assim: “Por que deu errado?”.

P: Sim, é diferente. E pelo o seu relato, este segundo exemplo era mais incomum.

E3: Era muito incomum.

P: Mas nessas etapas do curso você se realizava mais em ser aluno?

E3: Muito, mas muito. Por que era nessa hora que tinha a discussão entre os dois profissionais que estavam ali. Não era mais aluno e professor. Eram dois profissionais que tinham duas formações diferentes, que tinham dois enfoques diferentes da mesma coisa. Só que um tinha um pouco mais de experiência. E aí às vezes acontecia discussões homéricas sobre coisas ínfimas. Um belo dia, nós tínhamos uma esteira lá no laboratório que dava para cinco pessoas correr ao mesmo tempo na esteira. A gente chamava de esteirão. Uma esteira gigante, uma esteira ergométrica. Aí um dia, uma pessoa viu na internet uma pessoa andando numa esteira. Em fim, um dia uma pessoa viu isso. E aí falou: “Poxa, será que dá para andar de bicicleta na esteira?”. Alguns professores falavam: “Não, não dá, isso aí é esquisito. Nessa esteira não dá”, etc. Até que um dos professores falou: “Faz o seguinte, você tem a bicicleta? Traz, vamos testar.” E aí, deu certo e a professora ela falava: “Por quê que deu certo? O que aconteceu? Alguém aí manja de física para saber o que que tá pegando? Por quê o cara não está caindo? Ele não está saindo do lugar e não está caindo, ele continua equilibrado”. E aí ela sabia. E aquela história que eu falei, porque que me marcou. Ela era educadora física e sabia de física. E na minha cabeça eles eram estudantes de esporte. E a mulher foi atrás de física para entender isso. Então isso me marcou bastante

na minha formação. E eu tento ser assim. Quando eu estou do lado do professor eu tento ser assim, eu tento cutucam o aluno. Ao invés de falar é assim pronto e acabou, segue esta receita de bolo.

P: Pensando na sua experiência em outros cursos, como você vê a reflexão nos cursos de extensão?

E3: Eu imagino que isso é primordial nos cursos, porém como disse no anterior, é muito raro isso, é muito raro. Porque o público que procura, procura uma receita de bolo.

P: Mas você acha que é só o público mesmo ou quem oferece também?

E3: Então, justamente. O público procura isso e muito profissionais oferecem isso. Então, eu gosto de falar lá na faculdade, alguns alunos estão aqui para comprar um diploma. A faculdade quer vender e eu estou trabalhando. Porque eu estou causando problema na sua cabeça? Ia ser muito mais fácil eu te dar uma nota e você ganhar o seu diploma. Só que iguais a mim eu vejo lá na faculdade que são poucos. Não são muitos não.

P: Qual a sua opinião sobre esse tipo de curso, cursos de extensão, focar na reflexão sobre a prática?

E3: Eu acho muito bom. Eu acho que é primordial.

P: Você acha que é essencial.

E3: Eu acho que é essencial, porque é isso que nos faz com que busquemos o conhecimento novo.

P: Porque assim, no começo você falou que o curso que mais te chamou atenção foi esse relacionado à atividade física.

E3: Sim.

P: E às vezes alguns professores provocavam reflexão. Então o que você está falando: que gostou muito de um curso que a maior parte dele não tinha reflexão. Não significa que ele foi ruim, mas ele não tem muita reflexão que você acha primordial.

E3: Então, eu acredito que o pouco que teve, eu diria 15, não chega a 20% do curso todo. Ele fez a diferença. Só isso fez a diferença do curso todo.

P: Mas e a outra parte que eu imagino que parece com conferências, mais conteudistas, também foi boa para você?

E3: Sim, também é bom porque eu entendo que é uma entrega de material para que eu entenda, reflita e possa discutir isso no futuro.

P: Então você assume uma responsabilidade, fora da daquele espaço, para refletir sobre as coisas.

E3: Então, eles estão me dando uma informação que eu não tinha. Então, isso faz com que eu consiga refletir melhor. Então, eu imagino que mesmo a parte que eu imagino que seja ruim me ajudou bastante.

P: Ótimo. A última questão dessa etapa. A última questão da entrevista. Em síntese, por que é importante fazer cursos de Extensão Universitária?

E3: Para que você consiga melhorar a sua prática.

P: Você trabalha na rede privada, certo? Tem algum benefício burocrático você fazer Extensão Universitária?

E3: Na escola e na faculdade que eu trabalho não, mas também não tem incentivo, mas também não tem nenhuma restrição.

P: Não tem restrição.

E3: Eu posso fazer numa boa só que eles não me ajudam em nada com isso, Se eu faltar eu perco o dia ou eu tenho que repor em outra hora. Até entendo pela parte profissional, assim.

P: Empresarial.

E3: Isso. A parte mais administrativa.

P: Não sei se é a melhor maneira possível, mas pelo menos te dar a oportunidade de você trabalhar em outro horário já é bem melhor do que não dar oportunidade nenhuma.

E3: Já é um primeiro passo.

P: Porque assim, na rede municipal, na rede pública em geral, poderia ser para evolução funcional. Na rede privada, eu poderia supor, por exemplo, que é também para você não perder emprego. Sei lá, você tem que se manter atualizado. Porque assim essa instituição acha que eu devo me manter atualizado se não eu estou fora. Você consegue pensar.

E3: Nas instituições que eu estou, as duas, isso é irrelevante. Eles não estão preocupados com a sua formação. Pelo contrário, na faculdade que eu trabalho eu não falo lá que eu sou mestre. Porque se eu for mestre, eu começo a ser mal visto porque eu ganho mais e o especialista que pode fazer tanto quanto eu ganha menos. Então lá eu não sou mestre.

P: Já os seus alunos. Eles te cobram alguma coisa em relação a isso?

[xxxx]

E3: Os alunos dão muito valor.

P: Você compartilha com eles a sua experiência, eles gostam? Ele perguntam se você vai fazer outra coisa.

E3: Sim, compartilho bastante. Falo muito, uso exemplos próprios nas minhas aulas. Eles conhecem muito da minha vida pessoal e muito da minha formação acadêmica. Então ele sabe da minha história acadêmica, eles sabem aonde que eu acertei, na minha cabeça. Eles sabem aonde eu errei, o que eu faria diferente o que eu não faria. Aonde eu bateria a cabeça de novo. Eu gosto de abrir isso para os alunos. Porque imagino que aquela galerinha deve estar sentindo a mesma coisa que eu sentia quando eu estava na faculdade. Então eu vejo que eu ali eu sou uma pessoa que, na cabeça deles, eu venci. Na cabeça deles eu venci, por mias que na minha cabeça eu não venci ainda. Na cabeça deles eu venci. Então eles me vêem ali como vitorioso. Então, eles querem entender o que aconteceu para eu ter essa vitória. O que aconteceu para eu ter essa vitória. Então, eu tento mostrar para eles que eu não sou esse vitorioso que eles imaginam. Só que juntamente a isso eu tento mostrar o caminho. Eu mostro o meu caminho foi esse. Se você vai fazer igual, diferente vai da sua cabeça. Eu gosto muito de fazer isso com os alunos.

P: E a universidade oferecendo extensão, você enxerga a extensão como um processo em que se articula a teoria e a prática?

E3: Sinceramente, os cursos que eu fiz lá no meu estágio eram diretamente práticos porque eles tinham a proposta de ser prático. Eles estavam precisando de material humano.

P: Mas a parte teórica era separada ou articulada?

E3: Puxa vida, era e não era. Porque tinha muita coisa intrínseca ali. Era o mesmo professor que dava a teórica e prática e ele já conseguia fazer esse jogo. E tinha muita aula só teórica que a gente pensava: “O que essa aula está fazendo neste curso?”. Parecia que não ornava com o que estava acontecendo. Depois eu descobri para que servia o curso e aí eu entendi.

P: Ok. Existe o tripé da universidade que é o ensino, a pesquisa e a extensão e desde a Constituição de 1988 existe a indissociabilidade entre estas três vertentes. Então, para que exista uma universidade, ela tem que oferecer esses três caminhos. O que você tem a falar sobre isso?

E3: Cara [...]

P: Quando você estava na IESpriv6 você observava a articulação entre ensino, pesquisa e extensão?

E3: Sim, mas não por conta de altruísmo universitário. Eles estão precisando daquilo. Não porque era ela bacana, mas porque era necessário.

P: Mas ocorria a articulação?

E3: Ocorria nesses cursos. Com o tempo trabalhando lá e depois fazendo mestrado e hoje fazendo doutorado, eu percebo que as universidades federais já têm um problema muito grande. E fatalmente eu vou ser um desses problemas também. São os estudantes profissionais. Ele é um cara que sempre viveu na universidade e ele tem uma bagagem prática muito pequena. E aí o que acontece, ele entra na universidade e aí a universidade obriga que ele faça as três coisas. E ele não consegue fazer, porque ele não tem know-how para fazer pesquisa ou ele não tem know-how para fazer ensino. Só que é o mesmo cara que faz os dois. Então, ele puxa a sardinha para onde ele entende. Eu tenho colegas que são ótimos pesquisadores, péssimos professores, péssimos administradores. Eu conheço um professor que um ótimo administrador, ele é um cara ótimo, ele pensava, ele conseguia engajar o pessoal, só que a parte de ensino era péssima.

P: Mas você acha que é um problema na formação desse profissional?

E3: Eu não acho que é um problema da formação do cara, eu acho que é do jeito que ele entra ali. O cara que entra ali, geralmente, ele não conhece essas três coisas. E sempre vivenciou pesquisa. Ele fez um mestrado, um doutorado agora vai ser professor universitário. E ele pensa que vai continuar fazendo só pesquisa. E não é isso que acontece.

P: Ele precisa fazer tudo.

E3: Ele precisa fazer tudo. Então, ele é um cara que não tem know-how nas outras práticas. E às vezes ele nem quis fazer e nem aprender as outras coisas. Só que ele é obrigado a fazer. E aí às vezes dá certo, e às vezes dá muito errado.

P: Mas eu preciso entender melhor. Esse professor que dava a extensão era pesquisador? Os Estagiários eram os Estagiários de Pesquisa? Por exemplo, o curso de Biologia do Conhecer era extensão. Eu estou trabalho com pesquisa na área da extensão. Então, foi um curso que quem ministrou foi a universidade para a sociedade em geral. A gente coletou dados, agora e antes, para fazer pesquisa. Só que o curso sempre também foi ensino, preocupado com o ensino. Da para entender a relação? É uma rede.

E3: O nosso não tem essa parte ensino. É só pesquisa. Então, o que aconteceria, se eu quisesse continuar naquele laboratório eu deveria fazer um curso de extensão e tentaria fazer o mestrado. Dando este passo eu estaria nesse pessoal da extensão que usaria, no próximo curso, estagiário. Então, eu coletaria dados para pesquisa e esse pessoal que trabalhou ali, entre aspas, ganhou um curso. Só

P: Só não concordo com uma coisa. Acho que é ensino sim porque tem um conhecimento que era compartilhado com os alunos.

[xxxx]

P: Agora para finalizar. Especificamente sobre o curso de Biologia do Conhecer, realizado em agosto 2016, você se lembra de alguma coisa discutida que contribuiu para a sua prática docente?

E3: Sim. Foi um curso que acho que teve dois dias.

P: Dois sábados.

E3: Dois dias. E no segundo dia teve uma discussão sobre os conceitos de vida dos autores e os conceitos de vida que nós imaginamos que seja daquela forma. E uma das professoras pensava diferente. Eu achei que, aquele momento me marcou muito, porque eu fiz uma pergunta diretamente para essa professora que eu queria entender por que ela pensava diferente. Eu não queria entender o ponto de vista dela.

P: Só para contextualizar, esse curso foi ministrado por alguns alunos e por três professoras da universidade. E assuntos importantes, discutidas em textos, as professoras eram divergentes entre elas em relação a alguns conceitos discutidos. Então, o sujeito desta pesquisa está relatando isso.

E3: Eu achei muito interessante. Eu não estava preocupado com a resposta dela. Ela não precisava me convencer que ela estava certa ou eu convencê-la que ela estava errada. O que eu achei interessante foi a argumentação que teve ali naquele momento. Se é A ou é B pouco importa. O que importa é que houve essa argumentação e isso me marcou muito. E eu levei isso para a minha prática. Sempre que acontece isso, na minha aula [...] Antes se acontecesse três ou quatro ou cinco vezes até eu chegar e falar: “Você está errado!”, para o aluno. E hoje essa três, quatro ou cinco vezes chega a quarenta, cinquenta vezes. Porque será mesmo que ele está errado? Naquele momento a discussão para. Só que fica reverberando. Conversa na próxima semana e vamos conversando e vai levando e isso eu trouxe desse curso.

P: Muito legal esse relato. Muito mesmo. Porque você está me dizendo, eu já conversei isso com outros sujeitos dessa pesquisa, que a dúvida, às vezes é muito mais importante do que as respostas. Porque as respostas são sempre muito imediatas e pode, muitas vezes, não gerarem processos de pensamento que são muito ricos para aprendizagem. Então quando a gente falou um pouquinho sobre reflexão é exatamente isso. É ficar reverberando os assuntos, refletindo, re-analisando e fazendo perguntas. E se a dúvida foi o final daquela discussão daquele, o que tem demais?

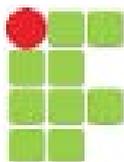
E3: Sim.

P: Tem mais alguma coisa a falar?

E3: Não.

P: Então, muito obrigado.

APÊNDICE E
(Modelo do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido)



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Comitê de Ética em Pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado para participar da pesquisa “A Importância da Extensão Universitária na Formação Contínua de Professores da Educação Básica”. O objetivo central deste estudo é investigar a importância da Extensão Universitária, como modalidade de formação contínua, segundo professores da educação básica. Você foi selecionado porque você participou do curso “A Biologia do Conhecer e o Ensino de Biologia” em agosto de 2016 na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Sua participação não é obrigatória, nem remunerada. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder perguntas em uma entrevista em que serão discutidas questões relacionadas às temáticas “Extensão Universitária” e “Formação Contínua de Professores da Educação Básica”.

Em relação ao risco da pesquisa, declara-se haver possibilidades mínimas de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural do ser humano, em qualquer etapa da pesquisa e dela decorrente. Por envolver a realização de uma entrevista, porventura, o entrevistado pode sentir desconforto em responder alguma questão. Esta situação será minimizada com o compromisso do entrevistador não julgar o entrevistado por conta de suas respostas e deixá-lo à vontade em não responder a questão que não estiver confortável. Aos participantes cabe o direito de se retirar do estudo em qualquer momento, sem prejuízo algum. Quaisquer dúvidas que existirem agora ou a qualquer momento poderão ser esclarecidas, basta entrar em contato pelos telefones abaixo mencionados.

Como benefício direto decorrente da participação como sujeito desta pesquisa se tem o esclarecimento de conceitos relacionados aos temas discutidos na entrevista.

As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação. Os dados para o presente estudo serão coletados durante a entrevista que será gravada em áudio e, posteriormente, transcritas para análise dos dados, garantindo-se o sigilo dos nomes dos participantes, bem como a identificação de quaisquer características e informações que possam identificar os sujeitos de pesquisa. Os dados serão utilizados no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão de Curso de uma especialização na área de Educação e, possivelmente, na produção de artigos científicos a serem publicados em revistas especializadas na área temática relativa à pesquisa.

Você receberá uma via deste termo onde constam o telefone e o endereço institucional do pesquisador principal e do CEP, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Prof. Dr. Fernando Santiago dos Santos

Orientador

E-mail: fernandosrq@gmail.com

Rodovia Pref. Quintino de Lima, 2100

Paisagem Colonial - São Roque, SP

Telefone: (11) xxxx-xxxx

Luiz Fabio Dimov

**Estudante de Pós-Graduação Especialização
em Formação de Professor – Ênfase no Ensino
Superior**

E-mail: fabio_dimov@hotmail.com

Rua xxxxxxxxx, xx – São Paulo

Telefone: (11) xxxxx-xxxx

<p>COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA Rua Pedro Vicente, 625 Canindé – São Paulo/SP Telefone: (11) 3775-4569 E-mail: cep_ifsp@ifsp.edu.br</p>

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Participante da Pesquisa
Assinatura e nome